

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA  
UM ESTUDO JUNTO A ADOLESCENTES**

**ANGELA MARCIA FOSSA**

**PIRACICABA-SP  
2003**

# **EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA UM ESTUDO JUNTO A ADOLESCENTES**

**ANGELA MARCIA FOSSA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. JOSE MARIA DE PAIVA**

**Dissertação apresentada à  
Banca Examinadora do  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação da UNIMEP  
como exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre  
em Educação**

**PIRACICABA-SP  
2003**

**BANCA EXAMINADORA**  
**PROF. DR. JOSE MARIA DE PAIVA**  
**PROF. DR. CESAR A. NUNES**  
**PROF(a) DR(a) LEILA JORGE**  
**PROF(a) DR(a) MARIA CECÍLIA C. FERREIRA**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço ao professor José Maria, meu orientador, pela oportunidade e colaboração decisiva na conclusão do mestrado;**

**Aos meus pais Anna e Isidoro; aos meus filhos Mateus e Júlia; e ao Maurício, meu companheiro pela afetividade e incentivo constante;**

**Ao Prof. Dr. César A. Nunes, à Prof. Dra. Leila Jorge e a Prof. Dra. Maria Cecília Carareto Ferreira pelas críticas e sugestões;**

**Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP pela contribuição na minha formação;**

**Ao Prof. Dr. Davi de Barros e ao Prof. Dr. Elias Boaventura pelo incentivo;**

**Aos Diretores, Coordenadores e Professores das Escolas Estaduais, pela colaboração e espaço oferecido;**

**Aos adolescentes, pela participação e vitalidade;**

**A Lourdes e a Gisele, pelo carinho dedicado ao Mateus e à Júlia;**

**Ao Guilbert, Vera, Ivete, Iraci, Simona, Cecília e Maria do Carmo pelo companheirismo, aprendizado e entusiasmo no trabalho com adolescentes;**

**Ao Marcelo, a Giovana, à Lúcia, ao Rogério, à Marcinha, à Ana, ao Gurgel e Mick, a dona Clarice e Sr. Edvaldo pelo apoio e amizade;**

**Ao Maurício pelo companheirismo e apoio técnico para conclusão deste trabalho.**

## **RESUMO:**

Este trabalho pretende conhecer como os adolescentes, alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do Município de Piracicaba, percebem a educação sexual na escola e contribuir para a desmistificação do adolescente como “problema”, da sexualidade como “tabu”.

Inicialmente resgatamos os conceitos de adolescência, sexualidade e educação sexual. Apresentamos os depoimentos, obtidos através de grupos focais de adolescentes, e analisamos com ênfase nos seguintes aspectos: sexualidade na adolescência, educação sexual e educação sexual na escola.

A sexualidade aparece como uma característica importante na identidade adolescente. Os entrevistados reconhecem que há diferenças entre sexo e sexualidade e, constatamos que eles trazem o desejo de romper com a discussão de sexualidade limitada e reduzida a genitalidade, à reprodução e ao medo de contrair as doenças sexualmente transmissíveis. Consideram a educação sexual na escola como a oportunidade dos adolescentes receberem informações e discutirem assuntos que geralmente não são conversados na família, tais como relacionamento, amor, namoro, prazer, homossexualismo, aborto, masturbação.

Eles trazem muitas informações preconceituosas sobre sexualidade. A educação sexual na escola é descrita e lembrada como uma atividade ocasional, sem continuidade, motivada pelas perguntas dos alunos e interesse de alguns professores; que parece estar ancorada numa visão biológico-reprodutiva, estando ausentes as reflexões de sexualidade como necessidade humana, modulada por valores subjetivos e individuais, de cunho religioso, cultural, histórico e social.

Destacamos a importância do planejamento na educação sexual, e da elaboração conjunta das atividades, da formação continuada dos professores e da avaliação das intervenções com os alunos. Lembrando que a escola é uma mediadora privilegiada na discussão da sexualidade junto aos adolescentes, sem substituir a família, mas assumindo o seu papel na tarefa de educar para vida, incluindo aspectos relacionados à afetividade, gênero, violência doméstica, exploração e abuso sexual, com a finalidade de desenvolver e fortalecer o senso crítico no cotidiano, resgatando a auto-estima e a capacidade de ação para transformação desta sociedade.

Reconhecemos que a formação dos educadores abre espaço para incorporar a discussão da sexualidade, a compreensão desta como dimensão humana e instrumentaliza os educadores para trabalhar as concepções e as transformações da sexualidade ao longo da vida. A parceria com a família, com os serviços de saúde e outras instituições, é fonte potencial de contribuições para o trabalho de educação sexual na escola.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A Pesquisa e os Sujeitos	10
1 – ADOLESCÊNCIA	14
2 – SEXUALIDADE	23
2.1 - Sexualidade na Adolescência	26
2.2 - Educação Sexual	30
3 – A PESQUISA REALIZADA	39
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
4.1 - Como a sexualidade aparece na construção da identidade adolescente	48
4.2 - A Educação Sexual na Escola	55
4.3 - A Educação Sexual relatada pelos adolescentes	64
4.3.1 - O Corpo	64
4.3.2 - Doenças Sexualmente Transmissíveis	73
4.3.3.- Gênero	80
5 – CONCLUSÃO	87
5.1 - Considerações gerais a respeito dos relatos dos adolescentes sobre a orientação sexual na escola	87
5.2 - Recomendações para orientação sexual na escola	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	
Anexo 1 – Caracterização dos Sujeitos	101
Anexo 2 – Modelo de Formulário	109

## APRESENTAÇÃO

Entendida como um fenômeno das sociedades modernas, a adolescência tem destacada importância social. Transformou-se nos últimos anos em objeto de preocupação mundial e tem recebido atenção crescente da mídia, da sociedade civil e de segmentos governamentais. No Brasil cerca de 30% da população é composta por adolescentes, ou seja, 36 milhões de brasileiros, dos quais 62.107 estão em Piracicaba<sup>1</sup>. Portanto o que dizem e pensam os adolescentes tem relevância para seus pares e para sociedade.

A adolescência é descrita, frequentemente, como uma etapa ou fase de desenvolvimento biológico. Embora haja uma respeitável produção teórica acumulada, sua definição é tema de discussões e controvérsias.

**Se o entendimento do que seja a adolescência é marcado por divergências, se não existe referencial biológico para determinar o fim da adolescência (MEDRADO E LYRA, 1999), no âmbito da saúde há unanimidade em considerá-la como um período relativamente livre de doenças, porém com riscos relacionados à formação de hábitos, exposição à violência, às substâncias psicoativas e à iniciação sexual.**

---

<sup>1</sup>Fonte: dados do IBGE relativos ao censo 2000

Estes riscos devem ser enfrentados prioritariamente pelo poder público e toda a sociedade, conforme prevêm as Resoluções da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994, da qual o Brasil é um dos países signatários. A escola é considerada o local mais propício para reflexão e abordagem continuada de temas como sexualidade, gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis, tendo como objetivo a educação sexual.

Como o conhecimento dos adolescentes sobre a vida e a sexualidade não é construído espontaneamente e nem desvinculado das práticas sociais específicas, e da escola em particular, esta não pode limitar a sua atuação ao processo de formação acadêmica se tem como perspectiva a formação integral do aluno. Os adolescentes como sujeitos do processo de aprendizagem precisam ser compreendidos como possuidores de sexualidade.

O Ministério da Educação ao aprovar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais e incluiu a orientação sexual como um tema transversal a ser desenvolvido no ensino fundamental, que deve ser tratada na escola inteira.

Como o exercício da sexualidade envolve “aprendizados” e é uma construção intersubjetiva, a escola está colocada diante de uma problemática complexa, que passa pelo entendimento do que sejam adolescência, sexualidade e orientação sexual; das relações entre os atores deste processo - professores, pais e alunos - diante das dificuldades que ainda gera a discussão da sexualidade.

Apesar da inquestionável necessidade de inserir a orientação sexual na escola, da legitimidade dada pelas Diretrizes Curriculares e da incorporação deste tema nos Parâmetros Curriculares Nacionais, acreditamos ser oportuno trazer a discussão da orientação sexual sob o olhar do adolescente. Entendemos que “o ser adolescente” traz os traços e marcas do momento histórico, dos recursos que os adolescentes dispõe para viver a sexualidade e situar-se em sua época. Com muita freqüência, apesar de toda produção teórica acumulada, o adolescente particularmente de bairros populares ainda é pouco ouvido como sujeito no processo de ensino.

E o adolescente, sujeito da educação sexual, não é uma tábua rasa, ele traz valores e informações interiorizadas a partir da sua vivência social na família, na escola e na



comunidade. Conhecer o que os adolescentes sabem e pensam sobre a sexualidade e como analisam a orientação sexual que recebem e qual a educação sexual que sentem necessidade pode contribuir para o processo ensino aprendizagem e para a sua formação contínua como seres sexuais. Entendemos que tomando como dado os discursos dos próprios adolescentes (garotos e garotas) amplia-se à possibilidade de refletir sobre a construção da sexualidade, o processo educativo e de socialização.

Ao longo dos últimos anos, através da nossa prática profissional, como professora da escola pública e como enfermeira do Núcleo do Adolescente, temos nos envolvido profundamente com a questão da adolescência, particularmente da sexualidade na adolescência, buscando a partir do ensino e da assistência analisar e compreender o processo de desenvolvimento dos adolescentes e os reflexos das mudanças que vão alterando a forma de encarar e viver a sexualidade neste período.

No nosso contato diário com várias situações e histórias de adolescentes, na escola ou nos serviços de saúde identificamos muitas dificuldades no viver a sua sexualidade, percebemos os desafios encontrados pelos adolescentes nas relações com os parceiros/parceiras, da gravidez e dos desafios para assumir as próprias decisões, os conflitos intensificados pela concepção distorcida da sexualidade apresentada pela mídia.

Não há como negar que os adolescentes têm cada vez mais informação, e, embora iniciem mais cedo sua vida sexual, esta iniciação revela que muitos tabus e preconceitos não foram vencidos. Preocupamos quando constatamos que muitas vezes toda a informação disponível é na maioria das vezes destituída de um processo de reflexão, e que atropela seus valores e sua história, acarretando angústias e dificultando a tomada de decisões.

Nossa experiência tem apontado para necessidade de proporcionar espaço para os adolescentes serem protagonistas de sua sexualidade, de sua vida enfim através da educação sexual na escola. E foi dentro deste contexto que o projeto de pesquisa começou a ser delineado. O interesse é abordar a Educação Sexual na escola a partir dos adolescentes, alunos de duas escolas públicas do município de Piracicaba. Nesta ação o principal ponto a ser pesquisado e conhecido consiste nas opiniões e vivências dos alunos referentes à Educação Sexual.

Desta forma, acreditamos abrir espaço para que os alunos-adolescentes possam revelar-se e refletir criticamente sobre as imagens pré-concebidas. Pois defendemos que a educação escolar também deve estar vinculada, às suas necessidades, ao contexto em que vivem, as dificuldades e a compreensão que têm das manifestações da sexualidade. Entendemos que o objetivo da educação sexual na escola é dar condições aos adolescentes de entender a sexualidade como um processo de transformação contínua que pode ser vivenciado de forma saudável e prazerosa, respeitando as pessoas e a si próprio.

Os alunos são, portanto, a figura central desta ação e deles falaremos, através dos seus próprios relatos sobre adolescência, sexualidade e educação sexual, resgatando suas histórias e as memórias das aulas cujos conteúdos identificam como Educação Sexual.

## **A Pesquisa e os Sujeitos**

Consideramos que para elaboração de qualquer estratégia educacional é necessário o conhecimento prévio dos sujeitos do processo. Conhecer é um processo social, e o diálogo é uma das bases desse processo. Como aponta ARAUJO (2002) citando Paulo Freire, “as escolas deveriam ouvir sempre seus alunos a respeito do que lhes é ensinado e fazer avaliações permanentes”.

Fomos buscar nos depoimentos dos alunos subsídios para discutir a educação sexual na escola. São estes relatos que nos permitem refletir sobre as necessidades e pertinência da Educação Sexual na escola, como espaço para construção de um novo conhecimento que possibilite que questões referentes à sexualidade humana possam ser dialogadas; refletidas e provocar mudanças na sua relação com seus pares, com professores e com a escola e nas suas vidas.

Através dos grupos desenvolvidos com os adolescentes vamos conhecer um pouco o professor. O professor deve ser objeto de uma investigação específica dada importância do seu trabalho como educador na Orientação Sexual escolar. Nesta pesquisa ele estará presente através dos relatos dos alunos.

O presente trabalho tem a preocupação de caracterizar o entendimento que o adolescente tem acerca de adolescência e sexualidade, estruturando um cenário onde se possa buscar propostas para aproximá-lo da escola e dos professores e resgatar a educação sexual vivida pelos sujeitos, assim como conhecer as suas sugestões para educação sexual na escola. A leitura de seus depoimentos se fará em contraponto com as posições dos estudiosos do assunto.

Os adolescentes sujeitos desta pesquisa foram contatados a partir de um trabalho de parceria entre serviços de saúde do Município e escolas estaduais.

A coleta dos depoimentos foi obtida através do preenchimento de formulário e da participação em grupos focais. Os conteúdos dos grupos focais foram definidos em função de aspectos que consideramos relevantes com base na literatura existente, e dos resultados obtidos em um estudo exploratório que constou da opinião dos adolescentes sobre educação sexual na escola e de um grupo com adolescentes sobre o tema, que foram realizados previamente.

Realizamos um estudo exploratório com adolescentes de uma das escolas, como ensaio para realização dos grupos focais. Este estudo foi realizado durante um intervalo de aula. A coordenadora pedagógica facilitou a aproximação e, depois de apresentados os objetivos, 10 adolescentes se dispuseram a participar do estudo exploratório. Estes momentos foram gravados e parcialmente transcritos; isto, devido a dificuldades técnicas relativas à com a qualidade da gravação.

Para realização dos grupos focais, os sujeitos sociais que se constituíram como objeto de estudo da educação sexual na escola foram definidos a partir do seu interesse em conversar sobre adolescência, sexualidade e educação sexual na escola. Adotamos a caracterização de adolescente como indivíduos na faixa etária entre 10 e 19 anos, alunos de escola pública, período noturno, matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental ou 3º Ano do Ensino Médio.

Os momentos de contato para coleta de dados foram riquíssimos e permitiram um processo de reflexão simultâneo. Um envolver com as histórias e em um movimento contínuo atuar na informação e reflexão junto aos adolescentes.

Participaram do Grupo Focal número 1, que denominaremos GF1, oito adolescentes na faixa etária dos 14 a 16 anos, com média de idade de 15 anos, sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Destes adolescentes 5 já trabalham, sendo que 2 garotas são babas e 1 é recepcionista. Dos garotos que trabalham 1 é eletricista e o outro ajudante de serviços gerais. Os salários destes adolescentes variam de  $\frac{1}{2}$  a 1 salário mínimo, sendo que 87% das famílias têm renda de até 3 salários mínimos.

As atividades de lazer mais frequentes entre os adolescentes que participaram deste grupo focal estão: assistir televisão e passear com amigos, também aparece passeios ao Engenho e Rua do Porto. Todos os garotos declaram jogar futebol para se divertir e 01 garota joga vôlei.

Todos moram com familiares, sendo que 87% com os pais, 01 garota mora com avó. Quanto à religião, 4 são católicos, 2 evangélicos e 2 não têm religião no momento. Em relação à educação sexual, 04 relataram que receberam as primeiras informações sobre sexualidade na família, 02 adolescentes receberam de amigos, e 02 adolescentes disseram não ter recebido orientações. Deste grupo apenas 03 adolescentes se sentem à vontade para falar de sexualidade em casa. E apenas 02 relatam terem tido aulas de educação sexual na escola de forma regular, porém 06 deles trazem depoimentos de aulas cujo conteúdo relacionam a educação sexual. Entre os adolescentes entrevistados há consenso da necessidade da educação sexual nas escolas.

Para a realização do grupo focal número 2, três adolescentes foram contatados após participação em uma oficina do Encontro dos Adolescentes das escolas estaduais, interessados em atuar como multiplicadores de informação. Este contato inicial gerou um encontro para se falar da pesquisa. Foi gravado e transcrito e levou a apresentação da proposta para a sala de aula, solicitando sua colaboração. O contato com a sala de aula aconteceu durante uma aula de biologia, onde a professora incentivou a participação dos alunos no preenchimento do formulário. Foram convidados para participação no grupo focal, sendo que 16 adolescentes manifestaram o interesse, porém ao serem informados da necessidade do limite de participantes, da necessidade de expor suas opiniões e do registro dos depoimentos através da gravação, 3 adolescentes desistiram e 2 se dispuseram a participar de um eventual próximo grupo.

Portanto, no Grupo Focal número 2; que denominaremos GF2, participaram 11 adolescentes no primeiro encontro e 9 adolescentes no segundo encontro. Este segundo encontro foi solicitado pelos próprios adolescentes que tinham interesse em conhecer alguns métodos anticoncepcionais.

Na composição do grupo focal número 2, tivemos quatro adolescentes do sexo masculino e sete do sexo feminino, na faixa etária de 16 e 18 anos, com média de idade de 17 anos, destes 6 adolescentes trabalham. Entre as profissões declaradas aparecem monitores, estagiários, ajudantes e vendedores. Estes adolescentes tem salários que variam de 1 a 1 e 1/2 Salário Mínimo, a renda média das famílias neste grupo é de cerca 4 salários mínimos.

Neste grupo as atividades de lazer mais freqüentes são: ouvir música, conversar com amigos, namorar, assistir televisão, passear e fazer esportes. Para uma das adolescentes as suas atividades de lazer são sair com os filhos e a internet. Todos moram com familiares (mãe e/ou pai), sendo que 1 garota mora com a família do companheiro. Quanto à religião, 6 declaram que são católicos e 5 evangélicos. Em relação às primeiras informações sobre sexualidade: 50% dos adolescentes receberam está na escola, 30 % com a família, principalmente a mãe; e 20% com amigos, palestras e folhetos. Dos entrevistados 70 % não se sentem à vontade para falar de sexualidade com os pais, sendo que destes 60 % não conversa ou fala raramente sobre o assunto na família. Em relação à educação sexual na escola, 50 % considera que não teve aulas de educação sexual na escola, destes 80 % relatam conversas, trabalhos escolares e discussões cujos conteúdos estão relacionados a educação sexual. Nos depoimentos os professores e as aulas de biologia são citados como mais freqüentes na abordagem destes conteúdos, seguidos pelas aulas de português. Todos os adolescentes deste grupo consideram necessária a educação sexual na escola.

Por todo o exposto, focalizamos e dirigimos o olhar para estes sujeitos e construímos esta dissertação. O Capítulo 1º faz uma introdução ao tema adolescência, apontando para sua importância na atualidade. Apresenta uma revisão bibliográfica sobre a construção da adolescência. O capítulo 2º destaca a sexualidade como experiência humana muito própria da adolescência e discutimos a orientação sexual. No Capítulo 3º, são

descritos os objetivos do estudo e em seguida descreve-se os procedimentos metodológicos. No capítulo 4º apresentamos a descrição e a discussão dos resultados com base nas classes de análise. O Capítulo 5º apresenta a síntese do estudo.

## 1 – ADOLESCÊNCIA

*“O que é ser um adolescente? Esta pergunta pode ser respondida de uma infinidade de formas, inclusive aquela que diria que o adolescente não é, mas, mesmo desafiando a estrutura formal da gramática, ‘o adolescente são’, destacando-se a variedade de experiências e de formas deste sujeito, como outro qualquer, de se reconhecer e posicionar em relação ao mundo a sua volta” (LYRA da FONSECA, 1997: 54).*

A crescente importância social do período etário da adolescência estimulou o surgimento de diversos estudos que formularam modelos para compreensão do comportamento de adolescentes e jovens. Estes modelos apresentam em comum: a caracterização da adolescência como uma fase da vida onde se destaca a puberdade, transformações que algumas vezes são apontadas como transtornos; a passagem de uma condição social mais recolhida e dependente para uma mais ampla; um período de preparação para o ingresso social na vida adulta.

**Porém estes modelos apresentam pouco consenso ao discorrer sobre aspectos particulares da adolescência que são bastante destacados no dia a dia como, por exemplo, o conflito de gerações, a participação política, a sexualidade, a gravidez e a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). E até mesmo a caracterização**

**etária apresenta divergências: a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) consideram adolescentes indivíduos na faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) legisla que são adolescentes indivíduos de 12 a 18 anos.**

**Freqüentemente são veiculadas idéias alarmistas sobre adolescência, associadas à crise, desordem, irresponsabilidade, incoseqüência e a problemas sociais no âmbito da educação, segurança e saúde. Existe uma tendência de considerar o adolescente como irresponsável, despreocupado com o futuro, interessado apenas no presente e no prazer, que não aceita regras e questiona sempre e sem necessidade. A**



situação é tão complexa que, segundo CALLIGARIS (2000: 9), os próprios adolescentes precisam “lutar contra a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais”.

MINAYO (1999), em pesquisa realizada pela UNESCO entre adolescentes das escolas das redes pública e privada de ensino do Rio de Janeiro, apontou que os jovens têm a percepção que a mídia constrói a imagem do adolescente brasileiro baseada em dois estereótipos: a juventude associada às drogas, ao sexo e à baderna, ou a juventude apresentada como a geração-saúde, sempre bonita e saudável.

SOUZA (1998) argumenta que o desafio está em “tentar

**ultrapassar o preconceito e perceber, não só problemas, não só a angústia social frente à juventude, mas ter a ousadia de olhar e ouvir o jovem, de procurar compreender de forma isenta e sistemática, quem é, o que pensa, o que sente, como organiza o mundo e a realidade e como age”.**

Ao conceituar adolescência de uma determinada maneira temos presente uma visão de adolescente cujas características básicas encontram sua correspondência no conceito emitido ou assumido, da mesma forma que, quando atuamos com adolescentes, implicitamente carregamos uma concepção de adolescência (PERES & ROSEMBERG; 1998).

A noção de adolescência tem suas raízes na Grécia Antiga, onde Aristóteles considerava os adolescentes como "*Apaixonados, irascíveis, capazes de serem arrebatados por seus impulsos,... [ainda que tenham] altas aspirações...*" (GHUNTER; 1999: 15). Antropólogos e historiadores descrevem ritos de sociedades tribais que caracterizam a passagem da criança para o mundo adulto.

*Nas comunidades indígenas colombianas não existe o conceito ou categoria de adolescente. Diz-se que o menino passa a ser homem com responsabilidades familiares e comunitárias, quando está apto a trabalhar e a conseguir esposa, e a menina passa a ser mulher quando ocorre o evento social da menarca; quando isto ocorre, há ritos e festas especiais, pois este evento também é uma manifestação da natureza. (OPAS, 1991: 6)*

Nas culturas ocidentais a adolescência é entendida como “um momento privilegiado de passagem do mundo infantil ao universo adulto”. (ARANHA; 1995: 290).

Porém a despeito da concepção hegemônica de adolescência como etapa de transição, vários estudos têm destacado a adolescência como construção social definida pelo tempo e pelo espaço sócio-cultural, onde os problemas dos adolescentes nem são universais, nem estão ligados à natureza humana, mas dependem de pautas culturais.

*A adolescência não constitui uma categoria antropológica constante, mas uma categoria histórica. Há civilizações sociologicamente sem adolescência. Nas sociedades arcaicas, o mecanismo social da iniciação, prova ritualizada, cruel e longa em que a criança deve morrer para nascer o adulto, operam uma mutação, impedindo a visão das transições psicológicas da adolescência. Na maioria das sociedades históricas, a ausência de escolaridade e a precocidade do trabalho fazem da adolescência uma realidade mais ou menos clandestina privada de estatuto cultural. (MORIM, 1986: 137).*

PHILIPPE ARIÈS (1981), no livro História Social da Criança e da Família, reconhece o surgimento da noção de infância e, muito posteriormente, da adolescência. Argumenta que na sociedade medieval não havia uma separação clara entre o mundo infantil e o mundo adulto. A criança era vista como um adulto em miniatura, que “mal adquiria algum desembaraço físico era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos”. De criancinha pequena ela era transformada em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, “que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.” (ARIÈS, 1981: 10).

Nas sociedades industriais a criança e a família assumem novo lugar. O autor fala em “enclausuramento” da criança por intermédio da escolarização, que possibilitou o (re) nascimento do sentimento de infância. Assim como a infância necessitou de um espaço para se constituir a adolescência também só passou a ser entendida como tal a partir do momento em que se tornaram mais complexas as visões sobre o que é ser jovem.

Nas sociedades tradicionais a divisão entre o mundo jovem e o mundo adulto era, basicamente, a divisão entre o casado e o não casado, entre a virgem e a nubente. No mundo moderno, especialmente a partir do século XVII, começa a ocorrer uma transformação da família, que se retrai para a esfera privada e reorganiza-se em torno da criança e, mais tarde, também em torno do adolescente.

Com o processo de escolarização da criança, esta passa a ser mantida a distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo, o que foi dando consistência e

visibilidade à etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto consistida pela adolescência e a juventude.

**O prolongamento do mundo escolar para os filhos das famílias burguesas propiciou o surgimento da condição juvenil. Os jovens burgueses freqüentavam os liceus, enquanto jovens excluídos do mundo do trabalho construíram uma identidade própria, assentada em valores iluministas e nos ideais estéticos do Romantismo, mas também recuperando algumas tradições da cultura da aldeia. As meninas, independentemente das classes às quais pertenciam, eram educadas para que se comportassem desde cedo “como adultas”, fosse para assumir o matrimônio, o lugar da mãe, ou a vida religiosa.**

Se até o século XVII, a juventude era confundida com a infância, a partir do século XVIII, a adolescência ganha espaço, a infância é “empurrada para trás”, enquanto que a

maturidade é “empurrada para frente” (Airés, 1981: 47). No século XIX adolescência ganha espaço como “fase peculiar da vida humana” e no século XX a juventude adolescente aparece como uma etapa socialmente distinguível adquirindo o “sentimento moderno da adolescência”.

**Para CAVALCANTI (1988) e FRUET (1995), a adolescência é uma das conseqüências do processo de industrialização e a formação das grandes cidades no século XVII e XVIII, onde ocorrem os processos de socialização do adolescente: aprendizado de normas, condutas sociais e absorção de valores são resultados de várias inter-relações com a família, escola, grupos de pares e a cultura.**

E particularmente a cultura de massas tem uma importância significativa para a compreensão e a visualização da adolescência no século XX. EDGAR MORIN (1986) aponta o “aparecimento sócio-histórico de uma ‘classe de idade’ adolescente e o surgimento de uma nova cultura juvenil”, em que o jovem sofre indeterminações, bideterminações e conflitos porque está desligado do mundo infantil, mas ainda não integrado ao mundo adulto:

*Só pode haver adolescência onde o mecanismo de iniciação, transformando a criança em adulto, se deslocou ou decompôs-se e onde se desenvolveu uma zona de cultura e de vida que não está engajada, integrada na ordem social adulta”.(MORIN, 1986: 8).*

MORIN (1986: 138) argumenta que nos anos 50 os adolescentes se distinguem por ignorar ou negar o mundo adulto, e chama a esse período de “pré-história” da cultura juvenil moderna. No período pós-guerra, aparece uma juventude *desenclausurada*, dourada, que constrói, a partir dos mitos da cultura de massas, um novo referencial de vida. O crescimento industrial e a doutrina do *welfare state* evidenciam nos Estados Unidos uma nova classe média com dinheiro e tempo livre para o lazer e a cultura de massa, que “*revelam novos heróis, adolescentes no sentido próprio, revoltados contra o mundo adulto e em busca de autenticidade*”.

Com a generalização da cultura juvenil hegemônica, a juventude surge como “nova classe social”, simbolizada pelo rock’n roll, que Morin chama de “linguagem internacional da juventude”. Esta cultura jovem é ambivalente, participa da “cultura de massas” e ao mesmo tempo busca diferenciar-se com movimentos de recusa à sociedade de consumo como, por exemplo, os hippies. Esta bipolaridade da cultura juvenil permitiu a sua aceitação por um número cada vez maior de pessoas e também propiciou sua reprodução ao longo das décadas seguintes, desvalorizando a velhice, promovendo os valores juvenis e assimilando uma parte das experiências adolescentes.

*“Sua máxima é ‘sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens’. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado, de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela verifica a lei do retardamento contínuo do Bolk, prolongando a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice”.*(MORIN, 1990, p. 157).

A extensão da escolaridade e a produção da cultura de massas ampliaram para outros grupos sociais a construção da adolescência, acrescentando, inflectindo e singularizando tensões recobertas sobre a terminologia genérica de crise psíquica da adolescência. (SOUZA; 1999)

Na mesma linha, SPOSITO (1999) aponta a existência de poucos trabalhos produzidos no Brasil sobre juventude e cultura, mas aponta uma “inquestionável motivação dos jovens em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política”. Nesse contexto movimentos como punk e o funk são manifestações da cultura jovem que refletem seu posicionamento frente à sociedade.

Outras áreas do conhecimento como a psicologia e a medicina também trouxeram contribuições para entendimento da adolescência. A visibilidade social da adolescência conta com contribuições significativas da psicologia que possui uma produção teórica das mais amplas. FERREIRA (1995) destaca as contribuições da corrente funcionalista com Hall, da behaviorista com Sears e a influência do social no desenvolvimento da criança e do adolescente; da Teoria Humanista com Eduard Sranger, Charlotte Buhler e Jean Piaget e, da psicanálise com Freud, Erikson, Knobel e Aberastury. A psicologia destaca a importância da construção da identidade, o desenvolvimento de relações interpessoais e a vivência da sexualidade, um dos aspectos a serem abordados neste trabalho.

**Para MARTINEZ (1998) os primeiros estudos psicológicos sobre adolescência são de Stanley Hall<sup>2</sup>, psicólogo norte-americano, que em 1904 publicou “Adolescência: sua psicologia e sua relação com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação”, onde definiu a adolescência como período de tempestade e tensão.**

**Hall é considerado pai da adolescência, por que se preocupou com a precocidade dos jovens e os riscos com o trabalho precoce nas fábricas, vida sexual e as prisões. Segundo MARTINEZ (1998), CALLIGARIS (2000), e MOREIRA (2000), ele lutou para que os benefícios da infância se prolongassem e a escolaridade fosse ampliada e considerada obrigatória. Para MOREIRA (2000: 14), Hall considerava que o adolescente “passava por um novo nascimento”, resultado das mudanças “*significativas, que culminavam em uma nova personalidade, diferente da personalidade da infância*”. Essas mudanças eram conseqüências “*da maturação sexual, sendo, portanto, de origem biológica*”.**

Freud trouxe as primeiras contribuições da psicanálise para o debate sobre adolescência. Em 1905, a publicação “Três ensaios sobre a sexualidade” defendeu a existência da sexualidade infantil e apontou para as inquietações do adolescente, resultado

dos conflitos sexuais que voltam a ser vivenciados depois da fase de latência, iniciada com a resolução do complexo de Édipo. A superação dos conflitos sexuais, decorrentes das mudanças hormonais e fisiológicas da adolescência, permitiria a vivência da sexualidade adulta.

**ERIK ERIKSON (1964) trouxe reformulações nas teorias psicanalíticas sobre adolescência, destacando como a principal tarefa do adolescente o estabelecimento de uma identidade segura. Para o autor a adolescência é um período de moratória, no qual o jovem passa por uma fase de questionamento e reflexão, e sofre mudanças fisiológicas. O processo de reflexão viabiliza as fases seguintes de desenvolvimento, porque dá oportunidade para o adolescente rever a sua infância e projetar a vida adulta, adquirindo, seletiva e gradualmente, uma série específica de compromissos pessoais, ocupacionais,**

---

<sup>2</sup> Psicólogo ligado corrente funcionalista<sup>2</sup>



**sexuais e ideológicos da sociedade em que está inserido. Para Erikson, o grupo, a identidade grupal e o social são decisivos para a formação do jovem.**

Para PIAGET (1995), a adolescência corresponde ao estágio das operações abstratas, em que o adolescente amplia a capacidade de raciocinar dedutivamente e através de hipóteses para solucionar problemas. À medida que vai ampliando, a capacidade de abstração aumenta a preocupação com a realidade, com a aproximação com o outro e o processo afetivo é vivido de forma mais flexível.

ABERASTURY & KNOBEL (1971), argumentam que a adolescência é um período de transição para o mundo adulto, que segue princípios gerais - a síndrome da adolescência normal, que tem como características: a busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; necessidade de intelectualizar; crises religiosas; deslocalização temporal, evolução sexual para heterossexualidade; atitude social reivindicatória; separação progressiva dos pais; contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta e constantes flutuações do humor.

Numa linha contrária, PERES & ROSEMBERG (1998 : 73/74) reconhecem que, embora seja uma tendência hegemônica na psicanálise, a expressão Síndrome da Adolescência Normal “patologiza” de antemão a adolescência além de revelar incoerência ao utilizar juntos os termos síndrome e normal. OSÓRIO (1989) aponta a ambigüidade do conceito de crise, uma vez que o homem vivencia várias crises vitais ao longo de sua vida: o desmame, o início de socialização, o climatério entre outras. Para este autor, a adolescência é um complexo psicossocial, assentado numa base biológica que hoje, em nossa realidade representa um fenômeno humano importante que está sendo prolongado retardando o início do período da vida adulta.

Contrários à tendência de uma “homogeneização” da adolescência e conseqüentemente á definição de um padrão de adolescente, a tendência sócio-histórica na

psicologia considera que não há padrões intrínsecos à adolescência. BOCK (1999: 66/67) considera que os psicólogos são construtores privilegiados dos modelos de adolescência, pois suas teorias vão definindo e divulgando como é “ser jovem”, sendo que os “*fenômenos da adolescência não são universais mas circunscritos historicamente*”.

*Os pais vão se comportando, assim que os sinais do corpo aparecem, como pais pacientes com o adolescente, porque todos sabem que ‘passa’. E o jovem, frente a estes modelos, frente às mudanças que seu corpo vai apresentando, seguirá convicto de que é a hora de ser rebelde. (BOCK, 1999: 67)*

SOUZA (1998), analisando os estudos realizados pela psicologia educacional com adolescentes, aponta a limitação de conhecer quem é o jovem ou o adolescente por trás do aluno, a dificuldade de apreender, numa categorização geral esse sujeito fugidio, que muda de geração em geração, de grupo social para grupo social, desvincilhando-se do lugar institucional de onde provém a perspectiva e a formação do pesquisador e do enquadramento teórico. Para a autora, as teses com referencial teórico psicanalítico, também incorrem em erros e apressam um caráter de denúncia e de condenação, ao supor por vezes um único e universal processo de subjetivação, que tem um momento valorizado na adolescência, desvinculando das peculiares inflexões de nossa cultura, em que valores da modernidade apresentam-se de forma impura.

**Na medicina ocidental são enfatizados principalmente os aspectos biológicos. O destaque principal é a puberdade, considerado um dos marcos da adolescência. Para PERES (1995, apud OLIVEIRA & EGRY, 1997: 13), “na medicina as concepções sobre adolescência partem do pressuposto de que se trata de um fenômeno**

*natural, universal, subordinando os componentes psicológicos e sócio-culturais às transformações físicas geradas pela puberdade”.*

Enquanto a puberdade é um processo orgânico determinado pelos hormônios, um fenômeno universal com ritmo variável e com padrões previsíveis, a adolescência apresenta componentes não-normativos, resultados dos aspectos particulares da história cultural do homem. Para AYRES (1993: 143), a medicina predominantemente descreve um padrão típico de adolescente, caracterizando suas necessidades de saúde e relação com os serviços onde a adolescência reveste-se, nestes textos, de caráter “a-histórico”, assim como a natureza da intervenção a ela dirigida. *“Ela é traduzida como um estágio do*

*desenvolvimento humano, identificado em todo e cada indivíduo, estágio este que traz em si mesmo significados específicos”.*

Como o conceito de adolescência ensinado às crianças no processo de socialização é associado a conflitos, dado por critérios de demarcação pouco fixos e assincronia entre maturação sexual e conquista do status social adulto é comum encontrar crianças que passam a viver estes ditos conflitos precocemente, à espera da adolescência e suas manifestações. (PERES, 1995 apud OLIVEIRA e EGRY, 1997 : 18)”.

Encontramos em CALLIGARIS (2000) uma reflexão sobre a adolescência fundamentada em três momentos, que acreditamos fazer uma síntese do entendimento sobre adolescência, com a incorporação de aspectos históricos, antropológicos, sócio-culturais e psicológicos. No primeiro momento, o autor recupera a história da adolescência como conceito e problema da modernidade. Mostra que nos estudos de Hall, já estão presentes os medos e a inveja desta fase, que acompanha idealização que a sociedade faz da adolescência.

No segundo momento, CALLIGARIS (2000) apresenta a institucionalização da adolescência como ideal social nos últimos cinquenta anos e coloca o cinema ilustrando a imagem dos adultos sobre a adolescência. *“Ele nos conta qual adolescente os adultos gostariam de voltar a ser, ter sido ou de continuar sendo”*. E finalmente articula com a história da infância idealizada por Áries com o surgimento do seu derivado contemporâneo ocidental a adolescência.

**O autor destaca a influência da mídia na homogeneização e definição de um padrão de beleza e comportamento que tem como ícones adolescentes**

**e jovens. Na prática social e no discurso dos meios de comunicação, “manter-se jovem” é a palavra de ordem do nosso tempo. As crianças e idosos vêm seu espaço redimensionado por este ideal de juvenilização. Estar adolescente é um traço normal da vida adulta moderna. É uma maneira de afirmar a possibilidade de ainda vir a ser outro.**

CALLIGARIS (2000) afirma que a pergunta “o que é a adolescência?”, não é, decididamente, uma pergunta simples com uma resposta única. Na sua análise é importante incluir cinco componentes, que em conjunto permitem uma definição mais abrangente da adolescência: “a idade cronológica, o desenvolvimento biológico, o desenvolvimento cognitivo e psicológico (que inclui a construção de uma identidade e o desenvolvimento de relações interpessoais), a mudança de status legal e a possibilidade de participação em eventos da vida adulta”.

Se o entendimento da adolescência é marcado por divergências, se não existe referencial biológico para determinar o fim da adolescência, assim como não é fácil estabelecer o que indica a entrada na fase adulta do ponto de vista psicológico (MEDRADO E LYRA, 2000) há unanimidade em considerá-la como um período relativamente livre de problemas de saúde, porém com riscos relacionados à formação de hábitos, exposição à violência, as substâncias psicoativas e à vida sexual e reprodutiva; onde destacam as DST/HIV-AIDS e a gravidez não planejada.

Enquanto algumas abordagens trabalham com a negação da sexualidade adolescente, outras o fazem a partir de práticas ainda restritivas com ênfase na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. O que confirma o paradoxo, em que a sexualidade do adolescente é continuamente estimulada e reprimida.

## 2 – SEXUALIDADE

*“A idéia de sexualidade pressupõe, de imediato, um fenômeno humano. Diferentemente das demais espécies animais sexuadas – que copulam para procriar – só a espécie humana tem ‘relações sexuais’: relações pessoais intermediadas pelo sexo, que atendem a múltiplas finalidades e sentidos, em função das circunstâncias temporais, históricas, inter e intra-subjetivas em que ocorrem”.*(VILLELA, 1999: 311).

A sexualidade é uma parte integrante da nossa personalidade que se desenvolve ao longo de toda a nossa vida. A sexualidade é uma fonte de comunicação e de prazer, uma forma de expressar a afetividade, uma maneira de cada pessoa descobrir a si mesmo e à outra.

Historicamente a sexualidade está marcada por preconceitos e credices, avanços e recuos. Aristóteles contribuiu com a vinculação de sexo-procriação, Santo Agostinho reforçou a função procriativa e associou sexo ao pecado e Freud trouxe contribuições importantes ao associar sexo ao prazer e apontar que a visão de “sexo-pecado” é causadora de doenças. (CABRAL, 1996: 154) Com o aparecimento da AIDS, se o “sexo era pecado tornou-se perigoso, se antes era permitido falar abertamente de sexo, hoje é permitido falar somente de sexo seguro”. (SAYÃO, 1997 : 15)

A despeito de todas as divergências teóricas sobre explicações do comportamento sexual humano, segundo WEREBE (1998: 5) “admite-se que ele comporta dimensões biológicas, psicosociais e culturais”. Para autora, a sexualidade humana “tem um sentido que transcende a simples reprodução”.

A desvinculação entre sexo e reprodução é um dos vários fatores que explicam a importância da sexualidade na atualidade, somada às discussões trazidas pelos movimentos feminista e homossexual sobre o direito ao prazer e ao livre exercício da sexualidade. O início cada vez mais cedo das relações sexuais e o reconhecimento do fracasso do silêncio como estratégia de postergar o início da vida sexual entre os jovens tornaram a sexualidade objeto de estudo de várias áreas do conhecimento.

Na discussão da sexualidade transitam diferentes valores e concepções e consideramos necessário diferenciar sexo e sexualidade. Estas palavras são freqüentemente utilizadas como sinônimos, e CHAUI (1985: 15) aponta para os registros nos dicionários

vernáculos onde no “uso corrente, o termo sexual e sexualidade não apresentam qualquer outro sentido, qualquer dimensão do sexo que não seja de cunho puramente biológico, fisiológico, anatômico”.

Na literatura especializada também é possível encontrar os termos sendo utilizados como sinônimo. Mesmo reconhecendo que sexo e sexualidade são coisas diferentes, “a sexualidade é algo mais abrangente, diz respeito a toda a vida afetiva, emocional e de relacionamento de uma pessoa (...). FUCS (1998: 11/12) argumenta que, utiliza-se à palavra sexo para qualquer aspecto referente à sexualidade, sobretudo com o significado de ato sexual” e defende que em sua obra: “usamos indiscriminadamente ora sexo ora sexualidade, como sinônimos”.

O termo sexo “é relativo ao fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para reprodução”. (GUIMARÃES, 1995: 23).

O sexo biológico é considerado um dado da natureza e comporta a idéia de reprodução e prazer. (BANDEIRA, 1999: 181). Ao citar HURTIG et al (1991) o autor defende que o sexo biológico dicotomiza o gênero humano em duas categorias distintas – a de macho e fêmea, e que se circunscreve aos órgãos de reprodução sexuada. Esta diferenciação: “os homens, sujeitos capazes de fecundar e as mulheres, sujeitos capazes de procriar”, ao ser apropriada pela organização social vai impor a submissão da mulher ao homem e levar influências sobre outras instâncias da vida.

O sexo dá uma idéia incompleta do ser humano e sua complexidade, podendo ser entendido como “a marca biológica, a caracterização genital e natural constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal”, como defendem NUNES & SILVA (2000: 74).

A sexualidade é a capacidade de comportar-se sexualmente, isto é, de responder a estímulos eróticos e obter prazer nas atividades sexuais como as preliminares, o ato sexual e a masturbação. (LOURO, 1999) A sexualidade envolve não somente os órgãos genitais, mas todas as zonas erógenas do corpo, assim como vontades, desejos e fantasias associadas ao sexo. É uma energia vital composta por “uma série de excitações e atividades, presentes desde a infância, que proporcionam prazer irredutível a alguma necessidade fisiológica



fundamental (respiração, fome, excreção), e presente como componente na forma normal do amor sexual”. (CHAUI: 1985: 14).

CHAUI (1985) utiliza o termo sexualidade para designar aspectos que estão além da biologia, um fenômeno global que envolve a existência humana como um todo dando sentidos a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, atividades sociais como trabalho, religião, arte, política. Na mesma linha, NUNES & SILVA (2000: 74) consideram que a sexualidade “é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo”, uma característica única da espécie humana.

Portanto a sexualidade humana não é o sexo do registro civil de nascimento e tampouco o sexo biológico - cópula ou genitália. Ela é o resultado de um longo processo de escolhas e identificações. (Ministério da Saúde, 2002: 22)

SILVA (2001: 81) argumenta que:

*“A sexualidade, como dimensão essencialmente humana, estaria sendo atravessada e avaliada metodologicamente, pelas mesmas categorias da dialética aplicadas a história e a análise da política. Como tal, a sexualidade seria interpretada como uma identidade material da condição do homem. A materialidade da sexualidade seria analisada em duas dimensões, tanto na consideração de suas constituições morais e simbólicas históricas quanto na determinação que somente o homem é capaz de constituir uma sexualidade, uma significação simbólica da identidade genital ou reprodutiva de todos os seres vivos.. isto permite afirmar que a sexualidade não é constituída a partir de um universo estranho à história e a trajetória humana. Não foram os deuses que produziram a sexualidade humana, não foram as forças naturais, onipotentes e demiúrgicas, que a consolidaram. A sexualidade é uma conquista e construção da trajetória material e histórica do homem.”*

Estes autores contribuíram para que entendêssemos que a sexualidade não é uma parte ou um complemento do ser humano. A sexualidade é um fenômeno humano que difere do instinto, da determinação biológica e genital, sendo influenciada pela condição histórica e cultural da humanidade. Inclui o erotismo, a fantasia, a afetividade, o prazer e as infinitas possibilidades de se fazer humano, sendo o organismo suporte para o exercício da sexualidade.

Consideramos a sexualidade como uma necessidade humana básica, portanto inerente a todos os seres humanos e que apresenta diversidade muito grande de manifestações. Envolve um conjunto das emoções, sentimentos, fantasias e desejos, muitas vezes inconscientes e subjetivos que os seres humanos experimentam ao longo de suas

vidas na busca do prazer. O prazer é a base das pulsões e vinculam o ser humano à vida, e está presente nas diferentes fases de seu desenvolvimento como respostas aos estímulos sensoriais, sentimentos e vivências. O ato sexual é apenas uma das possibilidades de obter prazer, nem sempre a mais importante. Dentro de um contexto mais amplo, podemos considerar que a busca do prazer e a influência da sexualidade permeiam todas as manifestações humanas, desde o nascimento até a morte.

Cada ser humano vivencia e interpreta sua sexualidade a partir das várias influências que recebe ao longo da vida, seja através da família, escola, mídia, igreja, trabalho. (CHAUI, 1985; NUNES, 1996; WEREBE, 1998; VILELA, 1999). As várias instituições estão frequentemente trazendo mensagens que contribuem para produção de conhecimentos, preconceitos, tabus, desejos, sonhos e temores no que diz respeito ao corpo, aos sentimentos, aos valores e às práticas sexuais.

O processo histórico de ocultar e omitir a sexualidade presente na religião, na família e na escola trouxe conflitos, vergonha, culpa e dificuldade para sua compreensão. Porém, a rápida urbanização associada às influências da mídia globalizada expôs contradições, trouxe mudanças de normas tradicionais e alterações no comportamento de adultos e adolescentes.

Entre as mudanças está o entendimento e a vivência pessoal e singular da sexualidade, que também passa por um processo de transformação contínua, decorrente das relações humanas, valores, normas sociais vigentes e do conhecimento científico. PARKER (1995) argumenta que nos últimos 20 anos a sociedade brasileira mudou seus valores em relação à sexualidade.

Estas mudanças trouxeram impacto para o cotidiano das relações com crianças e adolescentes. Não é possível negar diante das estatísticas que adolescentes têm vida sexual e necessitam de discussão das questões referentes à sexualidade.

## **2.1. Sexualidade na Adolescência**

*“As condutas sexuais têm sua origem e se desenvolvem bem antes da puberdade WEREBE (1998: 61)”*. Como a sexualidade não se restringe às práticas sexuais, mas à vivência de cada indivíduo, ela vai estar presente sob diversas formas e possibilidades desde o nascimento.

Como um fenômeno humano à sexualidade recebe muitas influências. A religião e a cultura contribuíram para construção e manutenção de uma visão distorcida da sexualidade, compreendida como pecado e reservada aos adultos. A sexualidade dos adolescentes fora do casamento sempre foi negada ou trabalhada no sentido de ser adiada. Assim como as manifestações sexuais da terceira idade eram ridicularizadas e a sexualidade na infância negada.

Freud trouxe contribuições importantes para o reconhecimento da sexualidade ao defender que a sexualidade existe e se manifesta, ainda que de formas diferentes, durante toda a vida humana. Para FREUD a sexualidade está presente na infância e despertaria na puberdade. A partir de seus trabalhos houve o reconhecimento da sexualidade infantil. Para NUNES & SILVA (2000), Freud foi o primeiro a considerar com naturalidade os atos e efeitos sexuais das crianças como ereção, masturbação e mesmo simulações sexuais. Atualmente é aceito que a sexualidade começa e mantém-se durante a vida, tendo diferentes formas de expressão.

Na adolescência foco deste trabalho, a sexualidade que antes estava difusa, passa por alterações significativas partir da puberdade, começa a se configurar o desejo pelo outro. Há no geral a busca pelo compartilhar a sexualidade com outro ser humano. As mudanças biológicas e hormonais, associadas às influências sócio-culturais dão à sexualidade adolescente outros sentidos de expressão. Como na adolescência ocorre a maturação genital, mudanças no processo cognitivo, no “visual” e o corpo passa por mudanças, a erotização soma-se ao processo de busca de identidade e auto-afirmação social. A sexualidade do adolescente precisa ser afirmada, testada e aceita.

A sexualidade vivida pelo adolescente não está definitivamente estabelecida, mas traz as marcas do contexto sócio-cultural em que ela se insere, sendo “plasmada pela linguagem e pelos valores vigentes nessa época. Não há uma determinação biológica que

mantenha um definitivo acerca do sexual. Nada está definitivamente estabelecido”. (CARIDADE, 1991: 206).

Com frequência, a sexualidade é apresentada e resumida a sexo e genitalidade. O sexo tornou-se um produto vendável e de mercado, restrito ao corpo de preferência jovem e “malhado”. A mídia explora a sexualidade de uma forma mercadológica, fragmentada e consumista e destituída da globalidade que possibilita o encontro do homem, sua gratificação e plenitude.

A propaganda apresentada nos vários espaços reforça o culto ao corpo e a juventude. Os adolescentes e jovens são apresentados como detentores do espírito, do corpo ideal e da sexualidade “permitida”. De um modo geral, a sexualidade do adolescente está estreitamente vinculada a modelos estéticos estabelecidos e pelo conceito de adolescente como sujeito em maturação, que exige uma “vigilância”, portanto recebe mensagens fragmentadas e desvinculadas de reflexão.

**Os debates e as mensagens sobre sexualidade dominam os meios de comunicação. Nunca se falou tanto em sexualidade do adolescente. As revistas, filmes, novelas, programas de TV trazem imagens com forte apelo sexual. As discussões estão em toda parte, muitas vezes trazem embutido um adolescente frágil, passivo diante das várias influências outras vezes este adolescente é**

## **herói sexual, potente e muito ativo sexualmente.**

Enquanto a revolução sexual nas sociedades industriais foi assimilada gradualmente, em países como o Brasil “as mudanças foram repentinas, avassaladoras e surpreendentes”. Estas mudanças de costumes e valores no campo da sexualidade foram representativas na mídia particularmente na televisão que influenciou as novas gerações ao produzirem, “muito mais glamour sobre a revolução sexual do que uma efetiva e radical transformação de valores”. NUNES (1996 : 128).

**Nas últimas décadas, o comportamento afetivo e as relações interpessoais dos adolescentes e jovens mudaram muito: valores totalmente contestadores foram incorporados, a pílula anticoncepcional passou a fazer parte do cotidiano feminino, tabus, como a virgindade, foram questionados, a iniciação sexual foi antecipada e a gravidez na adolescência passou a preocupar cada vez mais pais e educadores, sem falarmos da AIDS e dos meios de comunicação, músicas e mídia fazendo a**

**propaganda e o comércio da sexualidade. Os adolescentes estão vivenciando sua sexualidade na era da anticoncepção de emergência.**

Particularmente para os adolescentes e jovens houve mudanças na seqüência linear que ia de um primeiro envolvimento afetivo a um envolvimento físico e casamento. Novas formas de relacionamento foram sendo incorporadas entre os adolescentes e jovens, principalmente “o ficar”. CARIDADE (1999: 209) argumenta “ na ética adolescente o *ficar* significa *não ficar*, não ter compromisso com o amanhã, não criar vínculos definitivos. É pois não ficando quando ficam, que eles ensaiam, descobrem, experimentam, conhecem sensações, sem os pudores de outras gerações”. Para esta autora o ficar pode ser um exercício de liberdade, ou também comportar muitas leituras. “Pode ser um reflexo da pós-modernidade e até a falta de compromisso, uma característica de governantes em relação aos cidadãos”.

As mudanças no comportamento sexual dos adolescentes não se converteriam em problema se não estivesse, muitas vezes, aliando prazer e atração à culpa, desinformação, relações sexuais em locais impróprios, ausência de afeto — culminando na incidência cada vez crescente de abortos, gravidez não planejada, acometimento de doenças sexualmente transmissíveis.

Esses dados atestam a vulnerabilidade dos adolescentes e têm sido detectados pelas instituições responsáveis pela saúde no Brasil. A queda da natalidade na faixa etária acima dos 24 anos, por exemplo, foi seguida de um crescimento representativo da gravidez na faixa etária dos 15 a 19 anos e, mais preocupante, na faixa etária dos 10 a 14 anos. O que levou técnicos de saúde e educação a intensificarem a discussão da sexualidade na adolescência.

A expansão da epidemia da AIDS entre jovens também trouxe o grande desafio de expansão de práticas de sexo seguro e a desmistificação da sexualidade, porque os

adolescentes recém-ingressos na vida sexual ativa passaram a ser as principais vítimas da epidemia de AIDS e das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Estima-se de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), que cerca de 50% das novas infecções pelo HIV no mundo estão ocorrendo na adolescência. Conforme Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2001), em torno de 70% dos casos de AIDS se dão na faixa de 20 a 39 anos. Se considerarmos o tempo que o portador do vírus pode ficar assintomático, em média de 10 a 15 anos, observa-se que à maioria dos casos de infecção ocorrem no período compreendido entre a adolescência e a juventude.

Os avanços dos discursos feministas e a sua veiculação pela mídia que trouxeram também “a exploração estética e quase pornográfica da corporeidade”, porém estes avanços não foram seguidos de iniciativas institucionais no campo da Educação Sexual, e “o que vai movimentar a Escola a preocupar-se com a educação sexual será a eclosão da AIDS” (NUNES, 1996).

**A gravidez na adolescência e a AIDS levaram a proliferação da abordagem “preventivista” da educação sexual, com conteúdos reduzidos e facilmente assimilados como a associação entre sexo e risco (ARRILHA & CALAZANS, 1998) e segundo MARTINEZ (1998: 30) como a sexualidade é um eixo para a estruturação da identidade adulta, “a ênfase na educação sexual, não deve se ater apenas no sentido**

**anátomo-fisiológico, mas sobretudo na sexualidade em seu aspecto psicosocial”. Conhecer o que pensam os adolescentes é substrato para trabalhar a educação sexual a partir das necessidades destes sujeitos, o que pode ir muito além do preconizado pelos parâmetros e apontado pelos serviços de saúde.**



## 2.2. Educação Sexual

*“... mais uma vez, a escola é chamada a participar da construção de uma nova ética para o exercício da sexualidade, em que assumem importância o respeito às meninas, o questionamento dos comportamentos esperados para os meninos e a necessidade de proteção sexual, que é concretizada ao uso do preservativo e na possibilidade de recusa do sexo” (Villela, 1999: 313).*

A educação sexual tem sido defendida como uma forma de enfrentar os problemas relacionados às mudanças de comportamento dos adolescentes e jovens em relação à sexualidade. Dentre os problemas apontados estão a iniciação sexual precoce de garotas e garotos, com diminuição constante da idade das primeiras relações sexuais, a vida sexual ativa sem implicações ou compromissos matrimoniais, a exposição à gravidez não planejada e os índices crescentes de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

WEREBE (1977: 21) argumenta que *“A educação sexual tomada num sentido mais amplo compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre um indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento que lhe permite situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual em particular”*.

Entendemos que a escola tem um papel fundamental na educação das crianças e adolescentes, contribuindo para socialização e formação de cidadãos. A educação escolar tem um sentido amplo, que implica não só na transmissão de conteúdos, mas, principalmente na formação integral do indivíduo, na busca do seu desenvolvimento global enquanto ser humano. Portanto, a escola é um espaço privilegiado para discussão da sexualidade e deve fazê-lo de forma clara, trabalhando conceitos e preconceitos, possibilitando um aprendizado que permita ao adolescente ter opiniões próprias, posicionando de acordo com os seus valores e respeitando as diferenças.

A sexualidade esteve durante muito tempo limitada ao sexo, às relações sexuais. A sociedade encarava a sexualidade como um assunto a ser tratado no lar, entre quatro

paredes, pelos pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes, no momento em que estes sentissem necessidade. Durante muito tempo a sexualidade foi ignorada pela escola porque considerava que o sexo era um assunto para ser tratado em família. As crianças e adolescentes eram vistos como seres assexuados que deveriam ser mantidos longe das informações, para garantir o máximo possível sua inocência.

Quando surgia alguma conversa na escola, a preocupação imediata era manter distância, e limitar o trabalho educativo à informação sobre os aspectos biológicos, incluindo anatomia e fisiologia dos genitais e reprodução. Temia-se que a discussão de sexo nas salas de aula funcionasse como estímulo para atividade sexual e um motivo de conflito com as orientações familiares e religiosas.

No século XX a sexualidade passou a ser estudada como um fenômeno humano, uma necessidade básica que envolve um conjunto de situações e eventos relacionados à vida sexual. Uma dimensão importante na vida de todos indivíduos que vai além da genitalização e das respostas a estímulos eróticos, e que está presente desde a infância. Nas últimas décadas ela passou a receber maior atenção, à medida que vários problemas passaram a ser reconhecidos como decorrentes do exercício da sexualidade. Também as crianças e adolescentes foram mais amplamente reconhecidos como possuidores de sexualidade, que deve ser conduzida, bem direcionada para evitar desvios, doenças e uma série de problemas.

NUNES E SILVA destacam a contribuição de Freud na educação sexual das crianças apresentando uma citação deste autor que faz uma crítica a ausência da educação sexual na escola e também reconhece as resistências sociais a esta educação na infância:

*“Considero um avanço muito significativo na educação infantil que na França o Estado tenha introduzido; em lugar do catecismo, um manual que dá à criança as primeiras noções de sua situação como cidadão e dos deveres éticos que deverá assumir mais tarde. No entanto, essa educação elementar continuará com sérias deficiências enquanto não abranger o campo da sexualidade. Esta é uma lacuna que deveria merecer toda atenção dos educadores e reformadores. Nos países onde colocaram a educação das crianças total ou parcialmente nas mãos do clero será, naturalmente, impossível levantar o problema. Um sacerdote nunca admitirá que os homens e os animais tenham a mesma natureza, pois não pode abdicar da imortalidade da alma, que lhe é necessária como base de seus preceitos morais” (NUNES E SILVA, 2000 :110)*

As escolas passaram a buscar formas de contribuir na educação sexual das crianças e adolescentes já que as transformações e mudança de estilo de vida explicitavam as dificuldades dos pais na orientação dos filhos, pais que na sua maioria não tiveram por sua vez acesso à educação sexual.

A educação sexual no Brasil chegou às escolas no início do século XX, coincidindo com as mudanças no discurso sobre a sexualidade das crianças e adolescentes, sendo marcada por iniciativas isoladas, sem grande continuidade. (NUNES, 1996). Segundo GOLDEMBERG (1988), a escola passou a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade das crianças e dos adolescentes a fim de produzir comportamentos normais.

A educação sexual que prevaleceu até os anos 50 “*estava impregnada pela visão conservadora, centrada na família patriarcal*” (NUNES, 1996). Na década de 60, as discussões sobre educação sexual foram ampliadas em consequência do panorama político-cultural da época. Nas escolas de orientação mais progressista, como os Colégios de Aplicação da USP e Ginásios Vocacionais, foram criados cursos de orientação sexual. Estas experiências visavam, além da informação, abordar a dimensão biológica e os valores. Estas experiências inovadoras assim como os ensaios de renovação pedagógica foram limitados pela conjuntura política. Estas iniciativas foram abortadas “em função da ideologia moralista defendida com sucesso com o Golpe de Estado em 31 de março de 1964”. (Ribeiro, 1989: 25). Segundo o autor os pareceres contrários das Secretarias de Educação que proibiam projetos de orientação sexual tinham como argumentos “a imoralidade, irresponsabilidade e inutilidade”.

A partir dos anos 70 a sexualidade como tema cresceu em importância. Muitos fatores podem explicar este crescimento. Entre eles, o desenvolvimento tecnológico no campo da contracepção que permitiu a desvinculação entre sexo e reprodução; a discussão trazida pelos movimentos feminista e homossexual sobre direito ao prazer e a livre orientação sexual; a redução da idade de iniciação sexual. Mais recentemente a AIDS e a gravidez na adolescência, agora vista como indesejada, deram impulso para esta discussão,

ao exporem a vulnerabilidade dos adolescentes as DST/HIV-AIDS e à gravidez não planejada, que consolidarem como as justificativas mais frequentes para a educação sexual.

*A preocupação da escola em fazer Educação Sexual porque há necessidade de resolver e controlar os problemas (AIDS e gravidez), possivelmente torna o trabalho árduo, pesado, angustiante e desvirtua as energias que poderiam ser redobradas se falasse da sexualidade de uma forma alegre e descontraída. Embora se saiba que são as necessidades que, na prática, têm impulsionado o começar a falar sobre a sexualidade, é preciso assegurar que a força propulsora do trabalho seja o reconhecimento do direito. (FIGUEIRÓ 1998 : 96/97)*

**Para WAYLAND (apud WEREBE, 1998: 164), os países desenvolvidos, preocupados com o crescimento demográfico, têm articulado políticas restritivas aos países em desenvolvimento. À educação sexual presente nestas políticas com frequência tem caráter anti-sexual. O autor argumenta que “... nos países pobres à informação e à educação sexuais poderiam ser limitados à comunicação de um mínimo de conhecimentos sobre a atividade sexual, que são suficientes para atingir tal política”.**

Por outro lado, a despeito de políticas neo-malthusianas, a educação traz possibilidades de romper com políticas voltadas unicamente, para controle da natalidade e que trazem uma visão estreita da sexualidade. A educação sexual que tenha como objetivo trabalhar a sexualidade de forma ampla, como direito, como vida, como parte integrante da individualidade e da essência humana, pode alterar a situação.

Neste sentido, é possível, através das aulas buscar oportunidades para estabelecer um diálogo com adolescentes, no qual possamos dar informações mais completas sobre temas, notícias e fatos abordados na televisão, nos jornais e vividos no dia a dia referentes a sexualidade e a vida, questionando valores, mostrando alternativas e desencadeando reflexões.

Educação sexual e orientação sexual são expressões que têm sido utilizadas com frequência. Para alguns autores há uma clara diferenciação, para outros são praticamente sinônimos, e também há situações que apresentam um movimento de uma aparente complementariedade.

WEREBE (1976) argumenta que educação sexual e informações sexuais na escola são ações distintas, porém esta distinção é problemática por que envolve implicações ideológicas. Para a autora, não há como dissociar a educação da informação: “assim como informar é educar, a informação sexual não é neutra”.

SUPLICY (1993) considera a orientação sexual na escola com três objetivos básicos: suprir as lacunas de informação do adolescente, mexer com os preconceitos, de maneira especial os referentes ao machismo e feminismo; e mexer com os conflitos dos adolescentes, abrindo um espaço afetivo onde ele possa falar de suas angústias e medos.

O Guia de Orientação Sexual (1994), apoiado pelo Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, considera que o trabalho de orientação sexual tem como objetivo favorecer o bem-estar sexual dos indivíduos. E defende como valores a dignidade, o respeito ao corpo, aos próprios sentimentos, aos do outro e à diversidade de valores e crenças e as diferentes formas de expressão da sexualidade.

Encontramos em NUNES (1996) a análise das várias concepções de sexualidade que estão presentes nos nossos dias, articuladas numa dimensão pedagógica. O autor destaca a concepção médico biologista:

*“que compreende a sexualidade numa perspectiva reducionista, a partir da interpretação médico-biológica da condição humana, próprio da cosmovisão positivista que teve larga influência na cultura brasileira recente. A interpretação biologista reduz a dimensão humana ontológica e uma concepção funcionalista, decorrente do seu fundamento epistemológico positivista, e tem como o paradigma da natureza como determinista da condição humana. (...) A sexualidade reduz-se então a uma discussão sobre o suporte instintivo procriativo biológico, e desta maneira trata-se de uma compreensão descritiva e controladora do que seria uma força natural supostamente instintiva ou selvagem do corpo humano” (NUNES, 1996: 139)*

E aponta que a educação sexual que tem como fundamento esta concepção, trabalha aspectos relacionados à higiene corporal e sexual, destaca o funcionamento dos aparelhos reprodutor masculino e feminino, além de associar sexualidade, procriação, doenças e repressão e inibição das práticas sexuais. A sexualidade aparece como um conjunto de noções biológicas, as etiologias das doenças sexualmente transmissíveis.

No nosso entender esta concepção de educação sexual mistifica a sexualidade do adolescente e na adolescência e reforça mecanismos de controle sociais através do medo e da fragmentação das informações. Limitando as discussões de práticas preventivas, contraceptivas, a saúde sexual, limitando se ao uso da camisinha e de métodos anticoncepcionais. Mas este discurso médico, biológico, não produz comportamentos emancipados e nem referenciais éticos, a educação sexual é reduzida a informação, que se não for trabalhada com diretrizes éticas, não produz reflexão, responsabilidade, ternura, afetividade. A educação sexual “pode também, com algum cuidado, ser chamada receituário, mas continuar uma prática consumista, extremamente desumanizada”.

Outra tendência apontada pelo autor é a concepção terapêutico-descompressiva decorrente de uma leitura da psicologia freudiana e com acentuação liberacionista e feminista dos anos anteriores. A educação sexual decorrente desta concepção faz uma abordagem mais gratificante da sexualidade e apóia-se em manuais de orientação para pais e educadores, e que *“guardam a mesma raiz dos programas de descompressão das falas sobre sexualidade, vigentes na televisão brasileira dos anos 80”*.

*“Programas de televisão, colunas de jornais, desde colunas de jornais de tradição mais vulgar até às principais editoras e revistas, acentuam um discurso confessional exemplar sobre a sexualidade. O recurso é quase sempre aos fundamentos da*

*Psicologia e ao senso comum dialógico, uma espécie de mistificação do seja dialogar. Expressões como ‘abrir a palavra’, ‘descomprimir as práticas, estão na mesma linha de atuação. Estes discursos ou formas de compreender a explosão da sexualidade são variantes da lógica capitalista, mantém-se na mesma interpretação ou tradição, não acrescentam nenhuma significação existencial ou política a uma sexualidade consumista e presa aos ditames da compreensão orgástica atual.” (NUNES, 1996: 159)*

Porém o autor argumenta que estes manuais não chegaram a escola, porque provocam polêmicas, “*quer pela forma simplista de enfocar a sexualidade, quer pelo rigorosismo formal da instituição escolar.*” (NUNES, 1996: 166/167). Entendemos que esta concepção é aparentemente libertadora, mas muitas vezes é descontextualizada e não provoca a reflexão e análise crítica.

A abordagem normativa institucional está baseada na necessidade de manter a ordem e conservar as instituições, acentuando a cultura patriarcal e transferindo para escola o enquadramento discursivo e até controlador de práticas sexuais das crianças e jovens. Trata-se de uma transferência de papéis da família para a escola, mantendo o discurso conservador. (NUNES, 1996)

*“As aulas de educação sexual deste modelo não conseguem superar ou, ao menos propor a superação crítica entre a bipolarização machista homem e mulher. Assuntos como homossexualidade, liberação sexual, doenças sexualmente transmissíveis são tidas como anomalias ou perversões, não compreendendo a sexualidade fora do modelo patriarcal tradicional. É curioso notar que muitos destes discursos ou formas estereotipadas de intervenções significativas alastram-se, da escola para outros fóruns sociais institucionais conservadores, formando uma rede de reconstrução e restauração consoladora, no dizer de Foucault, dos conceitos e normas tradicionais.” (NUNES; 1996: 182)*

O autor argumenta que cabe à escola ver a sexualidade com um sentido humano. Ela tem compromisso de informar, formar, criar auto-estima, destituir padrões e preconceitos. Neste processo a abordagem deve ser articulada com a família e a sociedade. O autor entende que:

*“A educação para uma sexualidade humanizada passa pelo resgate da palavra, do erotismo, do mundo social, da gratuidade do ser e da justiça no mundo das relações humanas e das relações da produção... Não compreendemos que o conjunto das*

*propostas, estudos e programas sobre sexualidade e educação atuais contenham estas premissas.” (NUNES, 1996: 136)*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem a diferenciação entre educação sexual e orientação sexual. E estes conceitos são exatamente os defendidos pelas Organizações Não Governamentais (ONGs) cujos técnicos participaram da elaboração do tema transversal orientação sexual. Consta do documento a seguinte definição:

*“O termo Orientação Sexual diferencia-se de Educação Sexual uma vez que esta última diz respeito à expectativa pessoal e ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social nas questões relativas à sexualidade, enquanto que a Orientação Sexual é um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar e constitui-se em uma proposta objetiva de intervenção por parte de profissionais”. (BRASIL, 1997a: 8)*

*Consideramos que, mais do que definição de termos, se educação ou orientação sexual, cabe à escola um papel importante na discussão da sexualidade com crianças e adolescentes, assim como na elaboração dos conteúdos e no processo educativo. Portanto não vamos nos ater às divergências de denominação, mas trazer a preocupação com os conteúdos propostos, a sua concepção e metodologia para abordá-los.*

*Entendemos que não são os estudos do aparelho reprodutor masculino e feminino, dos métodos anticoncepcionais e a prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência, que vão preparar os adolescentes para vivenciarem uma sexualidade saudável, sem culpas e medos.*

**Também não entendemos que no atual estágio dos nossos currículos e da fragmentação das disciplinas, dos conteúdos estanques, uma disciplina específica para abordar um tema tão complexo e instigante quanto à sexualidade humana daria conta de ampliar a sua**



abordagem. A educação sexual presente nas várias disciplinas, concebida de forma articulada, pode ser referência para o adolescente discutir opiniões, aspectos éticos, psicológicos, históricos e elaborar suas inquietações, dificuldades e prazeres. Entendemos que esta educação sexual pode promover mudanças nos modos de pensar e agir dos adolescentes, sem reafirmar, mas discutir as velhas matizes conservadoras e repressivas que transformaram a sexualidade em assunto proibido e, portanto, reduzido.

A educação sexual na escola possibilita que os adolescentes tenham espaço para falar de si, ouvir o outro, exercitar o respeito e relacionar com as diferentes posições e opiniões. O

**trabalho elaborado a partir das necessidades, com a participação dos envolvidos, com planejamento das ações e avaliação contínua pode trazer mudanças importantes para professores, pais e adolescentes.**

**Consideramos que os adolescentes são portadores de informações e valores relativos a sexualidade, resultados da sua educação, cultura, vivências e informações recebidas nas mais diversas fontes. O adolescente não é uma tábua rasa em termos de educação sexual. Portanto o adolescente não é um sujeito passivo na construção da sua formação, e deve participar ativamente da orientação sexual na escola.**

Entendemos que não é mais possível esconder que os adolescentes e jovens têm um comportamento sexual ativo que necessita de orientação, não no sentido moral e repressor de anos anteriores, mas em sua dimensão de vida de relação entre os sexos, de vida social e

afetiva, de crescimento pessoal, onde se possa tanto debater e questionar tabus e preconceitos quanto incorporar conhecimentos de anatomia e fisiologia sexual ao mesmo tempo em que se busque lidar com a ansiedade, o medo, as alegrias e angústias do processo de crescimento, assim como os valores, ética, responsabilidade e o respeito.

*A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nova LDB – 9394/96), elaborada pelo o Ministério da Educação e Desportos, regulamenta a educação brasileira e traz a possibilidade de ampliação e articulação do trabalho educativo através da transversalidade do currículo.*

*Entre os temas que compõem a proposta de transversalidade curricular na Lei de Diretrizes e Bases estão: a ética, estudos econômicos, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Verificamos que a inserção da transversalidade no currículo instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação veio trazer legitimidade para o trabalho de educação sexual.*

*As Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio trabalham com princípios da ética, de uma política cidadão que destaca direitos e deveres. Vinculados à nova LDB, no período de 95 a 98 foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).*

*Mesmo considerando as críticas ao processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente relacionadas à ausência de um processo democrático e participativo na sua elaboração, entendemos que eles trazem uma proposta que deve ser debatida no espaço escolar. Este debate pode trazer a possibilidade de desenvolver um trabalho articulado e em rede, repensando a atuação estanque das disciplinas.*

FERRAÇO buscou entender *como* alunos (as), professoras e a equipe responsável pela elaboração dos PCN's entendem e representam conceitos relativos ao tema orientação sexual, nos currículos realizados, através de “associação de palavras”.

*“(…) tomando por referência o tema sexo vamos perceber que no texto dos PCN's ele é apresentado a partir do tema transversal orientação sexual através de três grandes áreas: a) corpo: matriz da sexualidade, b) relações de gênero e c) prevenção as DST's/AIDS. Os conteúdos propostos para essas áreas englobam conceitos como funções, idade, fases, amadurecimento, transformações, concepção, contracepção, parto, doenças, sexualidade, sentimentos, corpo, feminino, masculino, entre outros; que incluem, desde aspectos mais biológicos, a aspectos relacionados a sentimentos, valores e emoções; esbarrando em algumas questões de ordem social. Entretanto, ao analisar as respostas de alunos (as), vamos perceber que elas apontam não só para os temas relativos às três áreas propostas nos PCN's (como masculino, feminino, AIDS, camisinha, proteção, corpo, óvulo, esperma etc), mas incluem questões que revelam vivências/práticas como transar e relação, associadas a qualidades como ruim, rápido, safado, demorado, animal, triste, legal, racional, feio, bom, entre outras. Ainda aqui, associam sexo a cantores (as), música, filme, bandas e televisão, denotando a força da mídia e dos meios de comunicação.”*

A sexualidade difundida pela mídia é muitas vezes limitada à genitalidade e às alterações do corpo. Há subjacentes, vários aspectos que não são tocados. Como a

sexualidade continua a ser um assunto complexo, já que existem conflitos de valores, tabus e até receios de estimular a iniciação sexual ou mesmo reprimir sua expressão, a formação dos professores tem uma importância fundamental.

É necessário que os professores tenham aprofundado sua formação, tanto em termos de conhecimento quanto de uma metodologia adequada, de forma a dar segurança para que os adolescentes se sintam motivados a discutir os assuntos e expressar suas opiniões sobre os mesmos.

O professor precisa ter uma formação de qualidade, uma cultura geral sólida que permita transitar por diversas áreas do conhecimento. Ter consciência que sua intervenção não é neutra e que ele trabalha com a diversidade, porque os alunos trazem diferenças culturais, étnicas e religiosas que necessitam ser valorizadas e respeitadas. E que muitas vezes os professores terão questionados seus próprios valores, suas frustrações e desejos.

O documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais também reconhece que os temas transversais envolvem conteúdos que normalmente não são desenvolvidos nos cursos de formação de educadores. (BRASIL, 1997b: 52) Para alguns autores a ausência de compulsoriedade limita sua implantação e a efetiva discussão nas escolas. Por outro lado à orientação sexual sendo transversalizada nas várias disciplinas pode trazer à tona uma série de aspectos, conteúdos e discussões muito ricos. Requer um envolvimento da escola, com planejamento coletivo e processo de reflexão que parecem não fazer parte do cotidiano escolar.

### **3 – A PESQUISA REALIZADA**

O estudo da sexualidade humana envolve várias áreas do conhecimento que embora possam ter particularidades e especificidades, se associados numa perspectiva ou um enfoque interdisciplinar ampliam a compreensão da mesma como um fenômeno humano. Professores, adolescentes e educadores têm uma participação essencial no processo, trazendo experiências, vivências e conhecimentos diversificados o que pode enriquecer o processo educativo e possibilitar a todos, aquisição de novos conhecimentos e a incorporação de valores. No presente trabalho buscamos conhecer e discutir o tema educação sexual na escola a partir da fala dos adolescentes, enfocando a adolescência, sexualidade e educação sexual.

O convívio com adolescentes tem possibilitado um processo de reflexão constante que nos levaram a questionamentos e inquietações entre as quais destacamos: Como os adolescentes sentem a adolescência? O que os adolescentes entendem por sexualidade? Como os adolescentes vêm à orientação sexual na escola? Qual a educação sexual necessária a partir da perspectiva dos adolescentes?

**Diante destes questionamentos, inicialmente realizamos um estudo exploratório com alguns adolescentes que participaram de oficinas de promoção da saúde, perguntando sobre o interesse dos adolescentes na educação sexual. Estes depoimentos foram obtidos, no mês de setembro, na**

escola Jetrho, quando solicitamos que os alunos relatassem suas opiniões a respeito da educação sexual na escola e os temas que deveriam ser discutidos.

• *“Sim, eu acho que deveriam falar sobre relações sexuais na escola, porque muitas pessoas, como eu, têm vergonha de se abrir para os seus pais; e na escola a gente começa a aprender muitas coisas fundamentais e que nos ajudam a entender o uso de camisinhas e a prevenção. Eu acho que nas escolas deveria, falar sobre tudo, do básico ao fim”.*(Garota, 13 anos 7B).

• *“Eu acho que todos porque nunca é tarde para saber sobre algumas coisas sobre gravidez, masturbação, relações sexuais, prevenção. Isto é bom para qualquer pessoa. Não só os velhos assim ao modo de falar. Nunca é tarde. (Garota, 13 anos 7ª A)”*

Também obtivemos um depoimento contrário à orientação sexual na escola, durante o estudo exploratório onde o adolescente justificou porque na sua opinião não

**deve ter aulas de educação sexual na escola. O que foi seguido de intervenções de outros colegas apontando as dificuldades na comunicação:**

- ***“Não acho que tem que ter (educação sexual). Não muito. Por que quando o professor começa a falar eles ficam zuando, assim chamando atenção, fazendo gracinha...”. (Garoto, 14 anos)***
- ***“O professor começou a falar dos outros nomes... Falou que é pipi, pau de vassoura, o órgão da mulher... lá, falou que é esfiha, pizza, assim não tem lógica, eu acho que por aí é errado, eu não acho engraçado, acho que é um assunto sério”.***
- ***“Os meninos não podem ouvir falar em espermatozóide, a hora que fala em espermatozóide, dão muita risada, e aí não dá pra falar mais nada. O professor desiste.” (Garota, 14 anos)***

Os depoimentos obtidos junto aos alunos reforçavam a necessidade da educação sexual na escola, e a receptividade e o interesse dos adolescentes, contribuíram para que fossemos delineando os objetivos do estudo:

- Conhecer como a sexualidade aparece na construção da identidade do adolescente
- Conhecer a opinião dos adolescentes sobre a educação sexual na escola

- Compreender como os adolescentes sentem e se posicionam em relação a conteúdos relacionados à educação sexual como corpo, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e gênero.

Realizamos uma pesquisa qualitativa, buscando identificar a opinião dos adolescentes, alunos inscritos na faixa etária de 13 a 19 anos, estudantes do Ensino Fundamental e Médio, pertencentes a duas escolas estaduais. Optamos pelas escolas estaduais considerando que mais de 80% dos adolescentes do município de Piracicaba são alunos de escolas públicas, e estas escolas concentram alunos na faixa etária escolhida.

A pesquisa teve como cenários duas escolas estaduais do município de Piracicaba ligadas à Direção de Ensino - Região de Piracicaba, e localizadas na região do Piracicamirim.

As duas escolas foram escolhidas porque já tínhamos realizado contatos anteriores visando estabelecer uma parceria entre os serviços de saúde e educação. Foram realizados contatos com os diretores das escolas que aceitaram a pesquisa, permitindo a utilização do espaço da escola e liberando os alunos que demonstrassem interesse em participar do estudo.

Considerando a complexidade do objeto de estudo, o estudo exploratório também foi útil no delineamento da coleta de dados, pois observamos que respostas por escrito e o preenchimento de formulários deixavam lacunas. Inicialmente utilizamos um questionário aberto. Após a análise dos primeiros questionários, percebemos que havia uma dificuldade de elaboração das respostas, que eram na sua maioria telegráficas, sem trazer singularidades e experiências destes sujeitos.

Porém, constatamos que após o preenchimento dos questionários, quando conversávamos em grupos pequenos, de até 12 adolescentes, estes se sentiam motivados a discutir os temas, traziam dúvidas e acabavam sugerindo outros encontros. Esta experiência serviu para ampliar a coleta de dados buscando resgatar as experiências dos adolescentes e trazer seus depoimentos de forma mais livre e dialogada, assim optamos pela realização de



grupos focais, baseado em um roteiro temático cujo conteúdo tem relevância para o tema abordado.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa que permite a obtenção de dados de natureza qualitativa a partir de sessões em grupo de pessoas (numericamente limitados), que compartilham alguns traços comuns, discutem aspectos de um tema definido.

**A técnica de grupo focal permite a identificação e o levantamento de opiniões e representações que refletem o grupo em um tempo relativamente curto, otimizado pela exposição dos participantes e pelo confronto de idéias que se estabelece, assim como pela concordância em torno de uma mesma opinião, o que permite conhecer o que o grupo pensa, além de possibilitar estruturação de conteúdos. Para MINAYO (1996), o grupo focal permite aos pesquisados um espaço de reflexão de suas próprias concepções e possibilita mudanças de comportamento.**

Os registros dos depoimentos foram feitos através de formulários preenchidos pelos próprios adolescentes e de gravação em fita cassete, com transcrição realizada pela pesquisadora.

**Estes procedimentos nos permitiram aproximarmo-nos das pessoas e coletar relatos significativos, possibilitando a interação e obtenção esclarecimentos de dúvidas e reflexões de ambas as partes (adolescentes e pesquisadora).**

**Os grupos realizados tiveram o caráter de intervenção, e não somente de pesquisa, pois além de levantar opiniões, tivemos a preocupação de manter o caráter educativo e informativo. Consideramos a coleta de dados como um processo de comunicação e de interação social, no qual não existe neutralidade de observação, mas um processo de reflexão contínuo, motivado pelas várias intervenções e questionamentos.**

**Respondemos as questões colocadas pelos adolescentes, depois que todos tiveram a oportunidade de se manifestar sobre as perguntas.**

**PARKER et al. (1995), argumentam que as reuniões dos grupos focais devem ser localizadas onde os participantes se sintam à vontade para conversar sobre assuntos que são em geral carregados ou controversos. Segundo estes autores, o facilitador deve guiar o grupo por tópicos predeterminados, que podem ser perguntas diretas, afirmações ou problemas hipotéticos, estimulando a exposição de idéias e a discussão.**

**Para realização dos grupos focais utilizamos as salas de aula disponíveis na escola no momento da realização dos**

**mesmos, procurando garantir privacidade, mantendo a porta fechada e solicitação de não haver interrupções.**

Para a constituição dos grupos definimos como critérios de seleção: adolescente aluno de 8ª séries do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

Nossa opção pelos alunos de 8ª série se deu pelo fato de encontrarmos adolescentes com idade entre 14 e 16 anos, que estão vivenciando mudanças fisiológicas da puberdade, que fazem com que tenham uma percepção bastante presente deste processo e ao mesmo tempo estão colocados diante das possibilidades de ter uma vida sexual ativa.

Os adolescentes do 3º ano do Ensino Médio por sua vez, por situarem na faixa etária dos 16 a 19 anos, já passaram pelo processo de mudanças fisiológicas e segundo as estatísticas presentes na literatura, estão vivenciando o início de vida sexual ativa, e também podem, por estarem completando o Ensino Médio, trazer depoimentos sobre o processo de educação sexual que tiveram na escola.

As demais variáveis como gênero, etnia e religião foram consideradas como características que possibilitariam oportunidade da revelação das diferenças.

**Na época do contato com os adolescentes, optamos por fazê-lo a partir do interesse em participar da pesquisa, por situar-se dentro da faixa etária definida e por estudar no horário noturno, nas séries escolhidas. Quando do contato com os alunos para realização dos grupos**

**focais, solicitamos que estes respondessem algumas questões por escrito.**

A preocupação com aspectos éticos esteve presente durante todo o desenvolvimento do trabalho, procurando resguardar os direitos dos indivíduos envolvidos: os jovens foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo, orientados sobre os procedimentos para coleta de dados. Foi garantido o anonimato, a privacidade, o caráter sigiloso das informações coletadas através do questionário. Para os depoimentos, por se tratar de um grupo focal foram discutidos contratos para realização dos grupos, buscando preservar o caráter sigiloso e o respeito entre os membros do grupo. O direito de não participar da atividade proposta foi colocado em todos os momentos.

Após a fase de coleta de dados, os depoimentos foram ouvidos e transcritos literalmente pela pesquisadora. O material foi submetido a um processo inicial de codificação, por letra e números para cada um dos sujeitos entrevistados. A letra S foi utilizada para caracterizar o sujeito e o número designado a partir da primeira fala do mesmo no grupo focal. Os dados do questionário foram transcritos e utilizados para caracterizar os sujeitos, possibilitando ao leitor uma contextualização dos depoimentos, relacionando o perfil do adolescente sujeito deste estudo. Estes dados constam do anexo 1 deste estudo.

Procedeu-se a uma releitura dos depoimentos, para impregnação dos conteúdos e que foram analisados qualitativamente através de sua decomposição em temas. Para MINAYO (1996, p. 208), o tema está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto e comporta relações que podem ser “apresentadas através de uma palavra, uma frase, um resumo”. O tema está ligado à mensagem que se refere a determinado assunto. O tema é portanto a unidade ou significação que depreende de um texto analisado.

Iniciamos o processo de análise temática estabelecendo *a priori* “Adolescência”, “Sexualidade” e “Educação Sexual”. Através da análise dos depoimentos, da descrição dos temas identificamos as principais idéias expressas pelos adolescentes e re-agrupamos em classes de conteúdos.

## 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que a sexualidade é um fenômeno humano, uma necessidade básica que envolve atividades, fantasias, sonhos, erotismo e sentimentos relacionados à vida sexual, e que podem inclusive prescindir de contato genital. Refere-se a formas de expressar a afetividade presente em todos os momentos da vida e que pode se manifestar de inúmeras formas. Inclui vivências subjetivas relacionadas ao corpo e ao prazer de viver, influenciadas pela organização política e econômica e pela cultura, sendo, portanto continuamente elaborada e re-construída. Relaciona-se ao processo contínuo de autoconhecimento, aproximação e estabelecimento de relações entre as pessoas.

Na adolescência a sexualidade vem revestida de contradições e paradoxos, sendo por vezes negada, outras vezes estimulada e reprimida, tornando o adolescente vulnerável diante de situações conflitantes, numa fase em que ele estrutura seu próprio código de valores.

Os adolescentes vivenciam um período de intensas transformações das relações interpessoais, num contexto em que a velocidade das informações, com destaque para a “virtualização” e mediação por equipamentos tecnológicos, limita as oportunidades de reflexão. Uma das conseqüências é a perda de possibilidades de incorporação das informações, particularmente o caráter humano da sexualidade. Neste contexto a perspectiva de ouvir o outro, dialogar e considerar o diferente pode ficar comprometida, ampliando espaço para que haja incorporação imediatista de novos padrões de consumo e mercantilização do corpo, dos sentimentos, enfim da sexualidade. Estes são apresentados em muitos espaços, principalmente na mídia como mercadorias de consumo fácil, rápido e globalizado.

Em decorrência destas mudanças, o comportamento dos adolescentes muda também com grande rapidez, e a iniciação sexual ocorre mais cedo.

A educação sexual está presente em todos os espaços sociais e o adolescente é alvo de várias intervenções. Esta educação pode ser um processo informal ou formal. A educação sexual informal é num sentido amplo, “um processo global, não intencional, que

sempre existiu, em todas as civilizações, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo época e as culturas”. (WEREBE, 1998: 139)

Acreditamos que educação sexual formal tem a possibilidade de trabalhar as informações, humanizando as relações e abrindo espaço para incorporação de novos conhecimentos, articulando as experiências e dando subsídios para compreensão do sentido histórico e social da sexualidade humana.

Não podemos esquecer que no decorrer da história, valores, regras, proibições, tabus e barreiras foram sendo construídos e re-construídos. Muitos valores e normas sociais têm como finalidade proteger de situações nas quais possa ocorrer violência ou abusos, são próprios da cultura e do momento histórico. Por isso, as regras e tabus precisam ser questionados, porque podem ser empecilho para desenvolvimento saudável em outro contexto. Vários assuntos relacionados à sexualidade, tais como aborto, virgindade, sexo anal, homossexualidade e prostituição, entre outros, estão cercados por contradições.

A escola, como espaço para aprendizagem formal, pode ampliar o acesso às informações, oferecer oportunidade para discussão e para verbalização dos conceitos e preconceitos e, respeitando as diferenças, desmistificar a sexualidade como algo restrito às relações sexuais ou ao sexo biológico. Possibilita, inclusive, que estas possam ser compreendidas além dos estereótipos da “sacanagem” ou da ameaça ao social, e discutidas na sua historicidade e complexidade.

Ao discutir os diferentes pontos de vista, as experiências pessoais e as informações que os adolescentes recebem todo momento da mídia, dos amigos e das várias fontes, o espaço “orientação sexual” pode ser um dos instrumentos mais eficazes para educar sobre sexo e lidar com a sexualidade.

Acreditamos que a Orientação Sexual como um processo de intervenção planejada, sistematizada e com objetivos de refletir sobre a sexualidade pode permitir ao adolescente um repertório para que ele possa situar-se em relação à sexualidade e em relação à sua vida sexual em particular, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem na perspectiva de construção da cidadania e do direito à liberdade.

Como argumenta WEREBE (1998: 178), “uma autêntica educação sexual deve estar centrada na criança, no jovem e tem como ponto de partida e chegada suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e desejos”, nela o educando deve ser o próprio sujeito da educação.

Não entendemos que uma disciplina específica e única, com cronograma e horários previamente definidos possa dar conta da complexidade da sexualidade enquanto fenômeno humano. Ela correria o risco imediato de ser transformada em mais uma disciplina de conteúdo estanque desarticulada de outras áreas do conhecimento e perdendo a riqueza e potencialidade do trabalho articulado e transversal. Um outro risco imediato seria adoção de uma cartilha ou manual com conteúdos rígidos, simplificados para “ensinar” sexualidade ou educar sexualmente. Com a ausência de formação continuada de professores para atuarem como educadores ela teria grandes chances de reproduzir de forma estanque e desarticulada, temas polêmicos e densos, resultado do processo histórico e humano de construir e reconstruir relações.

Retomamos estas questões porque elas foram os fios que conduziram as entrevistas e a realização dos grupos focais.

Queremos discutir a necessidade da orientação sexual na escola, trazendo um retrato da educação sexual formal e informal presente na escola, desenhada a partir dos relatos dos adolescentes. Portanto não se trata de um tema novo, mas acreditamos que ele pode contrapor e compor com a realidade, com as dificuldades e problemas revelados nas estatísticas, relacionados ao exercício da sexualidade na adolescência. Também pode contribuir para desmistificar a sexualidade, e trazer outra referência para aqueles que vêm na sexualidade adolescente falta de responsabilidade e precocidade.

Consideramos, necessário conhecer o que os adolescentes e jovens pensam sobre sexualidade. E os relatos dos alunos entrevistados nos levam a reflexões referentes à educação sexual na escola, confirmando a importância deste espaço para discussão e construção de novas possibilidades para a Orientação Sexual na escola a partir das expectativas de um dos sujeitos do processo: o adolescente. Reafirmamos que consideramos o professor um dos agentes fundamentais neste processo, e que deve ser objeto de outra pesquisa.



Apresentamos como se configuram as representações acerca da adolescência na percepção dos adolescentes entrevistados, assim como a sexualidade aparece na construção do ser adolescente. E discutimos a forma como percebem/descrevem a educação sexual na escola corporificando na classe de conteúdo orientação sexual, que se constitui na principal finalidade deste estudo.

#### **4.1. Como a sexualidade aparece na construção da identidade adolescente**

**A forma muitas vezes estereotipada e naturalizada com que os adolescentes são concebidos compromete a orientação sexual (SAYAO, 1997 e PAIVA, 2000). Há necessidade de desnaturalizar a adolescência como processo, entender a realidade onde ela se concretiza e contextualizá-la neste espaço. Entendemos que ao realizar projetos e intervenções com adolescentes devemos conhecê-los para evitar que façamos uma transferência de modelos e visões de**

**adolescência das classes médias e altas, de modelos ‘globalizados’, homogeneizados e reducionistas.**

**Isso significa que para atuarmos com adolescentes alguns questionamentos são importantes para planejar e viabilizar o trabalho de orientação sexual entre os quais destacamos: quem são os adolescentes, como vivenciam esta etapa da suas vidas, como a sexualidade aparece na construção da identidade adolescente.**

Ainda que este estudo não tenha como objetivo discutir a identidade adolescente, o entendimento da adolescência tem implicações no posicionamento e na compreensão desta etapa, nas suas características e pode trazer indicativos para o desenvolvimento do trabalho de educação sexual de forma efetiva, entendendo e resgatando a sexualidade como fenômeno humano.

Constatamos que entre os sujeitos entrevistados a percepção da adolescência está associada às mudanças corporais características da puberdade, aos valores sociais e a cultura. O corpo aparece como uma marca importante de identificação para os adolescentes, e as suas transformações são destacadas pelos entrevistados:

- *“Quando veio minha 1ª menstruação fiquei muito feliz, parecia uma boba alegre” (A -1, GF1).*
- *“(…) aos 13 anos, com as funções hormonais dando seus primeiros sinais, com o crescimento dos pelos e as ereções frequentes”.(A - 17, GF2).*

As mudanças corporais são um importante ponto de identificação com a transição da infância para adolescência, confirmando características da adolescência presente na literatura. Neste processo de transição observamos que a primeira menstruação tem um papel destacado, sendo descrita por cerca de 40 % das entrevistas como um marco que identifica a passagem da infância, e dá um outro status para as meninas. Também aparece a repressão ao comportamento da adolescente feminina e controle sobre sua sexualidade, já explicitando as diferenças de gênero. Para os adolescentes masculinos, as mudanças físicas como surgimento de pêlos, mudanças da voz e a presença da ejaculação também têm significado, mas sem a mesma simbologia que a menarca.

Os adolescentes entrevistados não reduzem a adolescência aos elementos biológicos e fisiológicos, avançando além das mudanças biológicas, trazem outro critério agora social que é indicativo da adolescência: a mudança da atividade principal destes sujeitos, que deixam de ser aqueles que brincam para serem os sujeitos que trabalham. A responsabilidade associada ao trabalho ganha espaço, e nos relato dos adolescentes pesquisados ela aparece com frequência como uma característica da adolescência.

- *“Quando percebi que já tinha responsabilidade suficiente, pois eu cuida da minha casa desde os 12 anos” (A – 10, GF 2).*
- *“Quando percebi que já tinha uma responsabilidade muito grande em casa e no meu serviço, pois comecei a trabalhar com 15 anos” (A – 11, GF 2).*

- *“No momento em que tive mais liberdade, e parei de brincar, e no momento em que passei a trabalhar” (A -1, GF1)*
- *“Ser adolescente é ter um pouco mais de responsabilidade (...)” (A -4, GF 1).*
- *“E mudar o seu jeito de pensar e agir encarar o mundo de outra forma”. (A -14, GF2).*

**Para os sujeitos da pesquisa, adolescentes de bairros populares, o trabalho implica em responsabilidade o que caracteriza a adolescência em contraposição à infância, não implicando ainda na entrada para o mundo adulto ou ruptura com adolescência, mas como a possibilidade de ter alguma autonomia, vir a ser independente, assumir escolhas e ajudar no orçamento familiar.**

**ADAMO (1987) traz a discussão sobre a adolescência prolongada,**

quando as manifestações da puberdade ocorrem mais precocemente e o final da adolescência é retardado em função da formação escolar e da dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, tema não observado entre os adolescentes pesquisados, para quem o assumir responsabilidades e a inserção no mercado de trabalho ocorrem precocemente e compõem o “ser adolescente”. Devido às necessidades econômicas, adolescentes das classes populares não podem ficar sob a tutela dos pais durante toda sua formação escolar, e acabam inseridos no mundo do trabalho, mesmo que de maneira informal. Encontramos nos depoimentos de adolescentes de 14 e 15 anos relatos de trabalho que, pelo Estatuto

da Criança e do Adolescente, são classificados como trabalho infantil.

Identificamos que estes adolescentes trazem o modelo de adolescência gerado pelas necessidades econômicas e sociais dos espaços onde estão inseridos. Estas constatações podem ser um indicativo de como os educadores podem trabalhar, na prática educativa, a educação sexual de maneira articulada à discussão de gênero: a reflexão acerca da inserção do adolescente no mundo do trabalho, sociedade e família e de como a condição “masculino ou feminino” é socialmente definida e não é apenas uma situação biológica, natural e estanque. SILVA (2001: 81) argumenta que *“a sexualidade é construída pela história e divisão do trabalho humano. A*

*sexualidade é fruto e fundamento das relações de trabalho. A reprodução humana e a produção social de bens estão intrinsicamente articulado”.*

Outro critério que marca a mudança de posição que estes adolescentes ocupam dentro das relações sociais é o exercício da sexualidade. O olhar para o “outro”, que passa a ser identificado como objeto de desejo, que desperta novas sensações e emoções, as manifestações da afetividade e a busca das relações afetivas aparecem em vários relatos como diferencial desta fase, sendo percebido como uma das características marcantes na adolescência:

- *“Ah, eu não me lembro nenhuma coisa que marcou essa mudança, mas quando dei meu 1º beijo - sei lá”. (A - 13, GF 2).*

- *“Quando passei a sonhar com um garoto, imaginar como namorado, trocar carinhos e sentir meu corpo diferente, imaginar as coisas”. (A - 9, GF 2)*

**O desenvolvimento dos corpos dos adolescentes possibilita o exercício da sexualidade, muito estimulada pelos meios de comunicação que determina modelos de identificação e ideais de sensualidade, corpo, relações afetivas. Porém, as condições sociais reais são ainda restritivas, ao exercício da sexualidade, a despeito de muitos já serem inclusive “independentes financeiramente”.**

**E junto com a possibilidade do exercício da sexualidade, do estabelecimento de relações afetivas os adolescentes relatam os conflitos e o controle da sexualidade pela**



**família. Há atritos e angústias, derivados das contradições particularmente entre o que é esperado pela família; os desejos dos adolescentes e as influências que recebem dos meios de comunicação. Os adolescentes reconhecem que a possibilidade de diálogo é dificultada porque os pais querem proteger os filhos, determinar os seus valores e, os adolescentes querem experimentar:**

- *“Na minha casa também é assim. Meu pai fala enquanto você morar na minha casa, embaixo do meu teto (...) pensa que ficar, ter relação antes do casamento é tudo pouca vergonha, mas no tempo da minha avó o pessoal também tinha relação, engravidava e casava. Minha tia namorava só dentro de casa, com minha avó juntas. Só despedia na garagem e engravidou, foi no caminho da garagem até o portão”.(A - 10, GF 2).*
- *“Se eu fosse falar dos meus pais acho que a palavra seria tapado.” ( A - 14, GF 2).*

- *“Meu pai é daquele tipo, você pode até fazer 18 anos, mas enquanto você tiver na minha casa, quem manda em você sou eu (...) Ele acha que sou uma criança indefesa, que precisa ficar numa caixinha de porcelana, então você faz o que ele quer, porque quer, assim você tem que ir por ele. Se eu não fizer o que eu quero, eu vou viver numa caixa de surpresa ... (S - 12, GF 2).*

**Os relatos apontam que são dificuldades para a educação sexual a dificuldade de comunicação, os valores, a ausência de diálogo e mesmo a omissão de algumas famílias. Entendemos que a educação sexual na escola pode trazer a discussão das relações familiares, possibilitando que relatos como os que transcrevemos acima possam ser debatidos entre os adolescentes. Afinal como é perceber os pais e mães como pessoas, que têm histórias para contar, que passaram pela experiência da adolescência, que podem ter seus motivos para fazer restrições. Assim como a**

privacidade é um direito que precisa ser discutido de forma clara, com respeito às posições e divergências, e só é possível através do diálogo e da negociação, às vezes conquistando propostas intermediárias que facilitem o relacionamento dos pais e dos adolescentes.

Os adolescentes também fizeram referência a adolescência como a melhor época da vida. Esta pareceu ser uma concepção cristalizada na fala dos adolescentes pesquisados: “a melhor fase da vida, tempo de diversão, alegria e de não assumir à vida muito sério e de aproveitar porque passa logo”. Esta aparente contradição é um reflexo das próprias mensagens que recebem por vezes da família, dos meios de comunicação e da realidade sócio-cultural

como aponta CALLIGARIS (2001). Se descontextualizadas e reduzidas ao “aproveitar porque passa logo”, pode ser justificativa para correr riscos porque é um momento único, o mais belo: “a flor da idade”. Entendemos que a orientação sexual para adolescentes deve trazer a discussão da existência humana como um contínuo, discutindo o próprio conceito de adolescência, as facilidades e dificuldades de viver este processo, sua riqueza e possibilidades. Esta discussão pode ser introdutória a vários assuntos relacionados à educação sexual, debatendo possibilidades de valorização da vida, e dando subsídios para que as experiências sejam refletidas e vividas com plenitude. Que a sexualidade

seja entendida como um fenômeno humano presente desde o nascimento e que permanece enquanto houver vida.

Concordamos com BEAUVOIR (1970: 31) que argumenta que a passagem da infância para a adolescência faz acirrar os conflitos e falhas, porque o adolescente percebe as contradições, fraquezas e hesitações humanas. Ao entender o “caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, os valores”, o adolescente sente que chegou o momento de participar, escolher e decidir. “A causa mais profunda da crise da adolescência é que o indivíduo deve, enfim, assumir sua subjetividade”. Este assumir responsabilidades é um

processo que pode possibilitar que as relações com os pais e outros adultos sejam contextualizadas e negociadas buscando suprimir formas de opressão. Entendemos que o adolescente pode e deve ser protagonista, marcando posição sem deixar de reconhecer a validade de outras experiências e opções, valorizando princípios éticos e exercendo sua cidadania.

Chamamos a atenção como os adolescentes incorporam e reproduzem expressões como “*aborrecente*”. Alguns desses adolescentes se rotulam “*aborrecente*”. Esta expressão traz implícita a desvalorização do adolescente e o seu processo de desenvolvimento cognitivo, psicológico e interesse e necessidade de participar de “eventos da vida adulta”, e

aparece em expressões trazidas pelos adolescentes entrevistados: “enquanto você tiver sobre o meu teto, eu dou ordens e você obedece”, “você me deve respeito”, “meu dever é te proteger”, “quieto, enquanto está sob as minhas asas”, “proteção é algo amoroso, afetivo”. Questionadas sobre o significado da palavra ‘*aborrecente*’, recebemos como respostas:

- *“Aborrecente por que aborrece os pais, quer sair, quer ter liberdade, quer ter sua cabeça, fala demais ou de menos, às vezes está descontente, acha que não tem roupas para sair, ah! têm tanta coisa...” (A-1; GF1).*
- *“Minha mãe vive falando que ter filhos aborrecentes é muito difícil, não estão contentes com nada. Às vezes acho até que ela tem razão. Mas todo mundo fala aborrecente, assim pode falar adultoecente” (A-4, GF 1).*

- *“Os professores falam que adolescente são um pé no saco... Desculpe Dona, mas não dá para falar e rir que vêm logo com lição, acham que está perdido, falta vergonha. Nem parece que o mundo mudou, como tempo da minha avó” ( A - 18, GF 2).*

Acreditamos que estes depoimentos são indicativos da presença de preconceitos e de uma visão naturalizada da adolescência, que omite suas características históricas e a realidade onde se insere, projetando em todo adolescente o modelo de adolescência dominante. Defendemos que os preconceitos e as imagens da adolescência precisam ser analisados e desconstruídos para possibilitar, inclusive, que o adolescente melhore sua auto-estima e participe de forma mais ativa e construtiva do processo social, reconhecendo seus direitos e seu potencial de transformação da realidade.



Entendemos que a adolescência é um momento particularmente importante, construído socialmente e com influências contraditórias. Identificamos que os adolescentes estão ávidos por informações, por mudanças e trazem contribuições significativas inclusive no entendimento do seu momento de vida. Portanto, ao trabalhar com adolescentes, os educadores precisam fazê-lo através de uma abordagem integral que tenha como princípios a participação e a interação, sem imposição de valores ou condutas, reconhecendo o espaço social onde estão inseridos e as influências e contradições que vivem.

#### 4. 2. A Educação Sexual na Escola

**Estar adolescente em Piracicaba significa conviver com uma sociedade complexa, que traz grandes possibilidades e limites, resultado das características da urbanização que se processou no interior do Estado de São Paulo. Entre estas possibilidades está a complexidade de conviver com a busca de si mesmo convivendo com valores, preconceitos e estereótipos presentes na nossa sociedade.**

**Dados do Núcleo do Adolescente, obtidos em 2002 junto a 2854 adolescentes, alunos de escolas públicas de Piracicaba, apontam para o interesse dos adolescentes por educação sexual. No diagnóstico elaborado pelo Núcleo, a escola aparece em primeiro lugar como fonte de informações para os adolescentes sobre**

**sexualidade, sendo destacada por 70% dos entrevistados. A família e dos amigos aparecem em seguida como outros mais citados.**

**Portanto, discutir a educação sexual na escola na perspectiva dos adolescentes pode trazer contribuições para que este processo reconheça nos adolescentes os sujeitos e parceiros deste trabalho. Foi o que identificamos ao analisar os dados desta pesquisa onde constatamos que 95 % dos adolescentes consideram necessária a educação sexual na escola, e destes 76% argumentam e justificam a educação sexual na escola como à oportunidade para os adolescentes que não recebem orientação sexual ou não conseguem conversar sobre sexualidade na família.**

Entendemos que ao abordar a educação sexual, a escola pode fazê-lo sob diversos pontos de vista, complementando a orientação familiar, porém deve saber que informações, que valores, que papel desempenha a família na educação sexual dos adolescentes. No nosso entender é preciso ter consciência que muitas vezes a família não conseguiu verbalizar até mesmo os aspectos fisiológicos. É o que podemos perceber com estes depoimentos obtidos durante os grupos focais:

- *“Eu tive de perguntar, de ter a curiosidade de saber entendeu? Sobre relação sexual, quem teve curiosidade, que teve que perguntar sobre isso fui eu. Muitas coisas ela não falou, não fala até hoje. ( A - 10, GF 2)”*.

- *“Em casa, na família isso é difícil, podem até ser abertos para muitas coisas, mas sexo não é fácil. Muitas coisas você descobre, você pode falar com amigo, essas coisas...” (A - 17, GF 2).*

- *“Meus pais nem imaginam que eu já transo com meu namorado. Se ele ficar sabendo me expulsa, coloca logo na rua, nem posso falar de sexo, que vou levantar suspeita. Minha mãe manda prevenir, dá conselhos, mas evita falar o assunto”( A -11 , GF 2).*

Com relação à família é interessante notar que sempre a mãe surge como mediadora e o pai aparece muitas vezes como repressor da filha-mulher ao mesmo tempo que estimula a expressão da sexualidade do filho-homem. Não exploramos estas colocações, mas achamos oportuno fazer este registro. Que pode ser um outro indicativo para discussão das relações familiares, enfocando a categoria gênero.

**A sexualidade e suas manifestações estão presentes em todas as faixas etárias, embora muitos “profissionais da escola” possam alimentar a idéia que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família. (SAYÃO, 1995; BRASIL, 1998 b) Nos depoimentos obtidos, os adolescentes relatam que na família há muito silêncio, constrangimento e repressão quando o tema é sexualidade.**

- ***“Meus pais nunca falaram nada. Nem de menstruação. Eu fiquei sabendo porque a minha prima falou, antes de vir para mim. E quando aconteceu pelo menos já tinha ouvido falar graças a minha prima”.*(A - 11, GF 2).**

- *“A minha mãe desde criança, desde que eu me lembro ela foi falando essas coisas, ela sempre foi liberal comigo, de corpo, de relação sexual (...) Ela nunca me proibiu de nada. Agora o meu pai se eu falar é bem capaz de dar um quietão bem no meio dos olhos. Ele acha que por eu ser mulher eu não devo transar, assim, entendeu?” (A - 16, GF2).*

- *E tem coisas que a gente não tem como falar com os pais. Fica com medo de ter alguma reação mais pesada”. (Que coisas são difíceis de falar com os pais? Silêncio, o que seria uma reação mais pesada?) “Você perguntar para o pai como foi com ele ... a primeira vez dele. Se ele gostou, se deu certo. E aí ele te dar uma dura falar que você não tem que saber destas coisas e por aí. Com o professor ele pode achar ruim, mas ele não pode ter uma relação tão pesada”. (A – 4, GF1)*

**A discussão e o exercício da sexualidade é uma área de conflitos permanentes com a família, e consideramos um indicativo da importância e da necessidade do trabalho de orientação sexual na escola até que uma nova família surja e assuma conjuntamente esta tarefa, que é uma responsabilidade social e no nosso entender deve ser exercida em várias instituições e espaços sociais.**

**Entendemos a educação sexual como um processo de reflexão**

sistemática, realizado na escola pelas várias disciplinas, junto aos alunos, com o objetivo de discutir a sexualidade humana, para compreender sua história, revelar condicionantes, contradições e sua complexidade. A partir das intervenções na sala de aula a educação sexual busca possibilitar que os adolescentes possam vivenciar sua sexualidade de forma prazerosa e saudável. Neste processo, consideramos necessário conhecer o entendimento prévio que os adolescentes tem sobre sexualidade, porque nesta pesquisa constatamos que embora tenhamos encontramos nos formulários algumas respostas que mostram uma certa confusão entre sexo e sexualidade, os adolescentes na sua grande



maioria diferenciam sexo e sexualidade.

- *“Uma coisa quando você gosta de uma mulher você namora mais de um ano você terá um sexo”. (A - 4, GF 1).*
- *“Para mim é seduzir, é o que eu acho” (A – 5, GF1).*
- *“O que o jovem quer é falar de relacionamento, de vida afetiva, dos sentimentos, da relação e os professores, até os alunos que zoam não querem. Então é só prevenção, e ai eu acho que não dá, cansa” (A – 13, GF2).*
- *“Aula de educação sexual é a orientação e explicação não só sobre coisas ligadas ao sexo, mas coisas que dão prazer”( A – 9; GF2)*
- *“Eu acho que é gostoso falar destes assuntos, é parte da vida de todos. O que as jovens querem é realmente contar as dúvidas, entender seus sentimentos, compreender o que passa na cabeça e no coração. É um sonho ter com quem falar, ouvir, e contar sem medo de ser'mala'. Os pais sempre acham que ta muito adiantada só que coisas tão passando na sua cabeça, acontecendo com você, querendo ou não”. (A - 19; GF2).*

- *“Para mim é difícil de dizer, porque acho que nestas coisas de namoro, relação, sexualidade cada pessoa tem sua cabeça, o que um acha lindo para outro não tem assim nada ver para outro.”(A – 1, GF1)*

Estes depoimentos revelam mudanças na compreensão da sexualidade, com vários indicativos de que à maioria dos adolescentes percebem diferenças entre sexo e sexualidade. E este processo pode ser ampliado à medida que as aulas de educação sexual sejam planejadas e integradas no projeto pedagógico da escola. Defendemos que sua efetivação traz oportunidades para que os adolescentes possam analisar diferentes conceitos de sexualidade e ter subsídios para entendê-la, viver e incorporá-la no seu

dia a dia de forma mais prazerosa.

O encantamento do conhecer, da discussão, gera um processo de reflexão que também é um processo de auto-conhecimento, sem ser um processo terapêutico, mas um processo de apropriação deste conhecimento. Entendemos que os depoimentos obtidos são reveladores do próprio crescimento e descobertas da adolescência. Neste processo o professor tem seu papel redimensionado na sala de aula, como um 'desequilibrador' de conceitos arraigados e que tem significados na vivência cotidiana, e articulação com a sexualidade, já que para os adolescentes entrevistados a sexualidade está sendo vivenciada em torno de alguns problemas muito

comuns. E entre eles: doenças, AIDS, gravidez, relações sexuais. E os adolescentes relatam que sentem esta necessidade:

- *“Não falam (de educação sexual), se a gente está na escola é para aprender, eu acho que deveria ter. (...) Se já colocaram aula de religião, por que não colocam aula de sexo também?”. (A -1, GF 1).*
- *“A gente tem que aprender tudo. O que adianta a gente aprender uma parte e não a outra. Lá na escola que é do SENAC, no curso de eletricista eles falam prevenção de doenças, dos cuidados”. (A -7, GF 1).*
- *“Quem fala é a professora de biologia, já falou de doenças, da gravidez, dos métodos para prevenir gravidez. Mas fica nisso, não é 'Cris'?” (A - 16, GF 2)*

A ação da escola no campo da sexualidade se exerce por medidas de repressão, porque nem sempre os educadores têm formação que possibilite

serenidade e tato necessário para trabalhar as brincadeiras, comportamentos e até provocações dos adolescentes (WEREBE, 1998 : 151).

Por outro lado, durante a realização do estudo exploratório, também aparecem relatos que apontam para a professora rompendo convenções, provocando reflexão a partir de uma situação-brincadeira na sala de aula. Um dos alunos levanta, verifica as carteiras, traz uma carteira com um pênis e bolsa escrotal desenhado com tinta branca, e solicita para olharmos.

- *“E aí quem sentar eles ficam tirando uma’, falam que sentou. Até com professor eles fazem essas brincadeiras.” ( Garota, 13 anos)*

- *“Tinha uma professora que era substituta, e ela estava cansada da brincadeira, porque viviam trocando as carteiras e tirando uma com quem senta em cima. Ela pegou a carteira, colocou na frente e sentou e falou pronto eu tenho coragem, e agora? E aí ficaram sem jeito e acabou a brincadeira”. (Garota, 14 anos).*

Estudos apont

verbais, música, etc” e aponta para a intervenção do educador permitindo “que o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta” (BRASIL 1998 b: 15/16). Esta situação pode ser discutida a partir de várias perspectivas, e pode ser desencadeadora de um processo rico e contínuo, ou também ficar restrita a uma ação sem devida reflexão.

*“Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa ‘praia’. As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras, as paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.” (SAYÃO 1997: 112)*

**A educação sexual na escola como processo envolve**

construção de conceitos e a avaliação permanente das atividades e do entendimento dos alunos. É um processo de intervenção pedagógica com objetivos de desmistificar, contextualizar, informar e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo crenças, tabus e valores associados à sexualidade.

Entre estas questões, a homossexualidade é um tema que os adolescentes apontam como de interesse, revelando preconceitos e curiosidades. Não pretendemos abrir uma discussão sobre homossexualidade, apenas destacar que quando este tema apareceu espontaneamente nos depoimentos, veio cercado de tabus e discriminação da orientação sexual, entendida como uma anormalidade ou

falta de vergonha. Os preconceitos podem levar a discriminação que por sua vez pode ser acompanhada por atitudes de desrespeito às diferenças, a alteridade.

- *“Eu acho que é uma escolha da pessoa (homossexualidade), e se escolheu é porque é sem vergonha. A bíblia fala isso” (A – 3, GF1)*
- *“Bom pensando por este lado acho que do jeito que eles são, todo mundo tirando uma, ninguém ia escolher sofrer assim. Deve ser muito difícil ser gay. Eu não entendo como pode”. (A - 7, GF1)*
- *“Nossa se encanam que o cara é bichinha, não tem jeito é só zoação. Tem um menino da 7ª série que todo mundo mexe, acho que ele nem é, não leva jeito, mas como fica envergonhado tiram sempre uma” (A – 7, GF1)*

Entendemos que a educação sexual tem como um dos objetivos discutir o exercício da sexualidade



humana além dos limitados padrões do sexo-reprodução presente entre os animais, já que ela se dá num contexto biopsicosocial complexo. A sexualidade como exercício humano deve estar amparada por uma abordagem ética, de direitos, de respeito e portanto, há necessidade da instrumentalização dos professores através da formação continuada, da desmistificação da sexualidade, de forma trabalhar os preconceitos e rever posturas muitas vezes naturalizadas que possam estigmatizar e excluir.

Também não pretendemos discutir as práticas sexuais e as diferentes formas de expressão da sexualidade, mas queremos registrar a pergunta de uma das adolescentes, que é um

**indicativo das dúvidas,  
fantasias e da necessidade de  
compreender a sexualidade:**

- *“Uma senhora que conheço, ela tem uns 42 anos, ela falou que uma mulher que teve uma relação anal e agora precisa usar fraldas porque ela perdeu o controle. È assim mesmo professora?”  
(A -1; GF1)*

- *“Vocês não trazem estas dúvidas para conversar na sala de aula?”  
(pesquisadora)*

- *“Eu acho que não tem aula mesmo de educação sexual porque o pessoal só zoa. Iam ficar zoando. (...) Mas eu não acho que se Deus fez o homem e a mulher tão perfeitos, não era para usar para outras coisas”. (A -1; GF1)*

Acreditamos que a educação sexual na escola pode fazer estas discussões de forma ampla buscando para trabalhar preconceitos e possibilitar o exercício saudável da sexualidade. Trazer a discussão da sexualidade como uma fonte de prazer, de afetividade, de comunicação e de bem estar para o indivíduo e para as outras com quem estabelece laços. Não se trata de ensinar a fazer sexo, dar aula prática e sim de ampliar o entendimento da sexualidade humana como uma construção histórica, erotizada e não limitada aos genitais, assim como associar a discussão dos padrões éticos de respeito ao outro, seu corpo e suas convicções.

Entendemos que as aulas ou momentos relatados pelos adolescentes demonstram atividades aparentemente sem continuidade, muitas vezes desenvolvidas por professores substitutos, que não abordam crenças e tabus associados. Considerando o interesse e a

iniciativa destes professores, percebemos também como é uma atitude isolada, fragmentada e aparentemente descontextualizada do plano de ensino ou do projeto da escola.

- “Era uma vez uma professora chamada Roseli, era substituta, ela trouxe uma revista dessa daí (*Fala garoto*) umas par delas, deu para classe inteirinha na aula de português e aí começou a explicar tudo que a gente queria, parecia profissional mesmo. Só que faz muito tempo e eu esqueci tudo que ela falava”(.). “Nós respondemos as perguntas na lousa, respondemos o que a gente achava.”(A –1; GF 1)
- (E vocês discutiram depois?) “**Bastante**”. (A –1; GF 1)

**ARAGÃO (1976), destacando AUSUBEL e a aprendizagem significativa, enfatiza que para haver aprendizagem significativa é necessário que haja relação entre o conteúdo a ser aprendido e o que o aluno já sabe, ou seja, imagens ou conceitos que este aluno tenha são importantes no processo de aprendizagem.**

**A revista citada tem conteúdo bastante amplo: namoro, virgindade, gravidez, corpo erótico, corpo reprodutivo,**

**doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e sexo seguro. Diante da afirmação da aluna de que este conteúdo foi trabalhado em uma aula, fica o questionamento: qual foi o espaço para trabalhar o conteúdo prévio destes alunos, seus conceitos, as diferentes opiniões em temas tão polêmicos?**

**É necessário que os professores tenham condições de realizar uma auto-reflexão que considere, em primeiro lugar, suas próprias concepções e percepções sobre sexualidade, seus valores, suas idéias, seus sentimentos, seu trabalho com o tema em sala de aula. Há necessidade de investir na formação dos educadores, para que estes possam trabalhar com as questões relacionadas à sexualidade de forma a contribuir para que crianças e adolescentes possam ter suas**

dúvidas respondidas sem preconceito e aprofundem suas reflexões e posições sobre o tema, desenvolvendo valores éticos e de respeito ao próximo (SUPLICY,1998).

A educação sexual está presente desde o nascimento, predominantemente na família, onde são transmitidos valores associados à sexualidade. Estes valores podem não ser explicitados, mas trabalhados através de recomendações, proibições ou expressões que o adolescente incorpora, e que vai determinar suas ações.(SAYÃO, 1997: 108)

- *“Eu acho que tem muita pergunta que não dá pra ser feita com todo mundo por que vai ser aquela falação. O ‘Juca’, ele zoa com todo mundo veio participar do grupo e não falou nada, só ficou de escuta. E tem gente na classe que também não quer saber”. (A - 19, GF2)*

Enquanto as informações biológicas há muito tempo vêm sendo trabalhadas pela escola, particularmente nas aulas de biologia (CABRAL, 1995; SAYÃO, 1995; NUNES, 1996; AQUINO, 1997), há uma tendência de uniformizar os adolescentes através do conteúdo, de objetivos e das formas de atuação o que impossibilita trabalhar a sexualidade de forma ampliada buscando a incorporação das informações e a mudança de atitudes. SAYÃO (1995) argumenta que orientação sexual na escola é comumente tratada na disciplina de ciências. Considerando à complexidade e dimensão da sexualidade humana, defendemos que a educação sexual deve consistir em um espaço importante de aprendizagem, a ser trabalhado pelas diversas

áreas, de forma contínua e integrada, deixando de ser tratado somente como conteúdo de anatomia, fisiologia e patologia das doenças na disciplina de ciências biológicas.

No processo educativo, a troca não se reduz apenas às informações, ao que é verbalizado, havendo atitudes, valores e crenças que interferem na discussão da sexualidade e da afetividade. A qualidade das relações na sala de aula é verbalizada por todos os adolescentes, como um entrave às aulas de educação sexual. A preocupação com a exposição e com os comentários inibe e impede que a comunicação seja aberta e direta. Talvez um indicativo de que as relações precisam ser trabalhadas, com ênfase no respeito e na ética.

**Outro fato importante detectado e ligado às aulas de educação sexual é a opinião dos adolescentes sobre o processo educacional. Perguntados sobre o que seria uma boa aula de educação sexual, os adolescentes manifestaram opiniões como:**

- *“Um debate como este que estamos fazendo aqui, onde desse para colocar as opiniões e ouvir os outros falando.” (A – 18, GF2)*
- *“O que é muito desagradável é a vergonha. E aí só falam aquilo que a gente já sabe. Não dá pra falar das dúvidas, dos sentimentos”. (A – 15, GF2)*
- *“Tem que deixar de dar lição de moral, precisa falar claro e respeitar os diretos de quem escolheu, nunca fazer medo, todo mundo tem dúvidas e fica ansioso se não tem com quem discutir. Então você aprende é com os amigos, ouvindo conversas, casos e...” (A – 9, GF2)*

**De maneira geral, os alunos assinalam que há dificuldades em falar sobre sexualidade na**



sala de aula, que nem todos ficam à vontade, que alguns são ironizados, porém são unânimes em considerar a necessidade da educação sexual na escola. Destacam que para muitos adolescentes a escola é a única fonte de informação além dos amigos.

Os adolescentes entrevistados consideram que os assuntos mais interessantes para ser discutido nas aulas de orientação sexual são: corpo, relações sexuais, métodos de evitar gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, namoro, gravidez, prazer, homossexualidade, aborto. Em face da frequência destas colocações, serão abordados através de relatos de aulas nos quais estes temas aparecem.

4. 3. A educação sexual relatada pelos adolescentes

A educação sexual oferecida pela escola, na visão dos entrevistados, será apresentada através das falas dos adolescentes divididos em sub-temas: corpo, doenças sexualmente transmissíveis e gênero. À discussão do corpo e das doenças sexualmente transmissíveis, segundo os adolescentes são temas de intervenções de alguns professores. A discussão de gênero foi provocada pela pesquisadora, segundo os adolescentes ela não está presente nas aulas, mas vários depoimentos têm como componentes questões de gênero, que aparecem diluídas na discussão.

Esta forma de apresentação constitui um recurso didático, porém ela não contempla a riqueza, a complexidade e as

**vinculações entre os temas à medida que os adolescentes exploraram as diferentes situações apresentadas pelos seus pares.**

#### **4. 3. 1 - O Corpo**

*“A igreja diz: O corpo é uma culpa”.  
A ciência diz: O corpo é uma máquina  
A publicidade diz: O corpo é um negócio  
O corpo diz: Eu sou uma festa.”“  
GALEANO (1994 : 138)*

**O organismo é recebido por herança, “como equipamento genético-infra-estrutural” enquanto o corpo é “uma construção realizada sobre o organismo, atravessado pela inteligência e o desejo, em um momento histórico determinado” (FERNÁNDEZ, 1994 : 44).**

**Na adolescência o corpo passa por mudanças intensas, abrindo novas possibilidades de encontros, assim como de**

preocupações, timidez e um certo desconhecimento. As várias mensagens diretas ou não que os adolescentes recebem vão possibilitar ou não a vivência destas transformações de forma mais ou menos tranqüila.

As influências da família, da igreja, da escola e da mídia vão construindo os significados dos corpos. FERNÁNDEZ (1994) observa que os discursos hegemônicos, religioso e médico, do corpo fazem omissão da diferença de gênero. No discurso religioso o corpo, o exterior está coberto de proibições; já o discurso médico fragmenta o organismo e transforma os caracteres em simples acessórios.

As transformações do corpo na adolescência podem gerar conflitos relacionados ao

padrão de beleza estabelecido pela mídia. É comum o adolescente verbalizar preocupação com espinhas, tamanho das mamas, peso. O corpo é visto como um monte de pedaços.

No documento dos Parâmetros Curriculares “o conceito de corpo diz respeito as possibilidade de apropriação subjetiva de toda experiência na interação com o meio. O organismo atravessado pela inteligência e desejo se mostrará um corpo” (*BRASIL, 1998 b: 23*). Porém, o mesmo documento restringe a abordagem do corpo como matriz da sexualidade ao limitar que o objetivo das discussões “é propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde”.

Nesta pesquisa, os depoimentos dos adolescentes ao falar das aulas cujo tema foi corpo demonstram que a escola discute e trabalha mais com a concepção de organismo, como se a sexualidade só ocorresse no aparelho reprodutor. Pelos relatos dos adolescentes nas aulas ensinam o que é pênis, o que é vagina, enfim as partes do organismo. Mas os adolescentes querem ampliar para os relacionamentos, para a sexualidade que é indissociável do ser humano, e vai muito além da reprodução.

- *“Na aula de ciência é... Deixa ver... Na aula de ciências eles falam de estômago, depois de rim... e depois... (A – 3, GF1)*

- *“Quando chegou na parte de baixo não explicou merda nenhuma, falando o português claro. Fala para que serve o ovário, o útero, o testículo, fala.” (A - 1, GF1)*

- *“Às vezes não dá pra falar tudo, por que o pessoal é bobo, ficam dando risada quando é das partes do sexo” (A – 6, GF1).*

Os adolescentes não percebem que a insegurança e a ansiedade provocada pelas mudanças corporais levam a um fenômeno característico: as risadas, que são inclusive uma forma de manter distância sobre o tema que provoca tensões e excitações muitas vezes incontroláveis. Os adolescentes acabam concordando com atitudes agressivas e punitivas dos adultos, que perdem oportunidade de estabelecer o diálogo. Entendemos que estamos diante do que GONÇALVES (1994) chama de aprendizagem de conteúdos que desvincula o corpo, as experiências sensoriais e

**cumpra apenas as exigências de memória.**

**Quando nos colocamos a disposição para esclarecer dúvidas, os adolescentes fizeram perguntas que revelam o desconhecimento do funcionamento do corpo, mas também o interesse com uma situação concreta que pode estar sendo vivenciada por adolescentes e a preocupação com a gravidez.**

**Embora não fosse nosso objetivo testar conhecimentos, mas estávamos abertos para trocas e socialização do conhecimento, acabamos por introduzir uma pergunta sobre o entendimento que eles tinham do ciclo menstrual, uma vez que perguntas sobre gravidez e métodos eram recorrentes, e aparentavam além da busca de informação/confirmação, um**



possível desconhecimento. Concluimos que há um desconhecimento do termo e da sua significação pelos adolescentes que participaram dos grupos focais, e que o conhecimento do corpo é fragmentado.

- *“O que é menstruação a gente sabe, mas como explicar... Da onde ela vem a gente não sabe”. (A - 1, GF1).*
- *“Explica para as meninas.” (A - 3, GF1).*
- *Vocês acham que isso só interessa para as meninas? (pesquisadora)*
- *“Não”. (A - 3, GF1).*

Concordamos com FERNANDEZ (1994: 21) que argumenta que na puberdade e na gestação “a mulher é vítima de uma ‘artilharia’ informativa sobre seu organismo, que fragmenta em pedaços e não responde as suas verdadeiras perguntas”.

**Para romper com esta situação deve se escutar e construir um conhecimento científico que aceite a diferença de gênero e que discuta o saber que esses dois gêneros têm sobre essa diferença.**

**A escola pode reproduzir várias formas de controle dos corpos. Uma delas acontece com a fragmentação das partes e com a falta de conexão com o todo. RUMPF citado por GONÇALVES, argumenta que a escola “privilegia o futuro em detrimento do presente. (...) e em função desse futuro abstrato, a criança aprende a postergar inúmeros interesses momentâneos ligados a sua experiência concreta” (GONÇALVES, 1994: 35). Para os adolescentes que estão vivenciando as mudanças corporais vários sentimentos**

**estão colocados e precisam ser articulados com o seu corpo vivo e participante.**

**E percebemos que esta associação está comprometida quando solicitamos que os adolescentes falassem sobre o aparelho reprodutor feminino e as suas funções. Eles falaram dos órgãos e explicaram sem dificuldade a função de cada um. Porém, identificamos que ainda não fazem a inter-relação dos órgãos e processos como ciclo menstrual e as ‘modificações’ do corpo no período fértil. Estas modificações são percebidas pelas adolescentes, porém não são relacionadas e entendidas na sua integridade.**

**Identificamos neste processo de registrar e analisar as falas dos adolescentes, que a educação sexual presente na escola informalmente traz**

**conteúdo muito descritivo, vinculado ao funcionamento do corpo e que NUNES (1996) classifica como modelo médico-higienista que se limita a descrição das funções biológico-corporais, sem fazer uma intervenção cultural, ética e histórica.**

**No nosso entender os adolescentes precisam ter acesso a informações claras e articuladas sobre o funcionamento dos seus corpos e as questões relacionadas à sexualidade humana. A escola pode garantir espaço para estas discussões trazendo, além dos aspectos anatômicos e fisiológicos, reflexões sobre o impacto das características biológicas no cotidiano, os diferentes valores e traços culturais envolvidos no seu entendimento.**

**O que detectamos foi observado também por WEREBE com estudantes franceses onde a educação sexual sistemática já acontece mais regularmente. A autora relata uma experiência com adolescentes parisienses sobre o alcance da educação sexual, em que constatou que várias informações de anatomia e fisiologia do aparelho genital não foram assimiladas corretamente. Ela destaca a necessidade de considerar “os obstáculos sociais, culturais (costumes, preconceitos, tabus, superstições) e emocionais (medos, frustrações, etc) que impedem as informações de serem efetivamente” ouvidas “e assimiladas e, sobretudo, de influírem sobre o comportamento”.(WEREBE, 1998 : 191)**

**Os adolescentes estão vivenciando várias mudanças,**

inclusive as corporais. Acreditamos que muito do que foi absorvido na sua vivência, nas relações estabelecidas, nas sensações e emoções provocadas pelas mesmas, não implica que ele tenha domínio sobre seu corpo, que entenda os processos fisiológicos. Também é possível que não tenha ocorrido ainda uma articulação entre os conceitos. Foi motivo para que fizéssem várias perguntas e depois de algumas explicações, trazemos a fala de dois adolescentes:

- *“Essas coisas que a senhora explicou, é uma coisa que está tirando dúvidas delas e também da gente, tá.” (A -3, GF1)*
- *“Sabe que a minha tia já tinha falado, perguntado ... quando você namora, sua calcinha fica molhada? Pensei ‘que doida’. Agora eu entendi, por que ela perguntou, olha só”. (A - 1, GF1)*

Na família, assim como nas relações, a ausência desta integração leva a adolescente a naturalizar controles sobre o seu corpo e obviamente as suas ações. Obtivemos depoimentos em que a fala do corpo também se reveste de preocupações com gravidez, e o controle dos pais em relação às garotas. Embora as transformações da gravidez não ocorram apenas no corpo, utilizamos deste espaço para apresentar as colocações dos adolescentes.

- *“Quando eu perdi a minha virgindade eu sangrei bastante, uns três dias precisei usar modess. E aí minha mãe sabia quando eu ficava menstruada, perguntou o que estava acontecendo, eu acabei contando, foi um horror, ela só chorava. Meu pai foi na casa do menino, queria bater nele. Falou que ele buliu comigo estas coisas, fez um escândalo à sorte foi que ele estava trabalhando na hora” (A -9, GF2).*
- *“Meu pai é muito fechado, não conversa. Só sabe dar bronca. Acho engraçado ele sabe quando vou menstruar, como minha mãe*

***está morando em outro país, aí quando eu não estava trabalhando, ele chegava não precisava falar e dava o dinheiro pra comprar absorvente, nem precisava pedir”.* (S - 16, GF2)**

Pelos relatos dos adolescentes o corpo na escola assim como na família e visto de forma fragmentada, sendo motivo de controle dos adultos. Lamentamos que experiências ricas relatadas pelos alunos não são discutidas e articuladas com aspectos anatômico-fisiológicos ensinados, o que impedem que o processo educativo possa ampliar os nuances da sexualidade e possibilitar sua compreensão como potencial humano, que contempla sensibilidade, prazer, dor, afetividade e relacionamentos.

Se ao longo dos últimos anos se solidificou a idéia que a sexualidade é uma dimensão importante na relação do indivíduo consigo mesmo e com o outro, ainda é problemática a sua incorporação pela escola e principalmente pela família. Ela ainda é restrita aos aspectos biologizantes, tem como objetivo controle dos corpos particularmente das adolescentes, principalmente justificado com a possibilidade da gravidez.

À preocupação constante presente nos depoimentos com a gravidez na adolescência é justificada pelas estatísticas que mostram que a iniciação sexual ocorre cada vez mais cedo. Enquanto a fecundidade total no Brasil tem apresentado uma curva descendente, o número de adolescentes grávidas na faixa de 15 a 19 anos apresentou aumento de 26%, entre 1970 a 1991.<sup>3</sup> Na faixa etária de 10 a 14 anos os dados de atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) mostram que, *“entre 1993 e 1997, houve um aumento de 20% no total de partos, e o parto constituiu a primeira causa de internação de meninas nessa faixa etária, no sistema público de saúde”.* (Dossiê Adolescentes, 2002).

Enquanto o documento dos PCNs traz a “preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes” (Brasil, 1998: 3) não faz nenhuma menção ao fato de que a paternidade na adolescência acontece em número significativo. O entendemos como uma contradição já que existe omissão ou exclusão do

---

<sup>3</sup> Censo demográfico, IBGE



masculino nesta “ocorrência indesejada” e apenas as adolescentes do gênero feminino são mencionadas.

Achamos oportuno que a educação sexual na escola ao trazer a discussão da gravidez na adolescência o faça também a partir de alguns questionamentos: de qual adolescência e adolescentes estamos falando, quais são as suas possibilidades de inserção social, permanência na escola, introdução no mercado de trabalho, projeto de vida enfim.

Entendemos que “interpretar toda gestação na adolescência como problema e educar coercitivamente para sua prevenção, através do uso de métodos contraceptivos ou práticas comportamentais restritivas, é negar o direito à escolha” (MANDU, 2000: 95); é reduzir as responsabilidades da sociedade e do setor Saúde à saúde sexual e reprodutiva. E queremos apontar que autores como CAVASIN & ARRUDA (1998); VILLELA (1999) observam nos discursos oficiais sobre gravidez na adolescência uma analogia com os discursos da medicina higienista do início do século:

*“(..) que através de prescrições e proscricões que tinham como intenção declarada proteger a saúde da população, encobriam uma série de normalizações que, em verdade se baseavam em conceitos morais sobre o comportamento, notadamente o comportamento sexual da população pobre. (CATHARINO & GIFFIN, 2002: 10)*

**Pelos depoimentos, constatamos que algumas famílias que em princípio não autorizam as adolescentes a iniciarem um relacionamento sexual, este posicionamento se inverte quando esta situação se concretiza, e a preocupação com a anticoncepção se faz presente, inclusive como uma forma de controle. É o que**

pode ser observado no relato da gravidez da irmã:

- *Mas a pílula às vezes não funciona, né. A minha irmã, ela matava aula aqui, matou um ano sem a gente perceber e ia num parque na Pompéia, sabe. Ficava com um monte de molecada, sabe. E meu pai... Minha mãe deu um coro nela, minha mãe não agüentou... E aí minha mãe dava todo mês o remédio para ela. Todo mês. Todo mês, todo mês, aí chegou um dia que minha mãe brigou com ela e ela falou: ‘eu não vou tomar mais’, daí ela jogou no lixo, e aí ela engravidou... (...) Aí o namorado dela comprou mais um tipo de pacotinho, chama... A esqueci o nome, você lembra de um nome. Ah é um nome bem comum mesmo... (E o que aconteceu?) “Ela engravidou, casou e agora a minha sobrinha tá lá com dois anos, a minha irmã tinha 14, depois 15 quando minha sobrinha nasceu, agora tem 16 anos. Depois que aconteceu minha mãe passou a falar mais, conversar sobre estes assuntos comigo”. (A - 1, GF1)*

Percebe se que na família a preocupação fica centrada na gravidez, e ainda prevalece uma visão de que é

responsabilidade das garotas o controle da fecundidade. Trazemos esta discussão porque ela é mais um indicativo das lacunas que existem na educação sexual na família e na escola.

Enquanto a maioria entrevistada informa não ter planos de gravidez na adolescência, inclusive fazendo uso de métodos contraceptivos, uma adolescente descreveu a maternidade na adolescência como “uma experiência muito boa”, que não compromete sua vida, ela está continuando os estudos e pretende trabalhar.

- *“Eu tenho duas crianças, um de dois anos e agora um de 3 meses, e eu adoro os meus filhos. (...) Eles não me dão trabalho, nunca tive problemas, o mais velho é um anjo, fica brincando, não chora. Acho até que impede um pouco de sair, mas eu levo em todo lugar, ele*

***fica na dele. Nunca pensei de tirar. Eu tive um aborto, daquele namorado que eu falei, mas foi espontâneo por que eu queria muito ter um filho dele, como eu sofri com a perda do nenê.” (A - 9, GF2)***

A gravidez na adolescência deve ser compreendida além de uma ocorrência indesejada ou precoce. No contato diário com as adolescentes grávidas observamos que o bebê é em grande parte desejado, faz parte do projeto de vida da adolescente. A família incorpora esta nova situação e os adolescentes, particularmente as adolescentes, assumem a criança com os recursos que possuem. Muitas delas engravidam porque faz parte do sonho de ser mãe e entrar no mundo adulto, não há interrupção de acontecimentos previstos (aceitos como regras já determinadas) e idealizados (CATHARINO & GIFFIN; 2002). Predominam, porém junto às adolescentes de modo geral, depoimentos que apontam a gravidez como um evento indesejado que pode interromper seus sonhos, tirar a liberdade e prender em casa. Alguns depoimentos mostram a família buscando afastar sua filha/filho da adolescente grávida.

- ***“Meu pai não gosta que eu converse com a minha amiga, só por que ela já tem um filho. Acha que vai dar um mau exemplo. Não me deixa ir na casa dela. Se ela tá na rua, já chama para eu entrar”. (A - 16, GF2)***

- ***“Se ela fosse casada ele nem ia ligar”. (A - 14, GF2)***

**A família reproduz seus valores quanto o assunto é**

sexualidade, solicitando normas rígidas de conduta, utilizando inclusive do medo, da repressão e da opressão para garantir que o adolescente “não caía em perigos”. A preocupação básica parece ser ensinar qual é o “comportamento adequado” e punir aqueles que desrespeitam estas normas. Entendemos que a escola como espaço para orientação sexual tem o papel de criar alternativas para discussão dos valores abrindo-se para reflexão e preparando os adolescentes para dialogar suas posições e entendimento. Identificamos que há necessidade de “desnaturalizar o problema”: refletir sobre o que leva os adolescentes a engravidarem e introduzir programas de educação sexual “calcados em informações claras e honestas

**sobre sexualidade”  
(CAVASIN & ARRUDA;  
1998).**

#### **4.3.2 - DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**De uma maneira geral, os adolescentes e jovens vivenciam, cada vez mais cedo, novos comportamentos relacionados à afetividade e à vida sexual que, associados a pouca valorização dos riscos e à limitada informação que possuem sobre sexualidade, os tornam vítimas das doenças sexualmente transmissíveis.**

**O Ministério da Saúde destaca a vulnerabilidade dos adolescentes para as Doenças Sexualmente Transmissíveis, tendo “registrados para faixa etária de 13 a 24 anos no**

**período de 1982-1999, 20281 casos de AIDS, destes a maior concentração se encontra entre os indivíduos com o 1º grau completo ou incompleto”. O MS aponta a necessidade de “repensar a especificidade dos jovens, na perspectiva da prevenção com dissociação dos estereótipos engendrados pela sociedade, que costumam identifica-los como ‘drogados’, ‘agressivos’ ou irresponsáveis”.**<sup>4</sup>

**O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, segundo os PCNs, deve oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge**

---

<sup>4</sup> fonte: <http://www.aids.gov.Br/adolescentes.htm>, acessado em 23/02/02.

**portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens. (BRASIL, 1997 b: 27).**

**Um estudo realizado em 2002, com 2854 adolescentes, alunos de escolas públicas de Piracicaba mostrou que são identificadas como Doenças Sexualmente Transmissíveis a AIDS (98%), a Sífilis (88%), a Gonorréia (85%); enquanto apenas 10% dos adolescentes reconhecem a hepatite B como uma DST. Entre os pesquisados que iniciaram vida sexual, 69% informaram ter utilizado preservativo na primeira relação sexual, para protegerem das DST o que contrasta com dados que apontam a utilização na**



**primeira relação por 48% dos brasileiros.<sup>5</sup>**

**Um estudo, com 10.000 jovens de 18 anos inscritos do Exército Brasileiro em 1997, realizado pela Coordenação Nacional do Programa de DST/AIDS do Ministério da Saúde, identificou que embora 90% avaliavam que qualquer jovem pode contrair o HIV, apenas 37% faziam uso freqüente do preservativo e que este número “é tanto menor quanto maior o número de parceiros, e que, quanto maior a escolaridade, maior a freqüência do uso de camisinha”.<sup>6</sup>**

**Durante a coleta de dados para esta pesquisa, nos vários contatos com os adolescentes, a preocupação ou justificativa verbalizada com muita freqüência para a**

---

<sup>5</sup> Fonte:MS/CEBRAP GLOBAL SEX SUVEY, 1999

orientação sexual foram às doenças sexualmente transmissíveis. Reiteradas vezes este tema aparece e/ou é solicitado pelos adolescentes, muitas vezes está vinculada e identificada com a morte e sexo.

- *“Um vizinho meu já morreu, a mulher dele faz tratamento no CEDIC. Mas ela parece bem, só que no fundo todo mundo sabe que ela pegou dele e vai morrer”. (A – 7, GF1)*

Consideramos que a AIDS está vinculada a dois tabus: sexo e morte, que por sua vez trazem significados e valores culturais significativos, cuja transformação é lenta. Os programas e projetos de prevenção à AIDS devem adotar metodologias participativas e interativas para trabalharem aspectos cognitivos, emocionais e

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.aids.gov.br/adolescentes.htm> acessado em 23/02/2002

afetivos. (PAIVA, 1996; VILELA, 1996) Alguns depoimentos sobre as aulas cujo conteúdo foram as doenças sexualmente transmissíveis mantém a vinculação a estes tabus e mostra que os adolescentes querem trabalhar aspectos mais afetivos.

- *“Acho que da AIDS todos falam muito, está todo mundo sabendo que mata, que não tem cura. Mas das outras doenças quase não falam” (A - 10, GF2)*
- *“Tem professor que na sexta-feira lembra que tem AIDS e fala para todos se cuidarem” (A - 17, GF2)*
- *“Nossa, este assunto tá cansando. Acho que sexo não é só AIDS. Deviam era falar de relação, de sexo e não ficar toda aula falando de doença. Parece que aqui na escola é só de doença que os professores falam”. (A - 5, GF1)*

Identificamos nestes depoimentos a presença da educação sexual com enfoque médico-biológico, que segundo Nunes (1996) trabalha aspectos relacionados à higiene

corporal e sexual, associa a sexualidade à procriação e doenças e com isso traz repressão e inibição das práticas sexuais. O que no nosso entender mistifica a sexualidade do adolescente e reforça mecanismos de controle sociais através do medo e da fragmentação das informações.

Os adolescentes têm informações através da mídia, dos jornais e das campanhas veiculadas pela televisão. O conselho do professor está apoiado numa abordagem antiga, que veicula uma campanha pela televisão que tinha como tema "Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar", traz uma abordagem muito utilizada em que prioriza a informação de que o vírus HIV é fatal. Por este motivo, as pessoas deveriam tomar cuidados especiais para não "pegar o vírus". Segundo a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE; 1996), campanhas preventivas, que levam informações que induzem ao medo e à fatalidade promovem atitudes de imobilismo. As informações recebidas através de folhetos que eles chamam de propaganda ou "papezinhos de AIDS", também alimentam o terror.

- *“Nossa, eu recebo um monte de ‘papezinhos’ de AIDS, tem sempre no terminal e eu pego tudo. Também serve para fazer os trabalhos de escola. Lá sempre fala como se protege, como usar camisinha, explica (..).” (A - 4, GF1)*

- *“No posto distribui camisinha e tem propaganda de AIDS que fala do jeito de pega, tem umas fotografias que são, nossa, de arrepiar. Não tem quem não sabe. Até criança fala disso”. (A - 19, GF2)*

**Como FERNÁNDEZ (1994: 31); entendemos que se os meios de comunicação e algumas políticas confundem**

a prevenção com a repressão e o terror. Como professores, temos que abrir espaço para reflexão que traga oportunidade “de reflexão e prevenção que não inclua a negação da realidade, mas, tampouco, responda com medo e o terror, associando a morte com a vida, permitindo, assim, que se filtrem os mais antigos mandatos proibitivos ainda presentes na subjetividade de cada um de nós”.

No grupo focal 2, os adolescentes verbalizaram espontaneamente o início de relações sexuais. Apesar de eventuais surpresas quando algumas garotas falaram desta iniciação, percebemos o clima de respeito e cumplicidade no grupo. E introduzimos a discussão do uso do preservativo, solicitando

que comentassem as campanhas veiculadas na televisão ou e na escola sobre o uso do preservativo. E novamente trouxeram para o grupo experiências pessoais no uso do preservativo:

- *“Eu acho que não vira. Muita gente fala use camisinha, mas usar aonde, em que lugar. Como coloca, isso não fala. Acho que deve ser claro e pronto, mostrar tudo”. (A - 19, GF2)*
- *“Acho que têm umas campanhas até interessante, aquelas do carnaval. Aquela do anjo, da consciência. Num lembro de nenhuma de adolescente, até parece que eles não sabem que adolescente pensa em sexo todo dia”.(A -18, GF2)*
- *“Você acha que o cara que vai transar em construção, que não pode perder a vez vai usar camisinha, é tudo de repente, precisa ser rápido. Você já ouviu mostrar isso na TV, não dá”. (A - 14, GF2)*
- *“Precisa mesmo é de debate, por que para os homens é fácil ele podem expor mais as dúvidas, este trabalho que você ta fazendo com a*

*gente, imagina se na sala de aula dá pra falar, vão achar que é... tem mesmo é que fazer um debate”.( S – 15, GF2).*

- *“Tem um caso de uma professora, a Dona Márcia, ela mandou fazer um pênis de madeira para ensinar a colocar camisinha, ficou perfeito, aí roubaram...” Ia ser bom se todos os alunos tivessem aula de prevenção de doenças, por que em casa o pai fala. Mas não é aquela informação direitinha”. (A - 12, GF2)”.*

- *“Eu não gosto de usar preservativo. Acho que não, para mim não é legal. Mas tenho medo de pegar doença, vou lá no Núcleo do Adolescente de dois em dois meses, faço exame e peço para ver se não tenho doença. Só tenho o ‘Digo’, mas eu fico preocupada...” (A - 16, GF 2).*

- *“Já usei. Eu acho até que machuca, não me sinto bem, não gosto”. (A -17, GF2).*

- *“Eu também não gosto. O melhor é você se acertar com alguém e definir que não vai usar porque não vão precisar. Você pode usar em situações de risco”. (A - 13, GF2).*

Os entrevistados têm  
claro as formas de

transmissão do HIV, sabem que não há cura, que muitos jovens estão contaminados e podem contaminar outras pessoas. Porém, permanece a noção de grupos de risco e a confiança no parceiro como forma de proteção.

Percebemos que a informação correta, que é reproduzida pelos adolescentes, não está sendo incorporada nas atitudes e na sua própria vida a despeito do conhecimento dos riscos. Talvez porque fica um espaço entre as informações sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e a compreensão da sexualidade. Como aponta WEREBE, (1999: 193) *“mesmo quando os conhecimentos são assimilados, as modificações do comportamento e atitudes não são consequência linear”*.



No relato das garotas observa-se que estas incorporaram que usar camisinha é incomoda, portanto usa-se com um parceiro em quem não tem confiança por que também tira o prazer. Os exemplos demonstram que no uso do preservativo há uma complexidade de valores culturais, que precisam ser trabalhados na abordagem preventiva. E aqui também identificamos a necessidade da escola assumir esta discussão. Como argumenta FRUET (1995), a despeito de conhecer as formas de transmissão da AIDS, os adolescentes repetem informações, mas não se protegem principalmente quando a relação sexual tem um significado amoroso.

AYRES et al (1998: 103) apontam para vários aspectos

**que tornam o adolescente vulnerável à infecção pelo HIV: “a onipotência e sensação de invulnerabilidade; dificuldades de informação adequada – dificuldades com a linguagem prevalente na mídia, descaso dos meios de comunicação, as barreiras impostas pelos preconceitos,...”.**

**No Grupo Focal 1, um dos adolescentes colocou em vários momentos que gostaria de falar das doenças. Quando nos colocamos a disposição para esclarecer dúvidas, estabeleceu-se uma discussão sobre a necessidade de voltar a falar de doenças, já que tínhamos falado muito de AIDS. Foi quando o adolescente relatou que:**

- *“não entendo o que o Pelé fala de doença na televisão, eu não entendo, nada daquilo que fala. Lembra aquilo que o Pelé fala na televisão...”*.

Depois de algum silêncio, foi questionado se estava falando da propaganda de remédio para impotência. O adolescente balançou a cabeça. E os colegas explicaram:

- *“É quando não sente tesão, quando não sobe”. (A - 6, GF1)*
- *“E quando tem que tomar Viagra?” (A - 7, GF1)*
- *“Na embalagem do cigarro, tá escrito coisas de impotência; também tem um homem deitado e a mulher lá... (inaudível)”. (A -7, GF1)*

O exemplo trazido pelo estudante relata uma propaganda bastante veiculada pela televisão, com componente sexual e elementos textuais e cenográficos diversos: uma

figura pública nacional, imagens do campo de futebol e jogadas de gol, uma das grandes paixões do brasileiro. Esta, como outras propagandas, exige para sua apreensão um repertório que muitas vezes não está disponível para o público adolescente. Porém o adolescente tem toda uma representação desta propaganda que ele associou a uma doença, que corresponde ao senso comum onde a impotência é um problema orgânico que pode ser resolvido com uma vitamina ou um remédio.

A linguagem não verbal está presente e pode ter interpretações diversas. O colocar-se à disposição, estabelecer um canal de comunicação é essencial para que os adolescentes tragam dúvidas e estas possam ser

**discutidas. A situação trazida pelo adolescente mostra que a Educação Sexual oferecida pela escola não aborda as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia e pela sociedade. Assim como não discute as informações que a criança já possui criando a possibilidade de formar opinião a respeito do que é veiculado na mídia.**

**Ao trazer para sala de aula, o contato com as diferenças, com situações e mensagens veiculadas pela mídia, não há necessidade de exposição da vida pessoal, nem é o desejável. Estas discussões trazem o confronto de idéias como penso, como faço, quais outras possibilidades, enfim a história de cada adolescente, com seus valores e preconceitos, com conceitos e preconceitos da sociedade estará presente e poderá ser**

enriquecida sem uniformizar o adolescente através do conteúdo e das estratégias.

Durante a discussão sobre propaganda da impotência um adolescente trouxe a preocupação dos adolescentes com a primeira vez, com o medo de “falhar”, mostrando que se as garotas temem a primeira vez com receio da dor, os garotos também têm suas dúvidas e medo de comprometer sua masculinidade.

- *“Cara, imagina se o menino sai com a garota e na hora não dá certo, acontece antes... de... sabe. Que carão, nossa o sujeito fica perdido”. (A – 4, GF1).*

Percebemos que os adolescentes estão ávidos por espaço para discussão da sexualidade, e que as perguntas e as colocações dos

**adolescentes abrem espaço para exposição de dúvidas, valores e preocupações que tem relação direta com o momento vivido e com as informações recebidas durante a sua formação. O trabalho de orientação sexual relatado pelos adolescentes aparenta ter caráter esporádico. A atividade descrita pelos estudantes nas aulas de educação sexual parece não trabalhar ansiedades, dúvidas e valores.**

**Os educadores precisam assumir papel de facilitadores nas discussões em grupos, estimulando o debate e as iniciativas dos adolescentes; suas ações precisam ter continuidade e articulação com serviços e programas de prevenção, e contar com ajuda de toda comunidade. (AYRES, CALAZANS & FRANÇA JUNIOR, 1998)**

**As diretrizes do Ministério da Saúde para o trabalho de prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e da AIDS com crianças e adolescentes têm entre seus princípios ações baseadas numa visão abrangente da sexualidade; com objetivo de promover a igualdade e o respeito aos gêneros, às etnias, às classes sociais e às escolhas sexuais. Neste trabalho devem ser valorizadas: a afetividade, a construção e o respeito à cidadania e a busca de qualidade de vida. (MS, 1998).**

**Os adolescentes pesquisados reconhecem que a informação é importante e vêm a escola como um espaço para trabalhar este tema, porque falar em casa nem sempre é possível. Também reconhecem o empenho de**



**alguns professores, principalmente os que trabalham na área de ciências. Percebemos, pelos relatos dos adolescentes, que nas intervenções na sala de aula o exercício da sexualidade está vinculado a informações sobre doenças e gravidez. A própria camisinha parece ser apresentada como a “única e grande saída”.**

**Cabe a escola ampliar espaço para discussão da sexualidade como vida e prazer, sem escamotear os riscos, porém sem transforma-los no ponto único de todas as intervenções. Como aponta AYRES (1998), há necessidade dos adultos assumirem um papel de “interlocutores” e não “tutores” na orientação dos adolescentes quanto à AIDS. Mais do que informações**

**biológicas, que os adolescentes já dispõem, são fundamentais as discussões da vulnerabilidade e das formas de reduzi-la.**

#### 4. 3. 3 - GÊNERO

*“Nascemos com um organismo, significado como um corpo, a partir de quem espera ou antecipa um filho. Quando este filho nasce, a primeira pergunta que responde apenas com sua presença é se é menino ou menina. Os familiares, os amigos dos pais, ao transmitir a notícia, dizem: ‘Maria teve uma menina’ ou ‘Maria teve um menino’. Se quem informa dissesse ‘Maria teve um filho’, a pergunta imediata seria: ‘Menino ou menina?’”*

*A partir deste fato, que mostra o organismo, o recém-nascido deverá construir seu projeto identificador.*

*De onde vai obter material significativo para construir um corpo sexuado, pertencente somente a uma das possibilidades que a biologia permite?” (FERNANDEZ, 1994: 37)*

**Nas ciências, como a biologia, a sociologia, a economia, predominaram abordagens que justificavam a subordinação feminina como resultante de características biológicas. (MORIN, 1986: 156) Segundo o autor o determinismo biológico camufla o caráter**

social das distinções entre homens e mulheres, mascara a complexidades e legitima a exclusão.

Na educação, assim como nas doutrinas religiosas, o determinismo biológico deu forma a uma oposição binária que reafirmou o sentido masculino. O feminismo trouxe a discussão da igualdade de direitos entre homens e mulheres, apontou a dominação econômica e de produção, explicando a dominação masculina através da divisão sexual do trabalho. Na década de 80, os estudos de gênero buscam uma superação dos momentos anteriores, procurando entender como ocorre a produção cultural dos sistemas de gênero, ressaltando as diferenças, a intersubjetividade e a

alteridade entre os sexos. O termo gênero passa a ter vários sentidos, que são apropriados e desenvolvidos por algumas correntes, enquanto os franceses estudam o “gênero” numa corrente muito ligada à psicanálise, os americanos e ingleses criticam o sistema de poder, defendem que a construção da identidade feminina ocorre nos processos de socialização da mulher.

A escola, que durante muito tempo priorizou a disciplina e a transmissão de conteúdos, e reforçou estereótipos ‘sexistas’ como separação de meninos e meninas, abre-se para reconhecimento da complexidade e da singularidade. Um dos blocos apontados no texto dos Parâmetros Curriculares

como parte integrante da orientação sexual compreende as questões de gênero.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, gênero está conceituado como o *“conjunto das relações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos.”* (BRASIL, 1997 b: 23) Sendo proposta a discussão de gênero como uma das formas de romper com a discriminação existente entre homens e mulheres, relacionadas ingenuamente ao sexo, e com as implicações que estas têm na vivência da sexualidade.

Quando propusemos a discussão de gênero nos grupos focais, percebemos de imediato a novidade e o desconhecimento dos adolescentes sobre o assunto.

**Refizemos as intervenções falando nos papéis dos homens e das mulheres, da educação que é dada aos meninos e meninas e propusemos falar das relações que os adolescentes observam na escola, na família e na sociedade.**

**De maneira geral os adolescentes acham que na escola não há diferenças entre os meninos e as meninas porque os direitos e regras são iguais independentemente do gênero. Nenhum dos adolescentes lembrou de algum momento que tenha discutido este tema na escola.**

**Na família eles entendem que a educação é diferente e que as mulheres são mais cobradas e presas. Os garotos justificam as diferenças pela realização do trabalho doméstico e principalmente**

pela necessidade de proteção, já que as mulheres podem engravidar e os homens não são confiáveis. E trazem uma série de depoimentos que podem ser trabalhados na escola.

- *“Os meninos são mais soltos e as meninas são mais presas. Isto é porque as meninas ficam mais dentro de casa, têm que ajudar as mães”. (A - 4, GF1)*
- *“Olha bem. Eu tenho 18 anos, meu irmão tem 16 e ele pode sair sete horas e voltar no dia seguinte às seis horas de fogo e meu pai não fala nada. Agora se eu saio e volto as onze e quinze e não levar a minha chave, ele me tranca para fora, me faz dormir na rua. Eu tenho que sair, eu tenho que deixar a janela do meu quarto aberta e tenho que levar a minha chave, entendeu?”. (A - 16, GF2)*
- *“Por causa dos pais. Acho que elas respeitam mais os pais do que nós assim. Ah! é muito louco. (...) Acho que os nossos pais dão mais liberdade para nós fazermos mais coisas, as mulheres tem medo de gravidez, de pegar doença. (A - 14, GF2)*

- *Você é filha única não é? Assim é mais fácil, quando você tem uma irmã você tem que impor responsabilidade. Você sabe que tem uma irmã mais nova, você sabe que o que fizer vai influenciar na sua irmã. Seu pai, ele é homem e ele vai querer que você dê o exemplo”.*  
(A - 10, GF2)

Os depoimentos mostram valorização diferenciada de responsabilidades e regras a que meninas e meninos são submetidos, que condicionam suas opções, hábitos e desempenho. Enquanto o homem é estimulado a assumir a esfera pública da produção, para a mulher fica reservada a responsabilidade pela esfera privada, onde se destacam a reprodução e o cuidado. Os garotos manifestam as diferenças na educação de meninas e meninos. Justificam estas diferenças como necessárias e assumem que, na educação



dos filhos, cabe aos pais protegerem as meninas. A gravidez na adolescência é apontada como uma situação que diferencia as meninas e os meninos e traz a assimetria de gêneros:

- *“Acho que os pais, por causa da cabeça dos homens, assim eles tem mais cuidados com as mulheres”. (A - 17, GF2)*
- *“Não acho que todo adolescente some (referindo-se à gravidez), mas acho que homem quer mais é pegar, então a menina tem que ficar esperta porque senão pode até dançar sozinha”. (A - 14, GF2)*
- *“O adolescente pode sumir e não assumir nada, afinal ele é homem e não fica com a barriga. Para as meninas não tem jeito ou faz aborto que eu acho um crime ou fica sozinha com um filho nos braços para sustentar”. (A- 16, GF2)*
- *“Eu acho assim: se eu sou pai e tenho um filho homem e uma mulher, eu, tipo assim, não vou querer que a minha filha saia, assim. Agora se o meu filho engravidar outra mulher, se ele engravidar vai ter que assumir, agora a menina não, vai dependendo do pai, entendeu?” (A - 17, GF2)*

A construção dos sistemas de gêneros opera como uma naturalização nas relações de dominação entre os sexos é, uma maneira de controlar a sexualidade da adolescente, trazendo a tona o medo da gravidez. O que pode ser trabalhado pela escola, nas aulas de educação sexual, com a discussão do projeto de vida e como um filho se insere neste projeto, em que momento poderia ser uma ocorrência não planejada, adiando ou interrompendo atividades.

Por outro lado também observamos mudanças de desconstrução das diferenças de gênero quando o adolescente reconhece que a responsabilidade pela gravidez é do casal, embora ainda veja como saída forçar

para que o rapaz assuma a paternidade e o casamento. Entendemos que embora esta fala traga a reprodução das relações de poder dentro da família e da sociedade, a educação sexual na escola pode oferecer espaço para se discutir situações como estas, que podem ser trabalhadas com diálogo, verbalização dos sentimentos, das dúvidas e de outras variáveis, abrindo possibilidade para se contrapor ao uso da coerção como solução de situações conflituosas. A paternidade pode ser exercida de forma responsável a partir da reflexão sobre as práticas sociais e culturais sedimentadas, deixando de ser vistas como uma ordem biológica imutável, mas uma construção histórica que pode ser transformada pela ação social e política.

É importante deixar espaço para possam ser desenvolvidas atividades não programadas, quando situações se apresentem "no calor da hora", no decorrer do processo, característica de uma prática educativa dialógica e participativa.

**Concordamos com FERNANDEZ (1994: 39), que “as formas culturais estabelecem uma identificação entre ser mulher e ser mãe e uma conseqüente falta de relação entre ser homem e ser pai”, que impedem o homem de desfrutar de sua paternidade e a mulher de desfrutar da sua sexualidade. E a educação sexual na escola deve fazer esta discussão e contribuir para mudanças.**

**O próprio texto dos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997b: 3) que aponta a “preocupação dos educadores com a gravidez entre as adolescentes” não faz nenhuma menção à paternidade na adolescência. Em Piracicaba, 40% dos filhos de adolescentes,**

atendidos pelo Núcleo do Adolescente, nascem de pais também adolescentes<sup>7</sup>. Entendemos que a orientação sexual na escola deve discutir as expectativas das mulheres e homens, meninas e meninos, sua variação acordo com espaço, época, cultura, porque estes são espaços para romper com tabus e preconceitos.

Ao preencher o formulário um adolescente relatou as informações recebidas sobre sexualidade foram *“Com meu pai, ele me falou como escolher a mulher certa” (S - 4, GF1)*. Embora esta expressão “escolha da mulher certa” não tenha sido debatida porque os formulários a princípio seriam utilizados para identificar os sujeitos e

---

<sup>7</sup> FOSSA, A et all 2002

aquecer os grupos, ela vem permeada de preconceitos e traz as questões de gênero e as relações de poder entre os diversos sujeitos sociais. A construção da sexualidade passa por estas questões, e PAIVA (1994) chama a atenção para uma visão que concebe a sexualidade dos adolescentes como natural e a-histórica, onde predomina o poder dos hormônios e da impulsividade característica da adolescência. Esta visão enfatiza o sexo como instinto natural que se manifesta de forma igual e também remete para os papéis assumidos e reproduzidos por homens e mulheres.

A discussão de gênero apareceu indiretamente quando os adolescentes fizeram depoimentos relacionados à virgindade. Não queremos discutir a

virgindade apenas apontar que os depoimentos já demonstram que há falta de respeito às diferenças culturais e as concepções, o que ocorre no espaço da escola a simples a verbalização do assunto.

- *“As meninas ficam zoando quando a gente ainda é virgem, ficam falando assim ah, você ainda é virgem, parece até que não tem quem queira sair, namorar com a gente.” (A -7, GF1)*
- *“Se a menina falar que já teve relação, vai deixar (ele) ainda mais inseguro por que ela sabe o que fazer, ele pode não agradar e fica com muito medo...” (A - 3, GF1)*
- *“Eu acho que nem todo mundo se sente o máximo falando. As meninas não podem falar para qualquer pessoa, porque sai aqueles comentários. Para o homem é sempre vantagem. (Para a mulher) dá para contar para melhor amiga, nada de espalhar, porque senão vira notícia”. (A - 19, GF2)*

O conteúdo destes relatos mostra que as relações

entre homens e mulheres são fundamentadas numa visão “sexista” que parece ocultar componentes sociais e culturais presentes na sociedade, e que aparecem nas representações que estes adolescentes incorporaram. Identificamos que entre os adolescentes pesquisados, características e papéis reconhecidos como masculinos ou femininos estão introjetados, criam barreiras e dificuldades em diferentes momentos e situações. Na verbalização das opiniões, na manifestação da sexualidade e no relacionamento com os pares, ao falarem das questões de gênero revelam tabus e preconceitos, que geralmente não são discutidas na escola, nem mesmo quando o tema é educação sexual.



Entendemos que um trabalho de educação sexual deve considerar as construções sociais determinadas historicamente que, incorporadas nas mentes e nos corpos, funcionam como um sistema de dominação. Esta dominação às vezes é simbólica, cotidiana e até sutil, mas principalmente pouco questionável, pela sua aparente naturalidade. A intimidação e a exclusão são armas importantes nesse processo, e assim percebemos que o modelo educacional de homem e mulher ainda não é discutido com os adolescentes da pesquisa. A intolerância em relação às diferenças do padrão internalizado é marcante.

**Os papéis sexuais são marcados por padrões de condutas pré-estabelecidos para homens e mulheres, que conferem ao masculino a primazia da iniciativa e do poder, gerando relações desiguais, assimétricas. E também trazendo para os homens o peso da sua posição de dominação. Outros indicadores objetivos de diferenciação de gênero – como diferenciação salarial – e o protótipo do masculino ativo e feminino subserviente, também precisam ser destacados.**

**Esta reflexão é básica na instrumentalização dos**

**adolescentes para a redução da vulnerabilidade. Assim como pode trazer contribuições para o êxito das estratégias de promoção do uso do preservativo, redução da gravidez indesejada na adolescência e prevenção da violência doméstica.**

## 5 – CONCLUSÃO

### **5.1 - Considerações gerais a respeito dos relatos dos adolescentes sobre a orientação sexual na escola**

A trajetória percorrida no desenvolvimento do presente estudo permitiu compreender que os adolescentes vivenciam conflitos, que são em parte reflexo da nossa sociedade, dos valores adultos, da sexualidade apresentada e veiculada nas relações diárias.

Foi possível observar que os alunos pesquisados concebem a adolescência como um período de transformações do corpo e do pensar. As mudanças físicas estão relacionadas ao evento de transição da infância para adolescência. Outros dois critérios característicos da adolescência são a mudança de atividade principal do sujeito, que deixa de ser o sujeito que brinca para ser o sujeito que trabalha, que assume responsabilidade e a mudança na posição que ocupam dentro das relações sociais, sendo uma delas o do exercício da sexualidade.

Contrariando os estereótipos de irresponsabilidade, eles identificam a adolescência como período de assumir responsabilidades na casa e/ou no trabalho, de sair, passear, estar com os amigos, descobrir e relacionar com o outro.

Percebe-se uma nova compreensão de sexualidade entre os entrevistados, embora para alguns dos sujeitos a sexualidade é de difícil conceituação, há claros indicativos que os adolescentes percebem diferenças entre sexo e sexualidade. Ao ouvirmos seus relatos e opiniões, refletirmos sobre eles, fazendo um movimento de aproximação constatamos que os adolescentes trazem latente o desejo de mudança, de romper com a sexualidade limitada e reduzida a genitalidade, à reprodução e ao medo de contrair as doenças sexualmente transmissíveis presente nas aulas. É possível identificar a sexualidade como um atributo do ser humano, presente no interesse em saber, conhecer, debater e viver que os alunos demonstraram durante a realização dos grupos focais, na busca por compreender seu corpo, suas emoções e transcender os aspectos biológicos, quando falam em discutir temas como

relacionamento, amor, namoro, prazer, homossexualismo, aborto, masturbação. E nas próprias críticas a educação sexual presente na escola, identificada como prevenção de doenças e da gravidez. Também observamos que muitas das informações sobre sexualidade trazem preconceitos e tabus e precisam ser discutidas e refletidas de maneira ampla e processual.

Para os adolescentes a educação sexual na escola é justificada pela dificuldade de diálogo na família, pelos conflitos existentes quando o tema é sexualidade. Este conflito com a família aparece de forma clara e pesada nos depoimentos, associados inclusive a violência. Reconhecem que em casa, na família, é difícil falar de sexualidade porque os pais ficam inibidos e os adolescentes não têm coragem de falar sobre o assunto, ficam receosos de perguntar.

Entendemos que a sexualidade é um todo, e dada ampla variedade de situações e as implicações sociais ela constitui um objeto de controle ideológico pouco discutido. E a dificuldade dos pais em falar sobre o assunto talvez resida no fato de que eles também não receberam informações e não tiveram oportunidades de compreendê-la como um todo, sendo produtos da omissão e da falta de reflexão nas suas experiências escolares e familiares. Além de terem ao mesmo tempo de conviver com mudanças sociais, redefinição de valores e os conflitos de gerações.

Defendemos que a escola como instituição deve assumir a educação sexual até que uma nova família possa fazê-la. Entendemos que necessidade de discutir a educação sexual escolar está colocada como prioritária. Esta discussão deve aproximar e incluir a família na sua tarefa de educar pela presença, pelo diálogo, rompendo com a orientação sexual feita pelo silêncio e/ou pelo monólogo da orientação pelo medo, pelos conselhos.

Pelos depoimentos dos alunos pesquisados, concluímos que atualmente não existe educação sexual na escola, com conteúdo e programação a ser cumprida. A educação sexual na escola é descrita e lembrada como uma atividade ocasional, sem continuidade, sem planejamento do trabalho, motivada pelas perguntas dos alunos e interesse de alguns professores.

Pode-se afirmar que nos relatos das aulas são destacados aspectos biológicos e a prevenção. Em diversos momentos, mesmo os aspectos biológicos estão presentes de forma fragmentária, sem conexão direta com o corpo vivo e complexo.

A dimensão afetiva parece não ser contemplada, justificada pela emergência de assuntos ou conteúdos específicos (das disciplinas) que oferecem aplicação imediata. Poucos professores são considerados abertos para interlocução e, ainda, não é percebida pelos adolescentes a transversalidade proposta pelas Diretrizes Curriculares. As aulas são descritas como momentos isolados. Os professores que abordam o assunto são considerados interessados em esclarecer os adolescentes sobre riscos das doenças e da gravidez, em orientar para prevenção e para vida.

Perguntados sobre temas de interesse para as aulas de orientação sexual, os adolescentes verbalizaram que consideram como uma boa aula de educação sexual aquela que discute as doenças, a gravidez, mas principalmente temas como relacionamento, masturbação, prazer, homossexualidade, relação sexual, namoro e amor. Estes temas geralmente não são abordados. Informaram também, quando questionados, que não tiveram oportunidade de participar da discussão de gênero, prostituição, violência sexual, impotência e “opção sexual”.

Entendem que uma boa aula de educação sexual deve ser dinâmica, ter teatro, slides e filmes, material para demonstração e ser prática. Chama atenção também o critério “esclarecer todas as dúvidas, responder a todas as perguntas”. Descrevem os professores de biologia e língua portuguesa como os mais interessados e que falam com mais frequência, porém não identificam disciplinas específicas onde a discussão de sexualidade deva ocorrer. Entendem que o que determina é o professor estar disposto e interessado. Além do interesse dos professores que vão falar de sexualidade, acham necessário que estes conheçam o assunto, não tenham vergonha de debater e responder as perguntas.

Reclamam do comportamento da classe nas aulas onde assuntos relativos à sexualidade são discutidos. Identificam desrespeito às opiniões, gozações e brincadeiras apelativas por parte dos colegas. Consideram que os alunos devem respeitar o professor e as opiniões dos seus companheiros. Entendemos que as brincadeiras e “desrespeito” estão relacionados aos preconceitos, e são consequência da visão de sexualidade que predomina

na nossa sociedade, um exemplo característico do conceito sexualidade-pecado-tabu, dos interditos e padrões morais.

Acreditamos que estas dificuldades podem ser parcialmente superadas quando a escola se dispõe a trabalhar a educação sexual para além do biológico, discutindo a adolescência, a sexualidade e o entendimento dos educadores. Este processo também deve abrir espaço para ouvir, conhecer e respeitar os adolescentes. Discutir com clareza que não existe um único padrão que pode ser julgado como correto ou errado e, que convivemos com regras morais rígidas lado a lado com o desvelamento de práticas sexuais diversas, resultado das circunstâncias, construídas histórica e socialmente, portanto sujeitas a transformações pela ação política e social.

Identificamos na educação sexual relatada pelos adolescentes uma abordagem da sexualidade permeada por uma visão biológico-reprodutiva. A sexualidade como necessidade humana, configurada com reflexão de valores, de aspectos culturais e históricos não foi descrita e identificada. Este estudo nos levou a questionar a educação sexual atualmente em vigor nas escolas.

Observamos muitos preconceitos relacionados há gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e quase nenhuma discussão sobre gênero. Consideramos que é reflexo da nossa cultura e história, que nos legaram a noção de sexo-pecado, tabu; e da “nova cultura”, que tem seu exemplo maior nas mensagens de propaganda, da mídia, embora não de relevância como pecado, e estampa e banaliza o corpo e o prazer como produtos de consumo.

**Ao trabalhar a sexualidade de forma fragmentada ou estruturada em uma visão utilitarista com predomínio do certo e do errado, do normal e do anormal, da onipotência da informação, a subjetividade pode ser posta**

**fora para discussão da sexualidade e o conhecimento das várias possibilidades de ser, e, desta forma não chegar a mudanças de posicionamento.**

## **5.2 - Recomendações para orientação sexual na escola**

A natureza e os limites da nossa pesquisa permitem algumas recomendações e pontos de reflexão, que não podem ser generalizadas e aplicadas como regras.

Consideramos como indispensável nas propostas educativas pensar o ser humano na sua complexidade, ter em mente uma concepção integral de sujeito que atua e interfere no meio em que vive, construindo seu próprio conhecimento e constituindo-se enquanto cidadão.

Acreditamos que é impossível, pensar em processo educativo transformador e de construção de cidadania sem incluir a dimensão da sexualidade. As vantagens da educação sexual na escola estão explicitadas pelos adolescentes, em parte justificada nos documentos dos Parâmetros, embora ao nosso ver é dado muito enfoque à prevenção de doenças e gravidez, e pouco à vivência da sexualidade como um direito humano. A orientação sexual na escola também é reconhecida pelos pais, em diversas pesquisas, como necessária e importante.

Porém neste trabalho concluímos que do mais do discorrer sobre as vantagens ou necessidades da orientação sexual na escola, precisamos apontar para a discussão sobre qual a educação sexual que cabe à escola, onde ela está ancorada, qual a sua filosofia e seus princípios.

**A influência da escola na valorização da vida é muito grande. Ela é um local onde o aluno passa grande parte de sua adolescência, período em que a sexualidade se manifesta de diversas formas: nas dúvidas, nas curiosidades, nas brincadeiras, nos relacionamentos, nas paqueras, no ficar, nas aproximações com outros adolescentes, nas vivências mais diversificadas, no corpo. O corpo adolescente se transforma em um ritmo rápido. Aprender a conviver com as mudanças, compreender a subjetividade de suas energias e suas potencialidades, geram menos insatisfação, ajudam a desmistificar o corpo perfeito e a valorizar o corpo saudável.**

Quando o aluno chega à escola ele tem uma compreensão do seu corpo, da sexualidade, dos papéis que homens e mulheres exercem e das relações entre estes. Estas relações estão permeadas por afetos, valores, interesses, formas de controle e de “naturalização” do ser homem ou mulher, do ser sexual.

As suas práticas e desejos estão sendo construídos culturalmente, dependendo das concepções de mundo e diversidade costumes existentes, mesmo quando integrados em uma mesma área geográfica ou escola.

Isso envolve a necessidade de questionamento das concepções, preconceitos e das idéias majoritariamente presentes na mídia, nas condutas idealizadas, que são “naturalizadas” e generalizadas para todos os adolescentes. As condutas devem ser repensadas e vistas como relativas ao contexto em que estão presentes – familiar, social, religioso – portanto produto da ação de grupos humanos, nunca imutáveis ou estanques, às vezes conflitantes.

A escola enquanto espaço institucional faz educação sexual implícita ou explicitamente, e pode fazê-lo a partir de atividades prazerosas e motivadoras. Pensar em Escola e Sexualidade é, portanto, antes de tudo, refletir sobre a educação como um processo ‘prazeroso’ de diálogo, de respeito às diferenças, de emoção, como um processo



que contempla todas as dimensões do ser humano; incluindo o corpo e a mente, no processo educativo.

Os professores e demais profissionais que lidam com crianças e jovens têm um papel fundamental no processo de aquisição de conhecimentos e valores por parte de seus alunos, o que implica numa necessidade de também estes educadores terem um espaço onde possam se formar como orientadores conscientes e capazes de discutirem caminhos e situações que tornem a vida dos adolescentes menos traumática, com menos culpa e ansiedade, com menos preconceitos e desinformação.

Quando a escola intervém junto a adolescentes, precisa deixar de agir de forma restrita de acordo com o conjunto de valores morais tradicionais, incluindo e excluindo as pessoas, enquadrando ou compartimentando. Precisa discutir preconceitos e estereótipos arraigados e repensar a possibilidade da adoção de outros valores. Isto implica entre outras, em rever o papel do professor e autoridade nestas questões.

Acreditamos que cabe à escola, como instituição responsável pela formação integral e pela socialização do conhecimento construído ao longo da história, ampliar a discussão da sexualidade com vistas a ampliar o entendimento da sexualidade enquanto dimensão humana, desconstruir tabus e preconceitos, e possibilitar espaço para reflexão contínua.

Este trabalho pode ser justificado em parte pela necessidade de resolução de problemas pontuais, como a prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência, mas norteadas pela compreensão da sexualidade enquanto fenômeno humano e pelo reconhecimento das necessidades dos adolescentes. Incluindo também o direito a uma escola que garanta espaço para discutir, verbalizar e construir uma vida sexual harmoniosa e única.

Destacamos a importância do planejamento, e da elaboração conjunta das atividades, da formação continuada dos professores e da avaliação das intervenções com os alunos. No espaço escolar e em cada sala de aula é preciso que a escola proporcione conhecimentos, discussões e reflexões sobre sexualidade junto a todos os segmentos da comunidade escolar.

Os professores das diferentes áreas do conhecimento precisam ser cada vez mais comprometidos com o trabalho pedagógico que inclua a sexualidade como dimensão

humana. Compreendemos a escola como um espaço possível para que os conceitos de direitos humanos e de cidadania possam ganhar, de forma efetiva, sentido concreto, incluindo a educação sexual a partir das necessidades dos adolescentes.

Lembrando que a escola é uma mediadora privilegiada na discussão da sexualidade junto aos adolescentes, consideradas as dificuldades que a família tem para trabalhar e os depoimentos dos próprios adolescentes que vêm na discussão fazer do espaço escolar um local onde sua formação de sujeitos históricos, conscientes de suas ações, como indivíduos sexualizados que fazem parte de um meio social, que interagem entre si.

Finalizando esse estudo, algumas recomendações podem ser feitas, a partir das reflexões possibilitadas pelos relatos dos adolescentes, que nos levaram a questionar à educação sexual como se faz nas escolas e a educação sexual que no nosso entender cabe à escola, tendo como objetivo a formação dos alunos como seres possuidores de sexualidade:

1. A discussão permanente do sujeito que queremos formar e dos valores que queremos incorporar nesta formação.
2. A reflexão sobre o papel da escola enquanto instituição na educação sexual, sem substituir a família, mas tampouco diminuir o seu papel na tarefa de educar para vida.
3. A inserção do conteúdo relativo à orientação sexual, incluindo os aspectos relacionados à sexualidade, adolescência, afetividade, gênero, orientação sexual, violência doméstica, exploração e abuso sexual, de forma a desenvolver/fortalecer o agir sensível e crítico no cotidiano, rumo à afetividade, resgatando a auto-estima e consciência.
4. Ampliação da discussão da temática para além da escola envolvendo a família e as instituições sociais, como instrumento que possibilita um movimento de transformação da realidade no sentido de incluir e mudar padrões desumanizantes.
5. A formação dos educadores abrindo espaço para incorporar a discussão da sexualidade, a compreensão desta como dimensão humana, assim como

instrumentalização para trabalhar as concepções da sexualidade ao longo da história, e as transformações da sexualidade ao longo da vida.

6. Como a visão ampliada de sexualidade e a confirmação de direitos são importantes, a informação biológica é fundamental – necessária, não suficiente – para a abordagem da sexualidade, e deve estar explicitamente programada pela escola, inclusive com o conteúdo a ser oferecido a cada faixa etária. Sendo a adolescência um momento de grandes transformações, aos 10 anos o conteúdo não deve ser o mesmo que aos 17 anos. Assim como os discursos ‘preventistas’ precisam ser repensados, a parceria com serviços de saúde pode trazer frutos e contribuir para o trabalho de orientação sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ABERASTURY, A. & KNOBEL, M.** Adolescência normal. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ADAMO, Fábio A & et. Al. **Juventude: trabalho, saúde e educação.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, p 37-46, 2001.

AGUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola:** alternativas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

ARANHA, Maria L. e MARTINS, Maria H. P. **Filosofando:** Introdução a Filosofia. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARATANGY, Lúcia R. Sexualidade, isso se ensina? Disponível em: <http://www.estadao-escol.com.br/escola/jornalismo/artigos/texto> >Acesso em 04 agosto 2002.

ARAGÃO, R. M.R. **Teoria da aprendizagem significativa de David P. Ausbel:** sistematização dos aspectos teóricos fundamentais. 1976. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

ARAÚJO, Betania Maciel de O pensamento de Paulo Freire no ensino da comunicação <http://www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt02/GT0202.PDF> Acesso em 06 agosto 2002.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed., Rio de Janeiro, LTC editora, 1981.

ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (Orgs) **Sexualidade Ocidentais:** Contribuições para a História e para Sociologia da Sexualidade. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AYRES, José Ricardo C. M. **HIV/AIDS, DST e abuso de drogas entre adolescentes:** vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas. São Paulo: Casa de Edição, 1996. p.5.

AYRES, José Ricardo; CALAZANS, Gabriela J.; FRANÇA JUNIOR, Ivan. Vulnerabilidade ao HIV/AIDS In VIERA, E. M, FERNANDES, M.E.L., BAILEY, P. **SEMINÁRIO GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.** Brasília, MS; USAID, 1998. p. 97 – 109.

AYRES, José Ricardo et al. Vulnerabilidade prevenção em tempos de AIDS. In BARBOSA, R.M. e PARKER, R. (orgs) – **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder**. São Paulo: IMS/UERJ/Editora 34, 1999, pp. 49-72.

BEAUVOIR, Simone. **Moral da Ambigüidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids. **A situação da AIDS no Brasil**. Disponível em: <<http://www.saúde.gov.br>> Acesso em: 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

.BRASIL – Secretaria de Políticas de Saúde. **A Saúde de Adolescentes e Jovens**. Brasília: MS, 2002.

BRUNS, M.AT. & LEAL FILHO, B.F. Sexualidade, deficiência visual e os meios de comunicação in **Revista Integração**, ano 7, n. 17, p. 27-30.

BURT, M. R. **Por que devemos investir em el adolescente?** Washington: OPS/Fundação Kellogg, 1998.

CABRAL, Juçara T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Papirus: Campinas, 1996.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CÂMARA, M. M. e CRUZ, A.R. Adolescência Prolongada o tempo que não se quer deixar passar. **Revista Educar**, Paraná, n.15. p. 52-66

CARIDADE, Amparo. O adolescente e a sexualidade. In. N. SCHOR, Maria S. F. Tabosa Mota e CASTELO, Viviane (orgs). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento** – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria das Políticas de Saúde, 1999. p 206 – 212.

CAVASIN, Sylvia & ARRUDA, Silvani. Educação Sexual e comunicação para adolescentes. In VIERA, E. M, FERNANDES, M.E.L., BAILEY, P. **SEMINÁRIO GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**. Brasília, MS; USAID, 1998. p. 97 – 109.

CAVALCANTI, R. Adolescência. In VITIELLO, N. **Adolescência Hoje**. São Paulo: Ed Roca, 1988.

CATHARINO, Tânia & GIFFIN, Karen. **Gravidez e Adolescência: investigação de um problema moderno**,. 2002

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo, Ática, 1995.

\_\_\_\_\_ **Repressão sexual:** essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento – **Os jovens no Brasil: diagnóstico nacional.** Costa Rica, 1 a 3/12 de 1997, Brasília, 1977.

CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento – **Os jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas**, vol. 1 e 2, Brasília, 1998.

COATES, V.; SANT'ANA, M. J. C. Gravidez na adolescência. In.: FRANÇOSO, L.; GEJER, D.; REATO, L. **Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência.** São Paulo: Atheneu, 2001.

COSTA, Antonio C. G. O adolescente como protagonista In. N. SCHOR, Maria S. F. Tabosa Mota e CASTELO, Viviane (orgs). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento** – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria das Políticas de Saúde, 1999. p.75-79

ERICKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MINAYO, M. C. De Souza et al. **Fala Galera:** juventude, violência e cidadania Rio de Janeiro. Brasília UNESCO, 1999.

FERNANDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora:** uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

*FERRAÇO, Carlos Eduardo (DASE/CP/UFES) Cotidiano escolar e currículos reais: sobre a complexidade das redes de saberes produzidas e articuladas nas salas de aula. Texto internet*

FERREIRA, Berta W. **O Cotidiano do Adolescente.** Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995.

FIGUEIRÓ, Maria Neide D. A Produção Teórica no Brasil sobre educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.98, 1996.

FIORIN, José L. **Linguagem e ideologia.** São Paulo, Ática, 1988.

FIORIN, J.L e SAVIOLI, F.P. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo, Ática, 1991.

**FOSSA, A.M.; JUSTE, V.L.;  
ERLO, I.; OLIVEIRA, I.;  
BUCCI S. Perfil das  
adolescentes grávidas**

**atendidas no serviço público  
no município de Piracicaba.  
Seminário Universidade e  
AIDS, UNIMEP, 26-30  
Outubro 2002.**

FRUET, M. S. B. **Adolescência, sexualidade e AIDS** – Campinas 1995. (Dissertação de Mestrado) - UNICAMP

FUCS, Gilda Bacal. **Sexo sem vergonha**: a sexualidade discutida sem preconceitos. São Paulo: Editora Gente, 1998.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Rio de Janeiro: L&PM, 1994.

GEWEHR, R. B. HETKOWSKI, T.M. Sexo e Sexualidade no mundo moderno. **Contexto e Educação**. Ano 16 – no 64 – Out./Dez. 2001, p. 81 -107

GOLDEMBERG, Maria A. **Educação Sexual**: uma proposta, um desafio. 4ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GROSSMAN, E. CARDOSO, M.H. C de As Bases Conceituais dos Documentos Oficiais de Atenção à Saúde do Adolescente. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo, n 7, v 2, p. 37-42, 1997

GTPOS – Grupo de trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

GUIMARÃES, I.R.F. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas SP: Mercado de Letras, 1995.

GUNTHER, I.M., Adolescência e projeto de vida. In. N. SCHOR, Maria S. F. Tabosa Mota e CASTELO, Viviane (orgs). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento** – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria das Políticas de Saúde, 1999. p. 86 – 92.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade In LOURO, Guacira (Org.) **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade; trad. dos artigos Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LYRA da FONSECA, J. L. C. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. PUC - SP, 1997. (Dissertação de Mestrado)

MARTINEZ, Marlene C. W. **ADOLESCÊNCIA – SEXUALIDADE – AIDS**: Na família e no espaço escolar contemporâneos – São Paulo: Arte e Ciência, 1998

MEDRADO, B. & LYRA, Jorge. A Adolescência “Desprevinida” e a Paternidade na Adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In N. SCHOR, Maria S. F. Tabosa Mota e CASTELO, Viviane (orgs). **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**. – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria das políticas de Saúde, 1999, p. 230-248

MINAYO, Maria Cecília de S. O. Conceito de Representação Social dentro da organização clássica. In GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs) **Textos em representações Sociais**. Rio de Janeiro Vozes, 1995.

MINAYO, M.C. de S. **O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde**, Hucitec-Abrasco, 4 ed. Rio de Janeiro, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza ...(et al.). **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Brasília, Unesco, 1999.

MANDU, Edir N. T. Gravidez na adolescência: um problema? In RAMOS, F.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. (orgs) **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. - Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. p. 94-97.

MOREIRA, Vânia de Castro. Considerações sobre a adolescência. **Pró Ciência**. São Paulo, 29 de julho de 2001. Disponível em: <[http://www.prociencia.com.br/adole\\_psico.htm](http://www.prociencia.com.br/adole_psico.htm)> Acesso em 10 julho 2002.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo 1: Neurose**. Rio de Janeiro, 9<sup>a</sup> ed., Forense Universitária, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo 2: Necrose**. Rio de Janeiro, 2<sup>a</sup> ed., Forense Universitária, 1986.

NUNES, César A. **Filosofia, Sexualidade e Educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre educação sexual escolar. 1996. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP (Faculdade de Educação).

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, M.A.C.; EGRY, E.Y. A adolescência como um Constructo Social. **Revista Bras.Cresc. Desenv. Hum.** São Paulo, 7 (2), p 12-21; 1997.

ONU – Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, trad. Revisada Sônia Corrêa. Brasília: **Comissão Nacional de População e Desenvolvimento/CNPD** \_ Fundo de população das Nações Unidas, 1994.

OPAS – **Educação em Saúde com o Adolescente**. Manual metodológico. Brasília, 1991



OSÓRIO, L.C. **Adolescente Hoje**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com a camisinha**. São Paulo: Summus, 2000.

PARKER, R. et. Al. Cultura sexual, transmissão do HIV e pesquisa sobre AIDS. In CZERESINA, D. et al (orgs). **AIDS – Pesquisa Social e Educação**. Rio de Janeiro. Abrasco, 1995.

PERES, F. e ROSEMBERG, C.P. Desvelando a Concepção de Adolescência/Adolescente Presente no Discurso da Saúde Pública. **Rev. Saúde e Sociedade** 7(1) 53-86, 1998.

PERES, F. **Adolescência**: em busca dos sujeitos sociais. São Paulo, 1995. Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

PINTO, T.; TELLES, I.S. **AIDS e Escola**: reflexões e propostas do EDUCAIDS. São Paulo: Cortez; PE:UNICEF, 2000.

RIBEIRO, Paulo R.M. **Uma contribuição ao estudo da sexualidade humana e da educação sexual**. Campinas, 1989. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

SAYÃO, Rosely. **Sexo, prazer em conhece-lo**. Porto Alegre Artes e Ofícios, 1995.

SOUZA, Maria C. C. C. A juventude brasileira sob o olhar da psicologia educacional. <http://www.anped.org.br/24/T2091987989790.doc>. Acesso em 10/01/03.

SPINK, Mary Jane. O Conceito da Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de saúde Pública**. v9 (3) 300-308, 1993.

\_\_\_\_\_. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.117-145.

\_\_\_\_\_. **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SPOSITO, M. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n° 5, p. 37-52, 1997.

SUPLICY, Marta. Educação sexual nas escolas: Mais do que nunca, devemos possibilitar escolhas maduras e responsáveis. **Jornal O Estado de São Paulo**, 12 de outubro de 1998.

SUPLICY, M. (Org) **Sexo para Adolescentes**: orientação para educadores. São Paulo: FTD, 1988.

VILELLA, Wilza V **Oficinas de sexo mais seguro para mulheres**: abordagens metodológicas e de avaliação. São Paulo: NEPAIDS/USP, 1996.

VILELLA, W.V. Num país tropical, do sexo que se faz ao sexo do qual se fala. In GALVÃO, L. & DIAZ, J. **Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil**: Dilemas e Desafios, Ed. Hucitec Population Council, 1999. p. 310 –323.

VITIELLO, N. A Educação Sexual Necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana** v1 N6 p.15-28, 1998

WEREBE, Maria J. G. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

## ANEXO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Utilizamos a letra ‘A’ seguida de número para identificar os sujeitos mantendo com isso seu anonimato e privacidade. A caracterização foi elaborada pelos próprios adolescentes através do preenchimento de um formulário (anexo2) antes da realização dos grupos focais.

Adolescentes que participaram do grupo focal número 1 (GF1):

**A – 1:** Adolescente do sexo feminino, está com 14 anos, mora com os pais, trabalha como vendedora e recepcionista, recebendo salário variável, no mínimo R\$ 300,00 (1 e ½ salário mínimo). Não tem religião no momento, antes era testemunha de Jeová. Como atividades de lazer viaja, vai a Shopping, ao clube e a Rua do Porto.

Percebeu que era adolescente quando teve mais liberdade, parou de brincar e passou a trabalhar.

Acha “muito divertido ser adolescente e estar na flor da idade; apesar de ser ‘aborrecente’.” Na sua opinião os adolescentes têm interesse em namorar, sair bastante e trabalhar.

Recebeu as primeiras orientações sobre sexo com a mãe, que não gosta de comentar este assunto com a filha. Sente mais facilidade em conversar “com amigos e até professores” e ler livros e revistas sobre o assunto. Não se sente a vontade para falar de sexualidade em casa porque quanto toca no assunto “meu pai olha com um olhar diferente (estranho)”.

Raramente conversa sobre sexualidade na família e quando faz prefere nem entrar em detalhes. Considera que os pais são muito rígidos em relação a educação sexual, e que “a mãe dá muitos e bons conselhos”.

Não participou de aulas de educação sexual na escola, apenas de algumas conversas.

Considera que à orientação sexual na escola seria ótimo, embora acredite que muitas pessoas não gostem. Todos os temas deveriam ser discutidos, e as aulas deveriam ser comunicativas e bem explicadas.

Na sua opinião os professores de educação sexual deveriam estar preparados para responder qualquer pergunta de um aluno.

“No momento não sei dizer o que é sexualidade”.

Apresentou interesse em participar de uma entrevista individual.

**A – 2:** Adolescente do sexo feminino: tem 15 anos, mora com os pais, trabalha como baba e ganha R\$ 100,00 por mês (1/2 salário mínimo). Sua família tem renda familiar de 3 salários mínimos. É evangélica. Como atividades de lazer vai ao “Engenho Central”, curte um som, passeia como o namorado e assiste televisão.

Percebeu que era adolescente aos 14 anos. Para ela ser adolescente é “ter liberdade em diversas partes e interesse pela vida”. Acha que os adolescentes querem ser livres e ter diversão.

Recebeu as primeiras orientações sobre sexo com uma vizinha (“que é como uma irmã para mim”). Não se sente a vontade para falar de sexualidade com a família porque os pais são evangélicos e “evitam ao máximo falar sobre estes assuntos”.

Nunca teve aulas de educação sexual na escola, e acha que seria ótimo, porque “se a gente tiver alguma dúvida, as vezes pode ser tirada”. Considera que os temas mais interessantes

para as aulas seriam AIDS, namoro, modos de relacionamento, corpo do homem e da mulher, e vários assuntos deste tipo.

Na sua opinião as aulas deveriam ter bastante diálogo e os professores teriam que saber responder as perguntas.

Entende que sexualidade é “para mim seduzir, é o que acho”.

Não tem interesse em participar de entrevista individual.

**A – 3:** Adolescente do sexo masculino, tem 14 anos, mora com os pais, sua família tem renda familiar entre 3 e 6 salários mínimos. Não trabalha. Tem como atividades de lazer jogar futebol e assistir televisão.

Percebeu que era adolescente “quando a voz começou a mudar e os pelos cresceram”. Para ele ser adolescente é mudar o jeito de pensar e agir e encarar o mundo de outra forma. Na sua opinião os adolescentes querem realizar seus sonhos e objetivos e curtir o que a vida tem de bom.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo com o pai. Fala com os pais sobre sexualidade porque os pais são abertos e também com seus colegas. “Meus pais são bons educadores, sabem aconselhar e sabem ajudar na hora certa”.

Não teve aulas de educação sexual e acha que elas seriam de grande ajuda para evitar que os adolescentes engravidassem e para que entendessem assuntos relacionados ao sexo. Acha que um dos temas para discussão seria a gravidez na adolescência.

Acha que as aulas de educação sexual na escola deveriam ter dia e hora marcada, uma vez por semana. Os professores deveriam ser compreensivos e passar segurança para os alunos se abrirem.

Considera que a sexualidade e a maneira de entender e falar sobre sexo. Que todos tem sua sexualidade.

Deixou como perguntar: Sexo faz bem para a saúde?

Não aceitaria participar de uma entrevista individual.

**A – 4:** Adolescente do sexo masculino, tem 15 anos e mora com os pais, não trabalha e sua família tem renda de até 3 salários mínimos. É católico e suas atividades de lazer são jogar futebol e fazer teatro.

Percebeu que era adolescente aos 14 anos. Considera a adolescência uma idade diferente onde os adolescentes têm interesse em namorar.

Não recebeu informações sobre sexo e não fala do assunto em casa.

Não teve aulas de educação sexual, mas respondeu uma pesquisa sobre o assunto.

Acha que deveria ter aulas de educação sexual na escola, porque seria um trabalho legal, onde os adolescentes tirariam suas dúvidas e aprenderiam mais sobre o assunto sexual. Os assuntos a serem abordados nas aulas seriam: DST, HIV-AIDS.

As aulas deveriam ser dadas por professores que soubessem a matéria sobre sexo.

Não sabe o que é sexualidade. Gostaria de saber como são transmitido as DSTs e AIDS.

Não se manifestou quanto a entrevista individual.

**A – 5:** Adolescente do sexo feminino, têm 14 anos e mora com os pais que têm renda familiar de 3 salários mínimos. Trabalha como babá e recebe ½ salário mínimo. É religiosa

e familiar de 03 salários mínimos. É evangélico e tem como atividades de lazer andar de bicicleta e jogar futebol.

Considera que ser adolescente é não ser mais criança.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo com os professores na escola. Fica a vontade para falar de sexualidade com a mãe que responde as suas perguntas.

Acha que as aulas de educação sexual na escola são importantes

**A – 6:** Adolescente do sexo masculino, 14 anos, mora com os pais que tem renda familiar de 3 salários mínimos. É católico. Acha a adolescência a época mais bonita da vida, porque é recheada de descobertas, de ilusões. Percebeu que era adolescente quando “minha barba começou a crescer” e a ter responsabilidade.

Acha que a maioria dos adolescentes gosta de sair e namorar. Recebeu as primeiras informações sobre sexo com os amigos e com o seu pai.

“Nunca falei sobre sexualidade na minha casa”, “eu escutaria os meus pais na maior tranquilidade”.

Teve aulas de educação sexual no SENAC, no curso de eletricista.

Considera a educação sexual na escola muito boa e interessante

**A – 7:** Adolescente do sexo masculino, 14 anos, mora com os pais que tem renda familiar de 2 salários mínimos, trabalha como ajudante. Não tem religião. Acha a adolescência uma fase muito confusa, com muitos mistérios a ser conhecidos.

Recebeu as primeiras informações sobre sexualidade com os pais e na escola nas aulas de biologia.

Relata que às vezes fica com um pouco de vergonha, mas procura sempre tirar as dúvidas com os pais. Não espera partir

Considera que educação sexual é a “orientação sobre esses assuntos, como uso de preservativos, pois muitas adolescentes estão grávidas ou com problemas mais sérios”.

Uma boa aula de educação é quando você chega cheio de dúvidas e perguntas e sai com todas as respostas.

**A – 8:** Adolescente do sexo feminino, tem 15 anos, não é católica, mora com a avó que tem renda familiar de 3 salários mínimos. Faz bico olhando crianças quando as mães vão ao médico. Tem como atividade de lazer conversar e passear com as amigas.

Recebeu as primeiras informações sobre sexualidade “quando uma colega foi a primeira vez ter relação e eu perguntei a ela como foi e ela falou que foi demais”.

Não se sente a vontade para falar de sexualidade em casa porque não gosta de falar sobre isto. Nunca teve aulas de educação sexual na escola e não tem opinião sobre o assunto.

Encontrou muita dificuldade de responder o formulário, tinha dificuldades também de escrever. Durante o grupo focal ficou muito quieta, mas acompanhava a exposição dos colegas e mantinha-se atenta.

## GRUPO FOCAL 2 –GF 2

**A – 9:** Adolescente do sexo feminino, 18 anos, mora com a família do marido, cuja renda familiar está entre 6 e 7 salários mínimo. É católica e tem como atividades de lazer sair com os filhos e navegar na internet.

Percebeu que já era adolescente quando seu corpo começou a mudar e teve sua primeira menstruação.

Seus pais não conversavam sobre sexualidade. Recebeu as primeiras informações com uma professora da 5ª série. Sente-se a vontade para falar de sexualidade na família do marido porque “todos são abertos a qualquer tipo de conversa”.

Acha importante que os adolescentes tenham aulas de educação sexual para tirarem todos os tipos de dúvidas. Considera que os temas mais importantes para serem discutidos nas aulas de educação sexual são preconceito, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e outros.

Considera que são necessárias as aulas de educação sexual para que os adolescentes possam tirar todos os tipos de dúvidas e defende que as aulas devam ser descontraídas e práticas com fotos, vídeos e filmes.

**A – 10 :** Adolescente do sexo feminino, tem 19 anos, mora com os pais, e católica e a família tem renda de 3 salários mínimos (R\$600,00). Não trabalha e tem como atividades de lazer ler, ouvir música, sair aos finais de semana, namorar, estudar etc.

Percebeu que era adolescente quando começou “a me desenvolver, sentir que estava preparada para trabalhar e conhecer outras pessoas”.

Considera que ser adolescente “é não ter total independência, mas não depender dos pais para tomar certas decisões.”

Recebeu as primeiras informações sobre sexualidade na escola, e com os pais (a mãe). Sente-se a vontade para falar de muitos assuntos, “mas alguns assuntos que nossos pais não aceitariam. Embora seus pais conversem sobre sexualidade, tentam explicar o máximo possível, mas ainda “há restrições”.

Teve aulas na escola, com a professora de biologia, a dona Márcia.

Acha que educação sexual “é saber sobre sexualidade a prevenção tanto para doenças sexualmente transmissíveis como uma gravidez indesejada”.

Na sua opinião devem ser discutidos as doenças sexualmente transmissíveis, aborto, gravidez, homossexualismo,, problemas que acontecem com adolescentes, ejaculação precoce para homens que não conseguem se abri... (preservação)”.

Acha que a educação sexual na escola “pode esclarecer muitas dúvidas de algumas pessoas que não sabem, ou as vezes para pessoas que não tem com quem conversar sobre esses assuntos estar mais a par disto.”

Uma boa aula de educação sexual é quando todas as dúvidas são esclarecidas e quando todos entendem sobre o que estão falando, e que não seja uma coisa repetitiva, e haja descontração ...”.

**A – 11:** Adolescente do sexo feminino, 18 anos, é evangélica, mora com outras pessoas, trabalha em um escritório recebendo ( 1 e ½ Salário mínimo) R\$ 300,00. Sua família tem renda entre 3 e 6 salários mínimos. Para se divertir “namora, sai com amigos, vou a bailes, shows de pagode e viaja”.

Considera que ser adolescente é ser feliz.

Não recebeu orientações sobre sexualidade e não teve aulas de orientação sexual. Não tem liberdade de falar com a mãe e os pais não conversam sobre sexualidade.

Considera que educação sexual “ explicar como se prevenir de doenças, gravidez e dar orientações de como ter uma boa relação sexual”. E os temas que deveriam ser abordados na sua opinião “seriam como se prevenir das doenças e da gravidez pois vejo cada vez mais adolescentes grávidas. Acha necessário aulas de educação sexual para orientar melhor a todos pois é muito difícil ter dialogo em casa.

Uma boa aula de educação sexual e ter boas explicações e esclarecer todas as dúvidas dos adolescentes.

Deixou as seguintes perguntas para serem respondidas: “ É normal o sexo pelo ânus? Pode ter relação normal após ter relação pelo ânus?”

**A – 12 :** Sexo masculino, 19 anos, mora com o pais. A renda da família fica entre 3 e 6 salários mínimos. Não trabalha e suas atividades de lazer são sair de casa e dançar. É católico e percebeu que era adolescente quando aos 13 anos passou a não conviver mais com crianças.

Considera que ser adolescente é tudo importante.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo na escola quando estava cursando a 8ª série. Não fica a vontade para falar de sexualidade na casa “porque meus pais não tem uma boa cabeça e não conversam sobre sexualidade.

Já teve aulas de educação sexual na escola há dois anos, com vários professores.

Considera que “educação sexual é uma maneira de viver com a sociedade” e deveriam discutir os seguintes temas sexualidade, AIDs, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, virgindade e aborto.

Acha que as aulas na escola são necessárias porque são muito interessante estes assuntos.

Uma boa aula de educação “ deveria falar dos temas de educação sexual sem problema com as pessoas.

**A – 13:** Adolescente do sexo masculino; 18 anos de idade, evangélico, mora com os pais que tem renda familiar acima de 5 salários mínimos. Trabalha como operador de máquina e tem renda de R\$ 270,00 (1e 1/3 do salário mínimo), suas atividades de lazer são futebol e sair.

Percebeu que era adolescente quando “comecei a trabalhar e a namorar e a responsabilidade vinha em dobro no dia a dia”. Considera que ser adolescente é ter mais responsabilidade pelos seus atos, não ficar dependendo só do pai e da mãe.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo com os pais, se sente à vontade para falar de sexualidade em casa porque sempre é falado na hora que precisa e os seus pais conversam.

Não teve aulas de educação sexual na escola. Considera que educação sexual é o “ensino fundamental para quem está começando a entrar na fase de adolescência”. Sugere como temas para discussão nas aulas de educação sexual a prevenção de doenças.

Acha necessárias “ aulas de educação sexual na escola porque se todas as escolas tivessem aulas de educação sexual não havia a AIDS matando tanta gente, como hoje”

Uma boa aula é descrita como aquela que traz explicação completa de como se prevenir das doenças.

**A – 14:** Adolescente do sexo masculino, tem 17 anos de idade, mora com os pais, é católico, tem renda familiar acima de 5 salários mínimos. Trabalha como autônomo e recebe salário variável.

Como atividades de lazer sai com a namorada, vai a boates e pratica esportes.

Percebeu que era adolescente aos 12 anos quando percebeu mudanças nos pensamentos e atitudes. Considera que a adolescência é a época de aprender e tentar ser alguma coisa na vida.

Recebeu as primeiras informações sobre sexualidade com amigos. Sente-se a vontade para falar sobre sexo com os pais porque estes são liberais e conversam sobre sexualidade.

Considera que educação sexual é orientação e na sua opinião os temas a serem discutidos deveriam ser prevenção e cuidados.

Acha que as aulas de educação sexual na escola são necessárias porque nem todos adolescentes têm pais liberais, e as aulas deveriam falar o português bem claro.

**A – 15:** Adolescente do sexo feminino tem 17 anos, mora com os pais, é católica e a família tem renda de 3 salários mínimos. Não trabalha e para divertir vai ao shopping e dormi. Percebeu que era adolescente quando começou a “me interessar por coisas totalmente diferentes do que para mim era normal”. Considera que a “adolescente quer uma coisa e no instante seguinte não quer mais nada”

Recebeu as primeiras informações sobre sexo em uma ótima palestra. Não conversa muito sobre sexo em casa, “acho muito constrangedor falar sobre sexo com meu pai”. Seus pais não conversam sobre o assunto.

Na escola tem raramente aulas de educação sexual com os professores, mas algumas palestras.

Considera que educação sexual “é saber tudo o que há de bom no sexo e quais as conseqüências do que há de mal”. Sugeriu como temas para educação sexual “doenças sexualmente transmissíveis, racismo e gravidez”.

Defende as aulas de educação sexual na escola porque muitos alunos não tem para quem perguntar e com quem tirar suas dúvidas.

Para ela uma aula de educação sexual deria ser extrovertida com fotos, vídeos e até mesmo instrumentos para uma aula prática.

**A – 16:** Adolescente do sexo feminino, tem 18 anos e mora com o pai. A renda da família fica em torno de 3 a 6 salários mínimos. É cristã. Para se divertir sai com amigos, vai a bailes. Trabalha como monitora e recebe R\$ 220,00 (1 salário mínimo).



Percebeu que “era adolescente quando teve a primeira menstruação e quando foi ao primeiro baile. Considera que a adolescência é uma fase que temos de passar. Recebeu as primeiras informações sobre sexualidade na escola. Sente-se a vontade para falar de sexualidade em casa, mas o pai não conversa sobre sexualidade.

Teve aulas de educação sexual no SENAC. Considera que a educação sexual é para informarmos mais e poder passar o que sabemos para outras pessoas. Na sua opinião todos os temas são interessantes para as aulas de educação sexual, porque “talvez o que eu tenho dúvida talvez outra pessoa não tenha, e então para não criar confusão, se for possível discutir todos os temas que as pessoas tenham dúvidas é melhor”.

Acha que são necessárias aulas de educação sexual porque muitas adolescentes são muito inocentes e se não tem liberdade para falar e se informar em casa, pelo menos se informa na escola.

Considera que para uma boa aula de educação sexual deveriam locar filmes explicando todos os pontos positivos e negativos do sexo.

**A – 17:** Adolescente do sexo masculino, 18 anos, mora com os pais, a família tem renda familiar em torno de R\$ 1500,00. é católico e trabalha como ajudante recebendo R\$ 330,00.

Para se divertir joga bola, faz teatro, utiliza o computador, vídeo-game, lê revistas e jornais e assiste à televisão.

Percebeu que era adolescente aos 13 anos “com as funções hormonais dando seus primeiros sinais, com o crescimento de pelos e as ereções freqüentes”.

Para ele ser adolescente “é procurar a melhor maneira de ser feliz vivendo no seu mundo, aproveitando cada minuto desta fase que inclui dúvidas, nervosismo, contraste, etc.”

Recebeu as primeiras informações sobre sexo sempre através de programas de televisão e em roda de amigos.

“As vezes sente-se a vontade para falar de sexualidade em casa por naturalidade, e meio constrangimento que aparece”.

Os pais não conversam sobre sexualidade e não teve aulas de educação sexual.

Considera que “educação sexual são aconselhamentos, opiniões sobre a melhor forma para você não se dar mal em um “relacionamento, incluindo questões de prevenção a doenças, controle de impulsos, não se deixando tomar pelos hormônios.

Considera que deveriam ser discutidos nas aulas de educação sexual, temas como doenças, respeito, amor como um todo, etc.

Acha necessárias aulas de educação sexual devido à situação atual.

Uma boa aula seria conversar em roda, teatro sobre o assunto, elaboração de trabalhos e práticas sobre o assunto.

Deixou como pergunta: “como conquistar a pessoa amada?”.

**A – 18:** Adolescente do sexo feminino, 17 anos, mora com a mãe e trabalha como vendedora.

É evangélica e sua família tem renda familiar de R\$ 600,00.

Suas atividades de lazer são praticar esportes, sair e divertir o máximo possível, fazendo sempre algo agradável.

Percebeu que era adolescente quando começou a querer arrumar mais, sair com as amigas, ir ao shopping curtir um cinema e até sentir vontade de arrumar um namorado.

Considera que ser adolescente “é passar para outro lado da vida, conhecer outras coisas até mesmo sem conseguir entendê-las”.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo com a mãe e nas aulas de biologia.

Sente-se à vontade para falar de sexualidade em casa “porque é muito natural hoje em dia nos comentarmos sobre sexo com nossos pais, na minha opinião a melhor pessoa para conversar é nossos pais, pois eles podem passar suas experiências”.

Sua mãe sempre toca no assunto quando pode.

Já teve aulas de educação sexual na escola, mas ultimamente não. E gostaria de tê-las.

Sugere como assuntos os riscos das relações sexuais sem proteção e muitas outras coisas.

Acha necessária a educação sexual na escola porque “geralmente tudo se aprende na escola, tanto as coisas boas como as ruins, e também deveria ser a educação sexual que é de interesse de todos os adolescentes”.

Considera que uma boa aula de educação sexual “poderia ser mostrado alguns slides sobre doenças, como se prevenir e até mesmo teatro”.

“Gostaria de saber de várias coisas, mas não sei como pergunta-las. Gostaria de aprender mais sobre sexualidade na adolescência”.

**A -19:** Adolescente do sexo feminino, possui 18 anos, mora com os pais, tem renda familiar entre \$ 1200,00 e 1500,00. É evangélica. Tem como atividades de lazer ir a igreja, conversar com as colegas e fazer musculação.

Percebeu que era adolescente quando o corpo começou a mudar.”pois os meus seios começaram a crescer, os pelos pubianos também, enfim meu corpo mudou completamente.

Considera que ser adolescente “é saber curtir a vida, a vida sem drogas, gravidez precoce, é saber curtir a vida”.

Recebeu as primeiras informações sobre sexo na escola, nas aulas de biologia, e lendo folhetos sobre orientação sexual e doenças sexualmente transmissíveis.

Não se sente a vontade para falar de sexo com os pais, porque “os meus pais não se sentem a vontade e nem eu para falar sobre isso”. Seus pais não conversam sobre sexualidade.

Não teve aulas de educação sexual.

Entende que educação sexual é “onde as pessoas aprendem a se cuidar no ato sexual, e prevenir-se de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez indesejada”.

Na sua opinião nas aulas deveriam ser abordados os seguintes temas: doenças sexualmente transmissíveis, aborto natural e provocado, pílulas, gravidez e etc.

Acha importante ter aulas de educação sexual na escola porque muitos pais não têm liberdade de falar com seus filhos sobre esses assuntos.

Considera que as aulas deveriam ser práticas.

## ANEXO 2

### FORMULÁRIO PARA ADOLESCENTES

#### ATENÇÃO:

Este formulário contém questões referentes à adolescência, sexualidade e educação sexual na escola.

Algumas das questões são de caráter bastante íntimo e pessoal devendo ser respondidas com sinceridade. Garantimos que todas as suas respostas serão estritamente confidenciais e o anonimato será rigorosamente mantido, não aparecendo o seu nome em nenhuma parte do questionário.

Para o bom andamento da pesquisa é fundamental muita seriedade nas respostas. Caso você se sinta desconfortável ou constrangido(a) com alguma questão ou com todo o questionário, não há obrigatoriedade em respondê-lo.

Estamos trabalhando no sentido de conhecer as opiniões e necessidades dos adolescentes em relação à educação sexual na Escola. Agradecemos sua colaboração e honestidade nas respostas.

1. Sexo: 1 ( ) Masculino 2 ( ) Feminino

2. Idade em anos completos: \_\_\_\_\_

3. Você mora com os: 1 ( ) pais 2 ( ) Com a mãe 3 ( ) Com o pai 4. ( ) Outros. Quem?

\_\_\_\_\_

4. Você trabalha?

1 ( ) Sim. Profissão \_\_\_\_\_ Quanto recebe? R\$ \_\_\_\_\_

2 ( ) Não

5. Qual a renda da sua família:

( ) até \$ 600,00 ( ) \$ 600,00 a \$1.200,00 ( ) \$ 1.200,00 a \$1500,00 ( ) Acima de \$ 1500,00

6. O que você faz para se divertir? Quais são as atividades de lazer?

---

---

---

---

---

7. Você tem religião? Qual é?

---

---

8. Quando você percebeu que já era um(a) adolescente? Por que ?

---

---

---

---

---

9. Para você o que é ser adolescente?

---

---

---

---

---

10. Com quem você recebeu as primeiras orientações sobre sexualidade e sexo?

---

---

---

11. Você fica a vontade para falar ou tirar dúvidas sobre sexualidade na sua casa? Por que?

---

---

---

---

---

---

12. Os seus pais conversam com você sobre sexualidade?

---

---

---

---

---

13. Você já teve ou tem tido aulas de educação sexual? **Onde e com quem?**

---

---

---

---

---

---

---

---

14. Para você o que é educação sexual?

---

---

---

---

---

---

---

---

15. Na sua opinião quais os assuntos ou temas que deveriam ser discutidos na educação sexual?

---

---

---

---

---

---

---

---

17. Você acha necessário que os adolescentes tenham aulas de educação sexual na escola? Por que?

---

---

---

---

---

---

---

---

18. O que seria uma boa aula de educação sexual?

---

---

---

---

---

---

---

---

19. Quais as perguntas você gostaria que fossem respondidas?